

VIRGINIA NAZARÉ ROCHA AVEIRO DIAS

MEMÓRIAS DE UM IMIGRANTE AUTODIDATA:  
DE AVEIRO À RIBEIRÃO PIRES (1891-1978)

HISTÓRIA - PUC/SP  
SÃO PAULO  
2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

VIRGINIA NAZARÉ ROCHA AVEIRO DIAS

MEMÓRIAS DE UM IMIGRANTE AUTODIDATA:  
DE AVEIRO À RIBEIRÃO PIRES (1891-1978)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Doutora Maria Odila Leite da Silva Dias.

HISTÓRIA - PUC/SP  
SÃO PAULO  
2006

---

---

---

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

\_\_\_\_\_ São Paulo \_\_\_\_\_

Ao Amigo Manoel,  
onde quer que esteja.

## RESUMO

Muito já se escreveu sobre o processo de imigração para São Paulo, vários trabalhos destacam a importância da memória para enriquecimento destes estudos. O presente trabalho se propõe a analisar as memórias de um imigrante português, em registros autobiográficos em terceira pessoa. Por nunca ter frequentado escola, fez sua própria alfabetização, já adulto, aqui no Brasil.

“Biografia Aldeã ou vida de pobre” é o título dado a esse material original, trazendo registros de sua vida e experiências, sendo esta obra por nós utilizada como fonte e objeto de pesquisa.

Manoel Olímpio da Rocha Gonçalves, escreveu sem nenhuma intenção de divulgação, talvez pelo simples prazer de realizar-se pela palavra. Compreender sua visão de mundo, seu cotidiano, através da análise de seu discurso, inclusive buscando revelar as condições de produção do próprio discurso foram nosso objetivo. Metodologicamente recorreremos em especial aos estudos sobre cotidiano, micro-história, memória, análise de discurso e literatura confessional autobiográfica, seguindo a linha que para do específico para o geral, aproximando-nos o máximo possível das representações do mundo ao qual este senhor, personagem de si mesmo, pertenceu.

## ABSTRACT

More was written about São Paulo immigration process and many jobs shown up the importance of memory enrichment of these studies the present job come up with analyzing the memories of Portuguese immigrant registered in his autobiography written in third person. Although he had never attended school classes he made literacy by himself when he was an adult here in Brazil.

“Villager Biography or poor life’s” is the title done for this original material bringing register about his life and experience being this handwork for us used as source and research object.

Manoel Olimpio da Rocha Gonçalves, wrote no release intention, maybe for the pleasure of self achievement. Comprehending your world vision, your everyday through of your speech analyze, including revealing the condition of production in your own speech this was our aim. Drawing on studies about everyday, speech analyze and autobiography confessional literature following the line that start to specific from general, coming the maximum possible of world representation in which this sir, person of himself, bellowed.



PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ

(Bertold Brecht)

Quem construiu a Tebas de sete portas?

Nos livros estão nomes de reis.

Arrastaram eles os blocos de pedra?

E a Babilônia varias vezes destruída

Quem a reconstruiu tanta vezes? Em que casas

Da Lima dourada moravam os construtores?

Para onde foram os pedreiros, na noite em que

a Muralha da China ficou pronta?

A grande Roma esta cheia de arcos do triunfo

Quem os ergueu? Sobre quem

Triumfaram os Cesares? A decantada Bizancio

Tinha somente palácios para os seus habitantes? Mesmo

na lendária Atlântida

Os que se afogavam gritaram por seus escravos

Na noite em que o mar a tragou.

O jovem Alexandre conquistou a Índia.

Sozinho?

César bateu os gauleses.

Não levava sequer um cozinheiro?

Filipe da Espanha chorou, quando sua Armada

Naufragou. Ninguém mais chorou?

Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.

Quem venceu alem dele?

Cada pagina uma vitoria.

Quem cozinhou o banquete?

A cada dez anos um grande Homem.

Quem pagava a conta?

Tantas histórias.

Tantas questões.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	008
INTRODUÇÃO	010
CRONOLOGIA BÁSICA	030
ESPAÇO E TEMPO DA MEMÓRIA	033
A ESCRITA DA MEMÓRIA	068
Linguagem e organização de um discurso	069
Caminhos de sua aprendizagem	072
Questões que não dependiam de AM	075
AM no rol da literatura confessional autobiográfica	081
Com lidar com a memória	083
Do micro ao macro	086
Leituras do mundo para escrita de si	088
AM POR SEUS E POR OUTROS OLHOS	097
No jogo da temporalidade	098
Tríade basilar	100
Família e construção de moralidade	102
Deus: uma religião sem rótulos	111
Trabalho sem “comer dias”	120
CONSIDERAÇÕES	124
ANEXO	126
BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA	130

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível, sem nenhuma sombra de dúvida, porque minha família possui uma relação muito especial com a história e o conhecimento. Não fosse minha prima Roseli se interessar pelos caderninhos de anotações de meu avô, quiçá sua história, que se transformou em sua obra, não tivesse chegado às outras gerações e agora servido de material para a pesquisa que ora procuramos concluir.

Afirmo que estar na tentativa de conclusão, pois como muito bem me orientou desde o início a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Odila Silva Dias, estávamos lidando com uma vida, com muitos elementos a abordar e para tal, deveríamos tomar muito cuidado para não nos perdermos e dentre tantos aspectos fazermos escolhas muito claras. À professora Maria Odila, só tenho a agradecer suas preciosas indicações, sempre tão aberta as minhas idéias, dando-me realmente liberdade para pesquisar e criar, aparando arestas quando necessário, sempre tão elogiosa em suas considerações no encaminhamento da pesquisa, que espero não decepcioná-la.

À minha família devo agradecer seu amor aos livros e ao conhecimento herdados com certeza de meu avô, sendo este sentimento mola propulsora de tudo que sou, digo e faço. Minha mãe e meu pai contribuíram com muito mais do que apoio moral neste período, eles inclusive forneceram informações importantes sobre o cotidiano do “Amigo Manoel”, sua personalidade, seus gostos. À Luci, não tenho palavras: viveu e sentiu comigo o nascer e o desenvolvimento deste trabalho, como se fosse dela, sofrendo as angústias naturais e as alegrias nas descobertas de soluções e caminhos. Valéria, tão jovem e coerente de grande sensibilidade para análise, foi responsável pela qualidade gramatical e eloquência de meu texto.

Para ser justa, não posso terminar essas páginas, sem citar meu querido João Carlos, companheiro de absolutamente todas as horas, incentivando e acreditando sempre, criticando e brigando quando necessário, para que eu não me perdesse nas paranóias e esmorecimentos fazendo com que a missão que me impus alcançasse êxito. À Vladimir e Catarina simplesmente por existirem.

Para não me estender muito, agradeço a todos os amigos que torceram por mim e acreditaram na minha capacidade, especialmente os companheiros da E.E. Senador Casemiro da Rocha. Por fim, mas não menos importante, foi o incentivo financeiro dado pela Secretaria do Estado da Educação através do Programa Bolsa Mestrado, abrindo a possibilidade real de desenvolvimento de meu projeto, garantindo a sua execução que ao cabo de 2 anos chega em forma de dissertação que ora vos apresento.

Virginia Nazaré

## INTRODUÇÃO

Manoel Olímpio da Rocha Gonçalves, português, nasceu em aldeia pertencente ao distrito de Aveiro, Portugal. Viveu por 87 anos, sendo que aos 19 anos desembarcou no Porto de Santos para rapidamente se encaminhar para a cidade de São Paulo, onde ficou por três anos e 3 meses, retornando a Portugal, para dali a sete anos voltar novamente para o Brasil fixando raízes, mais precisamente na região metropolitana do Estado de São Paulo, até sua morte em 1978 na cidade de Ribeirão Pires.

Este homem anônimo, fruto de seu tempo, nasceu, cresceu, trabalhou incansavelmente nas mais variadas atividades, criou família, envelheceu, adoeceu e morreu. Um entre tantos outros indivíduos amou e sofreu, indignou-se, fez conjecturas sobre a existência, enfim, mesmo enfrentando várias dificuldades, viveu. Humilde imigrante, não frequentou bancos escolares, pois desde a mais tenra infância trabalhava de “escuro a escuro...”. Autodidata e com grande força de vontade, aprendeu suas primeiras letras aqui no Brasil, com apoio de um feitor “Sr. João”, quando trabalhou na construção de uma ferrovia em Pitangueiras, pois queria facilitar sua comunicação com seus familiares, recebendo e mandando notícias, mas principalmente para namorar por carta, acreditava que se outro a lesse ou escrevesse estaria namorando por ele.<sup>1</sup>

Desde 1965, registrava suas memórias, em caderninhos brochura, encapados com antigas embalagens de leite, tinham sido registradas sem nenhuma intenção de serem

---

<sup>1</sup> Dados futuramente pormenorizados que constam da “*Biografia Aldeã – ou vida de pobre*”, autobiografia do referido imigrante.

divulgadas. Encontradas numa gaveta com ar de abandono, por Roseli, sua neta com o qual tinha um laço mais estreito de convívio, foram por ela devidamente datilografadas e encadernadas em volume único de 614 páginas, e no natal de 1977, recebeu de presente, causando-lhe grande comoção. Poucos souberam deste fato, e alguns de seus 6 filhos desconheciam seus registros, apenas o viam constantemente escrevendo após o jantar. Suas anotações foram quiçá quantas vezes repassadas em outros cadernos mais novos. E ao reescrever como um copista, suprimiu ou acrescentou partes, retocou suas ações?

O que faz este personagem criado nesta autobiografia de diferente ou especial para merecer a atenção de um estudo historiográfico? Poderíamos responder que nada, enquanto indivíduo no meio de muitos que vivenciaram a mesma época que ele, mas é justamente aí que reside a sua singularidade. Como mostra Ginzburg:

*“... Alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo – justamente por isso representativo –, pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social num determinado período histórico...”<sup>2</sup>*

O caminho possível a ser trilhado é investigar a relação entre sua memória individual e sua participação coletiva, na sociedade, isto é, a relação entre indivíduo e a coletividade. Contribuem para essa reflexão, as palavras de Jacques Le Goff que coloca em artigo intitulado “A História do Cotidiano”, que o mesmo só tem valor histórico e científico no seio de uma análise dos sistemas históricos, que contribuem para explicar seu funcionamento, assim o cotidiano não é exterior aos processos históricos, mas interage com eles dialeticamente.

E nessa interação, o cotidiano enquanto conceito carrega intrinsecamente uma contradição, pois indica concomitantemente, ser espaço da rotina, repetição, cultura

---

<sup>2</sup> Ginzburg, Carlo “O queijo e os vermes” p.25 1976.

massificada, (porque ideologicamente ele passou a desempenhar o papel de homogeneização, estratégico ao poder constituído), mas pode ser o lugar da possibilidade constante de mudança, do romper com a tradição de criar um novo ser.

Michel de Certeau em sua obra *A invenção do cotidiano*<sup>3</sup> mostra que o importante é “o esmiuçar das práticas de sobrevivência(...), justamente, a resistência à ação disciplinadora e massificadora dos meios de comunicação de massa” (DIAS, 1998). E como veremos, a cada dificuldade nosso personagem reinventa seu cotidiano, com um senso peculiar de obediência às regras e disciplina sociais, selecionando por este mesmo senso as informações massificadoras que recebia.

Nossa perspectiva no presente trabalho será de enxergar o cotidiano como oportunidade de construir subjetividades, em especial do nosso sujeito social em questão, interpretando seus signos através da autobiografia por ele produzida. Os historiadores ao analisarem objetos / fontes do cotidiano, enfrentam necessariamente uma gama variada de temporalidades coexistentes numa mesma conjuntura histórica, explicitando as durações temporais que se sobrepõem diariamente em nossas vidas.

Phillippe Áries nos ajuda a compreender melhor a questão da temporalidade na análise de nosso objeto de estudo ao observar que, na história contemporânea fazemos uma reflexão sobre o homem em relação ao tempo em que vive, que é de demasiada similitude ao nosso, portanto o passado cada vez mais nos aproxima. O problema que então se mostra é conseguir simultaneamente nos apartarmos do tempo vivido pelo “nosso personagem” para analisá-lo de maneira objetiva, mas ao mesmo tempo, compreendermos que é impossível nos desvencilharmos da sensação de que o nosso tempo nos informa sobre a maneira de fazermos nossas análises e por isso interfere na visão que temos de nosso objeto

---

<sup>3</sup> Como destaca Maria Odila Silva Dias em seu artigo sobre a hermenêutica do cotidiano (1998)

de estudo. O autor desta autobiografia registra suas memórias buscando a linearidade, mas constantemente se vê dialogando com seu passado.

É pela memória que constituímos nosso passado, fazemos a coleta de cenas vividas, observamos a distância episódios, julgamos, salvamos ou condenamos pessoas e circunstâncias. Ao relembrarmos, nada vem tal qual ocorreu. A memória não é pura como afirmava Bérghson, ela é parte do processo que nos ajuda a construir a história, tanto coletiva, social, ou pessoal como nosso autobiógrafo, que escreveu, usando expressão de Júlio Pimentel Pinto (1997 p.205) na “*fronteira porosa*” entre a história e a ficção, sendo este o lugar possível da memória.

Podemos definir memória como “*propriedade de conservar certas informações por meio de um conjunto de funções psíquicas e cerebrais*” (Freitas , 2002). Memória e história, ambas lidam com o passado, mas de maneira diversa. Manoel Olímpio mais conhecido como Seu Rocha, consciente ou inconscientemente, conectou-se a duas temporalidades, ou seja, do tempo que se desenrolaram os acontecimentos contados e o tempo da redação de sua narrativa, talvez tivesse ânsia de recuperar seu passado, impondo sua vontade dando ordens a sua memória para que lembrasse, assim forjou sua história de vida utilizando a memória como seu instrumento.

Obra de uma vida, “*Biografia Aldeã*”, com subtítulo “*ou vida de pobre*”, registra a trajetória e experiências deste imigrante, de seu nascimento em Aveiro (1891) a São Paulo em 1910, o retorno a Portugal (1913) e a vinda definitiva para São Paulo em 1920, onde percorreu algumas regiões até se fixar em Ribeirão Pires, cidade onde morou até seu falecimento em 1978. Fonte primária de pesquisa provocou inquietação, levando a uma série de questionamentos que perpassaram o desejo de desvendar o mundo que este homem



viveu, e como ele o viu e experimentou, gerando um universo próprio de representações peculiares.

Importante frisar que essas representações começam a partir do próprio título que ele atribuiu a sua obra. *Biografia Aldeã* sugere claramente o que podemos esperar deste livro: a narrativa da história de vida de um aldeão, pessoa nascida em aldeia, e este termo carrega em si muitas significações – camponês, um toque de rusticidade e mesmo ignorância, mas também pessoa simples sem instrução, do povo.

Não lhe bastava para a caracterização um título sucinto, acrescentou “*vida de pobre*”, talvez porque ao narrar houvesse tido a consciência de que não fosse mais um aldeão, ou que isso era pouco, pois sua experiência o levou a ampliação de horizontes não apenas física e espacialmente (afinal na flor da juventude saiu de sua aldeia e atravessou o oceano, almejando futuro melhor), mas ultrapassou fronteiras de sua experiência de lavrador, sentiu que o mundo era muito maior e lutou pelo direito de ter acesso ao universo letrado. Sedento de informações, não se intimidou, garantindo olhar crítico, porém sem nunca esquecer a sua aldeia e os rigorosos valores que dela recebeu.

O mito do eterno retorno que envolve o imigrante, para ele se solucionou de maneira ímpar: por viver na fronteira das experiências da cultura rural e urbana, da cultura letrada e iletrada. Raiz fincada na aldeia, vida de pobre, entretanto cabeça aberta para nunca desistir frente as dificuldades e as novas situações que sua experiência lhe trouxe.

Esperemos um momento, pausa para algumas reflexões:

Este homem, meu avô materno, pessoa com a qual infelizmente pouco convivi (morreu quando tinha apenas oito anos) teve sua imagem construída por minhas lembranças de infância, sendo o vovozinho que vivia acamado, mas sempre lúcido e sábio; figura

amorosa e frágil, em nada se assemelhando ao AM que encontramos nas páginas da *Biografia Aldeã*, porém ambos sendo figuras cativantes cada um a seu modo.

Ainda pré-adolescente mais para agradar a minha mãe, pus-me a ler suas memórias, guardadas com zelo de preciosidade por minha prima que colaborara para sua organização. Não tive fôlego para chegar ao final das 614 páginas, mas a semente de inquietação estava lançada. Já madura e ligada indissolavelmente aos estudos históricos, retomei sua leitura e para minha surpresa, descortinou-se uma fonte primária riquíssima, daquelas histórias que são contadas num tom tão próprio, por meu falecido vovô. Da semente lançada germina o projeto que só iria realmente ter concretizado seu desenvolvimento de pesquisa após sete anos de maturação.

Compreender a visão que tinha do mundo, o contexto histórico que vivenciou sempre foram o Norte, mas um medo rondava minhas investidas: como não parecer piegas e frívola, até mesmo medíocre? Não resgatamos nada do passado, pois este não precisa ser salvo. Meu avô viveu, com problemas, erros ou acertos, ele não esteve mergulhado nas suas memórias, pelo contrário, eu mergulhei nelas. Teria eu condições de analisar aquele discurso dialeticamente, sem simplesmente encaixá-lo em uma ou outra perspectiva metodológica de trabalho acadêmico? Assim, para não frustrar minhas próprias expectativas, aprendi com seus escritos, a exercitar a falta de pretensão, que no meu caso seria a busca pela verdade histórica ou a idéia de encontrar a “vida como ela foi”.

Mesmo sendo meu avô, essa proximidade não tornou clara e muito menos simples, sua figura para mim, tornando tudo mais interessante causando o desejo de desenvolvermos caminhos para nos aproximarmos do seu “eu histórico”.

Costuma-se dizer que mesmo que se viva muitos anos com uma pessoa não a conhecemos completamente, apenas observamos várias características, podemos talvez

prever uma reação ou outra, mas jamais todas, frente a qualquer situação. Assim é também com o conhecimento histórico, como afirma Carlo Ginzburg (1989) este é “*indireto, indiciário, conjetural*”, e dessa forma o historiador deve lidar com a falta de transparência da realidade, e a necessidade de agir como “*caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa*” (idem 1989). Esta forte metáfora trazida por Ginzburg nos ajuda a compreender que trabalhamos com o nosso objeto dentro de um paradigma indiciário, onde a semiótica tem papel crucial.

A autobiografia de meu avô é carregada de significações do título à última linha. Não sabemos os “reais motivos” que o levaram a vontade de querer registrar sua vida, mas temos suposições. Para Roseli, a neta que organizou seus escritos e os transformou num livro, era avô carinhoso, vaidoso, sempre com uma palavra de incentivo, para uma das filhas (mãe da neta citada) homem rígido, honestíssimo, nem um pouco preocupado com aparência, e ele definiu a si mesmo como “*pobre*”, e “*portador de certa infelicidade*”. Todas essas adjetivações não são excludentes no todo, mas indicam as várias facetas desse homem.

Como um detetive, devemos ter olhos e intuição apurados para distinguirmos elementos, compreendermos signos e assim como num quebra cabeças, pelas partes alcançar um todo possível. Exemplo desse exercício como parte do ofício do historiador foi a obra de Natalie Zemon Davis “*O retorno de Martin Guerre*”. Neste livro a autora apresenta resultado de pesquisa de um caso específico da França no século XVI, a respeito de um aldeão que abandonou a família, mas aparentemente retornou. Alguns anos depois, foi denunciado pela esposa, após viverem 3 anos juntos e terem uma filha, acusado de não ser o verdadeiro aldeão Martin Guerre. Apesar de quase ter conseguido a absolvição, foi

condenado e levado ao patíbulo, por ter o verdadeiro Martin Guerre reaparecido em meio as discussões do final do processo.

Como Davis foi construindo sua narrativa desses personagens e penetrando no frágil, mas instigante terreno das possibilidades para trazer mais do que o cotidiano desses franceses do XVI, mas suas possíveis motivações, prováveis pensamentos e sentimentos, é o que de melhor pudemos saborear deste belo trabalho.

Aproveitando um pouco das palavras desta historiadora ao comentar sobre Martin Guerre ( o verdadeiro) e Arnaud du Tilh (o impostor), conseguimos estabelecer paralelo com nosso autobiógrafo:

*“Mas ainda sabemos pouco sobre as esperanças e sentimentos dos camponeses (...) Muitas vezes pensamos neles como pessoas com poucas escolhas; mas, de fato, será verdade? Será que alguns aldeões individualmente nunca tentaram modelar sua vida de formas insólitas e inesperadas?”* (Davis, 1987)

Ginzburg (1989) nos auxilia na resposta, apontando o grande esforço da burguesia para se apropriar dos saberes de camponeses e artesãos codificando-os, intensificando um “gigantesco processo de aculturação” gerando uma idéia de homogeneização, remetendo a uma “tendência a apagar os traços individuais”. Queremos aqui justamente trazer o que é o individual de meu avô, suas escolhas angústias expectativas e certezas, para verticalizarmos nossa investigação, posto que construiu sua trajetória de vida tendo e aproveitando oportunidades, beirando o insólito em meio a rotina de uma aldeia.

Aprendi um artifício com nosso objeto: a 3ª pessoa. O “nós” utilizado neste texto, não é majestático, espero que não se mostre frio, mas foi o caminho encontrado para dar a distância desejada dessa nossa concomitante fonte / objeto de pesquisa com quem temos mais do que laços afetivos como também consanguinidade. Isto posto, retomemos o rumo.

A Biografia Aldeã foi como citamos, narrada em terceira pessoa, o autor é há um tempo narrador e personagem, pois transformou em personagem a si mesmo, a quem denominou AM. Aproveitamos o ensejo para frisar o recurso de nosso próprio discurso, adotando a partir daqui as “letras” AM para identificarmos nosso autor, procurando assim nos aproximarmos dele, para atingirmos o máximo possível a intimidade necessária com seus valores, experiências e quem sabe sua concretude de sujeito social.

*“ ...Essa criança, que é o principal personagem da Biografia Aldeã ou vida de pobre, será conhecida pelas iniciais AM...” (p.1)*

*“ ...AM devia passar um vida de sofrimentos, trabalhando muito até os 72 anos...” (p.55)*

*“... Quando o AM deu ao autor as informações para a Biografia Aldeã...”(p.152)<sup>4</sup>*

Estes fragmentos já nos dão pistas em relação ao discurso desenvolvido ao longo da obra, que levou mais de 10 anos para ficar pronta - tendo muitas interrupções - chegando em certo momento o autor a duvidar que iria concluir suas memórias, sendo observáveis algumas alterações na forma da narrativa. Decifrar a ordem semântica do discurso pode nos ajudar a desconstruí-lo e assim absorver o conteúdo histórico que possui.

Compreender como AM pode construir seu discurso, sua forma de escrita, as características literárias de uma autobiografia e as possibilidades de trabalho com a memória, não oral, mas registrada, por quem as viveu e também de pessoas próximas dele, essas sim fontes orais, são alguns dos elementos com os quais nos deparamos e procuramos desenvolver num segundo Capítulo.

Por ora daremos uma noção geral desse material: como já dissemos, AM fazia anotações quase diariamente após o jantar. Especificamente sobre sua história de vida,

---

<sup>4</sup> Fragmentos retirados da obra Biografia Aldeã e suas respectivas páginas.

pudemos encontrar seis caderninhos brochura, sendo que dois deles eram a cópia, de dois outros mais antigos, já com algumas partes corroídas ou de difícil leitura.

Os quatro caderninhos citados – que se tornaram matéria prima para o livro – foi produto final de registros passados a limpo por ele próprio. Os motivos que o levaram a essa atitude? Podemos levantar hipóteses, afirmações precisas são impossíveis. Rever seus escritos como passatempo é o mais provável. Criou índice com numeração romana, numerou páginas e deu seqüência lógica as suas anotações.

A seguir descrevemos, capítulo a capítulo como se estrutura a obra aqui em questão com comentários gerais dos temas tratados, os capítulos finais de cada caderno não necessariamente chegam ao fim juntamente com o mesmo, mas são de transição para o próximo caderno. Observa-se que as histórias sobre Ribeirão Pires começam ainda no 2º Caderno e vão até o final do 4º de *Biografia Aldeã ou vida de pobre*:<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Seguimos as indicações do índice do próprio autor.

<p>Caderno 1</p>	<p>Capítulo I – Infância na Aldeia          Capítulo II – Onde se prova que não é só na pouca idade que existe a incapacidade          Capítulo III – O pai de AM volta a ser moliceiro          Capítulo IV – Depois de 27 anos o pai de AM volta a ser moliceiro          Capítulo V – Um Cometa passa no centro de Portugal.          Capítulo VI – Os hábitos tomados por alguns portugueses causam decepção ao AM          Capítulo VII – Chega uma carta de Portugal que produz em AM um secreto mal estar.          Capítulo VIII – Incapacidade de um agente          Capítulo IX – Não tentar a Deus          Capítulo X – As leis Portuguesas          Capítulo XI – O AM volta para São Paulo          Capítulo XII – De surpresa em surpresa.          Capítulo XIII – O Regresso          Capítulo XIV – Uma luta arriscada          Capítulo XV – Noites de insônia          Capítulo XVI – AM substitui numeração          Capítulo XVII – Uma pergunta do autor</p>	<p>Do capítulo I ao IV narra sua infância e adolescência e todo sofrimento que passou.          O quinto capítulo é de transição, mostrando sua viagem para o Brasil e as questões de trabalho no rio Tietê junto a seu primo Costa, que se estendem aos capítulos seguintes.          No sétimo capítulo mostra sua tristeza por ser analfabeto. Do oitavo ao décimo capítulo mostra sua atividade em Pitangueiras, local onde se alfabetiza sozinho.          Nos capítulos seguintes até o XIII trabalha novamente no rio Tietê, mesmo já tendo decidido voltar para Portugal, o que mostra nesse capítulo.          Do capítulo XIV ao XVII mostra seu alistamento no exército português, os artifícios que cria para poder se afastar do campo de batalha quando viu que isso era iminente.</p>
<p>Caderno 2</p>	<p>Capítulo XVIII – Um noivado na aldeia          Capítulo XIX – Haverá uniões que a morte não separa?          Capítulo XX – Primeiros tempos da vida conjugal          Capítulo XXI – Efeitos da guerra de 1914 a 1916          Capítulo XXII – Um ano e pouco de separação          Capítulo XXIII - Primeiros passos no caminho da infelicidade          Capítulo XXIV – Duas palavras bíblicas          Capítulo XXV – Deus não permite que o AM pereça nos chifres de um touro          Capítulo XXVI – Dificuldades obrigam o AM a trabalhar novamente no rio.          Capítulo XXVII – Ditos favoráveis a Light          Capítulo XXVIII – Onde está o homem está o perigo          Capítulo XXIX – A canadense usa e abusa          Capítulo XXX – Crianças viajam protegidas por uma gamela.          Capítulo XXXI – Primeiros tempos em R. Pires          Capítulo XXXII – O homem propõe mas Deus dispõe.</p>	<p>Os capítulos XVIII ao XX mescla análises econômicas pessoais e da família para que pudesse fazer seu casamento e garantir a sobrevivência da família que iria constituir.          Apesar das muitas dificuldades econômicas que aparecem, conta sobre a gripe pneumônica que atingiu Portugal, sua aldeia, ele e sua família, considerando a doença como efeito da guerra.          Não deixa muito claro seus motivos e no capítulo XXIII narra seu retorno definitivo para o Brasil em 1920, separando-se da esposa por aproximadamente um ano e meio.          Pelo título do capítulo XXIII consideramos que a infelicidade foi empatar dinheiro no Bororé para depois perder tudo para ser afundado pelas águas da Represa Billings, neste meio tempo faz uma discussão sobre as cidades serem um local onde imperava a falsidade e a traição.          Nos capítulos seguintes mostram sua batalha perdida para a Baleia canadense, como chama a Light.          O Capítulo XXX é longo e de transição, mostrando sua amargurada saída do seu sítio em Santo Amaro, nos outros conhecemos o curto período que viveu no Brás, preparando-se para mudança para Ribeirão Pires.</p>

Caderno 3	Capítulo XXXIII – Só por milagre a esposa do AM consegue viver. Capítulo XXXIV – Antes que cases olha o que fazes Capítulo XXXV – O Desmoroamento Capítulo XXXVI – Traição ilimitada Capítulo XXXVII – Confirmam-se as suspeitas do AM Capítulo XXXVIII - Um ano sem despachar leite para Santos	Expõe sua tristeza em relação a situação de saúde de sua esposa e os problemas de família com a morte de seu irmão caçula além dos problemas econômicos que tinham, em seguida passa a contar todas as suas atividades e todos os problemas que enfrentava na luta por sua sobrevivência em todas as atividades que desenvolveu enfrentando pessoas gananciosas, ou que gostavam de tirar vantagem do trabalho alheio, segundo sua visão.
Caderno 4	Capítulo XXXIX - Tudo tem limites Capítulo XL - Cena desagradável Capítulo XLI – Um advogado patife entra na linha Capítulo XLII – Deus compensa uma boa ação Capítulo XLIII – Livre pior do que escravo Capítulo XLIV - Trabalhar, mamparrear ou pedir conta! Capítulo XLV - Peripécias do novo emprego Capítulo XLVI – Último perigo Capítulo XLVII – A avareza deve limitar-se Capítulo XLVIII – Último emprego Capítulo XLIX – Um lembrete do autor Capítulo L – O autor pergunta.	A mesma linha de narrativa continua neste caderno, terminando com sua saída definitiva da irmandade que pertencia da igreja Católica após divergências com o padre desta paróquia. O último capítulo é totalmente espiritualizado, com discussões a respeito da morte.

Dar voz a personagens anônimos que têm vivências e devem ter suas experiências respeitadas, nos remete aos cortes temáticos viáveis a serem desenvolvidos, pois nesta autobiografia não linear, envolvendo várias temporalidades, não se considera correto periodizar, mas tematizar sua caminhada. Muitos recortes são possíveis, mas escolhemos como eixos centrais de discussão sua vida de trabalhador, os espaços que percorreu nesta trajetória, os valores morais e religiosos que possuía.

Desempenhou desde os quase cinco anos de idade, as mais variadas tarefas. Em Portugal, foi lavrador e depois moliceiro<sup>6</sup>. Em São Paulo teve atividades como barqueiro nos rios Tietê e Pinheiros respectivamente, tirando areia do fundo dos rios de 1910 a 1913

<sup>6</sup> Atividade relacionada a retirada do moliço, vegetação típica da ria de Aveiro apropriada para alimentação de gado assim como adubo.



e depois recolhendo lenha para as olarias próximas do Pinheiros. Foi operário em ferrovia e serraria, cuidou de gado e negociou leite, foi oleiro, jardineiro; exercendo por vezes várias delas concomitantemente.

No primeiro capítulo, deste trabalho, propomos a análise de sua trajetória e dos elementos de conjuntura política e econômica que o fizeram partir de Portugal, vir para o Brasil, fixar-se em São Paulo e posteriormente em Ribeirão Pires, A princípio, pudemos levantar evidências, mostrando elementos ligados a sua situação pessoal e ao contexto histórico de forte fluxo migratório que envolveu a Europa e a América.

O pai tinha trabalhado no Brasil durante um curto período e já tinha um primo trabalhando no processo de dragagem do rio Tietê. Quando veio para o Brasil em 1910 trabalhar com esse parente, ofereceu indícios de que Portugal vivia certa crise, pois frisou que ao sair de sua aldeia a monarquia estava por acabar. Por sua vez, no Brasil o fim da escravidão foi acompanhado por uma enorme demanda de trabalho, sendo que de 1887 a 1913 trabalhadores assalariados nas lavouras de café haviam quintuplicado. Porém nosso personagem não veio com contrato nem com intuito de trabalhar em fazenda, fez parte de um sistema de imigração em grande escala subvencionado pelo governo brasileiro, mas estando em meio à massa, dela se destacava por sua particular condição de trabalhador autônomo desde o princípio, como ele próprio afirma.

Observamos que o processo de imigração está diretamente relacionado a questões de trabalho e, contudo, este estabelece uma ponte com o espaço em que as atividades se desenvolveram: a cidade, remetendo-nos ao segundo corte temático de análise.

*“(...)para trabalhar no chamado rio Aveiro que é um braço do Oceano Atlântico.”  
(p.5)*

*“(AM) então, um domingo às 4 horas, saiu de Pitangueiras. Às 5 horas parou na Estação da Passagem (sic), para pegar o trem rumo à São Paulo”. (p.63)*

*“ (...) devem obedecer as seguintes instruções: em Santos tomavam o trem para São Paulo, ou estação da luz, desembarcar do trem e sair da estação para o lado esquerdo, tomar a rua da Conceição que vai da rua Mauá à ladeira Santa Efigênia que é curta e vai próximo do ponto a onde se pega o bonde pinheiros; chegando ao ponto final que é no largo de pinheiros, descer e pegar a rua pais Leme que vai até a rua Eugênio de Medeiros que corre paralela com o rio chegando ali perguntar que não falta quem informe.” (p.176)*

*“ (...) o moço, atento olhou a Igreja de Santa Ifigênia tomou atenção na placa que então dizia: Ladeira Santa Ifigênia (mais tarde rua do Seminário)” (p.178)*

São inúmeros os exemplos que mostram a cidade como seu espaço de vivência, e mais diretamente no caso do nosso objeto de estudo, os espaços foram mais especificamente os cenários do nosso personagem, não só a capital paulista, mas também sua aldeia em Aveiro, os rios, a terra a ser arada, e mais detidamente Ribeirão Pires. Os lugares foram constantemente sendo construídos e desconstruídos em sua memória.

Cita muitos lugares do centro tradicional de São Paulo, oferece medições de distância entre pontos referenciais, determina formas de relevo, tipos de vegetação. Não verificaremos se estes números correspondem com precisão à realidade, por exemplo, se *“a inclinação da margem direita do Rio Pinheiros não passa de 8 %”*, apesar disso parecer uma tentação, porque seriam análises exaustivas e pouco relevantes.

São suas reflexões de homem maduro, feitas sobre as reminiscências do passado, como se fosse por assim dizer, AM um filtro de “homens e lugares” ou melhor, a maneira como se lembra e como se relacionou com tal espaço ou homens no espaço, e sua incessante necessidade de detalhar suas memórias é que nos interessa.

Podemos partir de alguns conceitos trazidos por Walter Benjamin, localizando então nosso personagem como um flâneur, que desenvolve em torno de si um escudo que o situa na massa urbana sem permitir que nela se envolva, por isso filtra imagens, pessoas na multidão e conjectura a respeito delas.mas isso também não bastaria pois a imagem e

sensação que temos desta figura, o flaneur é demasiado burguesa para representar a situação de AM, trabalhador incessante que chegou a enfrentar várias épocas de penúria, e ainda assim, apesar da dureza de sua realidade, não bloqueou, mas moldou sua sensibilidade.

É comum compararmos quando se trata desse tema sobre cidade, a figura desenvolvida por Benjamin ao “homem da multidão” do escritor Edgar Allan Poe, mas a este AM menos ainda se assemelha, pois ao observarmos sua descrição de “velho decrépito de uns 65 anos de idade” que chamou a atenção do narrador- personagem por sua maneira de ser e sua expressão, afasta-se de AM no momento crucial onde, recusando-se a estar só, é da multidão mas não a percebe, e concomitantemente, não é percebido. È o narrador deste conto que tem maior proximidade com AM, pois descreve minuciosamente o espaço e as pessoas, com juízo de valor, faz observações tentando enxergar para além das aparências.

Num bairro fronteiro de Ribeirão Pires, segundo uma lei de 1987, poderia ser encontrada a Rua Manoel Olímpio da Rocha Gonçalves, quando numa cerimônia solene da Câmara Municipal da cidade, na década de 90, foi comunicada e oficializada homenagem, realizada para vários moradores tradicionais da cidade, dando seus nomes a determinadas ruas do município.

Ser “nome de Rua” parece-nos que não é para muitos, mas entre eles está nosso personagem que após sua morte ficaria registrado materialmente na história e no espaço urbano, levando a uma imagem descentrada dele fisicamente, porém com a memória perpetuada, concentrando emoções de seus familiares que folgaram em saber que seu antepassado estava marcado no espaço da cidade . Na citada cerimônia, seu filho mais velho representou-o, recebendo a reprodução da Placa com o nome de seu pai.

O que teria achado dessa homenagem, este arguto crítico dos “comerciantes usurários” e conseqüentemente da elite social ribeirãopirense? Jamais saberemos, mas podemos levantar hipóteses, pois honesto e sem meias palavras como se colocava, provavelmente acharia certa graça nesta homenagem.

Constantemente trabalhamos num campo que merece atenção do ponto de vista de análise metodológica, dividindo-o em pelo menos três situações:

- A memória registrada pelo seu próprio agente, aquele que experimentou o que narra e num processo quase antropofágico devolve como acredita que foi à sociedade;
- Analisar as memórias de quem conviveu com ele e criou imagem idealizada, pois envolve muitos sentidos e sentimentos;
- Trabalhar com as próprias representações que o pesquisador faz em relação a seu objeto de pesquisa, principalmente quando este lhe fala tão de perto por se tratar de seu avô materno.
- Enfim, conforme a teoria de análise de discurso, o que se busca neste estudo é revelar as condições de produção do próprio discurso, posto ser isso fundamental para a compreensão do corpus processual, consolidando a análise histórica dele advindo.

Dessa forma chegamos ao que consideramos o cerne dos questionamentos que permeiam nossa atividade de pesquisa. As representações do mundo ao qual nosso personagem pertenceu, suas observações de cunho profundamente moralista e religiosa, suas concepções no momento que viveu ou no momento que relembrou sua caminhada.

Para compreendermos a escrita de sua memória procuramos discernir uma séire de elementos como a linguagem utilizada e a organização de seu discurso;como aprendeu

sozinho para poder se expressar e muitas vezes até desabafar no papel o que talvez não quisesse ser interrompido ou julgado; procuramos também fazer um reconhecimento de questões contextuais que levaram a ele não freqüentar a escola no período tradicional; depois partimos para a análise do estilo literário que desenvolveu para revisitar sua vida e experiências, levando-nos ao trabalho com a memória, como ele fez e as possibilidades de sua análise.

O que escreveu foi fruto em especial de suas leituras, da Bíblia e dos Almanques como *Biotônico Fontoura*, como arcabouço de seu discurso. Também o contato com livros do médium Ramatis, as profecias de Nostradamus e a forte ligação que teve com o conteúdo do programa de rádio de Alziro Zarur, fundador da Legião da Boa Vontade colaboraram contribuíram para formar sua visão de mundo. Essas leituras e interpretações tão ecléticas fazem parte das investigações deste capítulo, onde precisamos buscar as mais variadas fontes para conseguirmos compreender o que nos propusemos, entre elas, arquivos de jornais, fotografias, depoimentos, e as próprias leituras originais quando nos foi possível encontrá-las.

Por suas memórias não terem caráter de confissões de diário, observamos que no decorrer de sua vida AM foi desenvolvendo uma visão bastante crítica da sociedade que vivia assim como principalmente por ter invariavelmente uma leitura diferenciada da Bíblia, mas, além disso, preocupava-se com alguns valores morais muito caros a ele, o trabalho em contraponto ao ócio, a honestidade contrapondo-se a falsidade, a lealdade à traição, e o respeito a todos, velhos e novos. Afirmava apreciar ouvir conselhos, mas, antes de pô-los em prática, analisava não só seu conteúdo como também quem o dava se era digno de confiança.

Muito baseado nas leituras dos almanaques, cita a passagem de um Cometa em Portugal em abril de 1910, dando sua definição de cometa, as observações dos astrônomos, suas conseqüências, assim como comenta a época de dominação napoleônica em Portugal. Observando estes exemplos podemos pensar: quais livros foram lidos durante sua jornada? A princípio o mais obvio é a própria Bíblia, mas de onde tirou tanto conhecimento, que muitas vezes foi interpretado a contrapelo, ou completo avesso? Não nos deixou pistas claras, merecendo maior investigação, pois soube datar fatos históricos de Portugal com bastante precisão, de onde tirou tantas informações que o deformassem a respeito dos franceses?

“Que obrigação teria eu de derramar o meu sangue e do meu semelhante para defender os franceses? (...) não foram esses mesmos franceses que durante sete anos, mataram, mataram, roubaram, defloraram moças de mínimo de 8 a 10 anos, e isto na presença de toda a família; e não satisfeitos com essa desgraça, arrancavam dos braços maternos, as criancinhas, para atirá-las ao alto, esperá-las na ponta das baionetas dizendo que eram passaritos, para depois violarem as mães(...) eram obrigadas a aceitar: não um soldado, mas todos quantos se achavam presentes. Que mal haviam feito os portugueses aos franceses para ser tratado por semelhante maneira, pois que nem ao menos ofereceram resistência?” (GONÇALVES, 1976 p. 97)

No terceiro capítulo além de aprofundarmos questões de ordem semântica construindo uma tríade basilar de seu discurso, analisaremos conversas tidas com familiares na intenção de captar a convivência, mas principalmente para tentar montar imagem a mais próxima possível da pessoa que foi nosso imigrante. Destacamos a conversa com Roseli, a neta que colaborou para preservar sua autobiografia respeitando-a ao reproduzi-la sem alterar nem os erros ortográficos ou gramaticais segundo a norma culta, e com sua mãe Idalina, que divergiu da imagem construída de seu pai feita por sua filha, mas ambas colaboraram para tirarmos as camadas do nevoeiro da distância, sobre o homem que nos

interessa. Dessa forma, partimos de sua família para a ela retornar passando pela sua religiosidade e pelas questões de trabalho, fazendo breve levantamento iconográfico.

Seu esforço para evocar seu passado parece ter sido imenso para lembrar com riqueza de detalhes os instrumentos utilizados em cada atividade de trabalho desenvolvida, sendo que ainda usava várias delas no período que escreveu. Oferece vastas explicações acerca de medições em geral, e como trabalhar com a terra, arando, plantando, de como dragar areia, como conhecer e cuidar de animais, características de plantas, dos ciclos climáticos, e muito mais.

Deter-nos neste ponto sobre seus valores, será um processo muito interessante de esmiuçar os elementos que compõem sua narrativa e sua própria vida, dando-nos então sua visão de mundo, mesmo que ainda fragmentada e distante do real, mas a sua visão de mundo possível de alcançarmos após análise de sua autobiografia sob a luz da historiografia competente.

## CRONOLOGIA BÁSICA

1891 – Em Vagos, aldeia pertencente ao distrito de Aveiro, nasce Manoel Olímpio da Rocha Gonçalves, doravante conhecido por AM, 23 de abril.

1896 – Ano provável que AM começa a trabalhar na lavoura de seu pai.

1899 – The São Paulo Transway Light & Power é autorizada a explorar energia elétrica em São Paulo e Rio de Janeiro.

1901 – A Light funda a primeira Usina Hidrelétrica do Brasil.

1902 – AM com 11 anos e meio, sem nunca ter freqüentado a escola, vê a conversa entre seus pais com a preocupação de talvez envia-lo a escola e assim este faltar muitas horas no trabalho. (essa preocupação não se concretiza).

1903 – Os pais o colam como membro da Irmandade do “Sagrado Coração de Jesus”

1904 – Ano em que pouco depois de AM completar 13 anos, em 29 de junho vai trabalhar com dois funcionários de seu pai num barco, para apanhar moliço.

1906 – A Light toma decisão da empresa de construir a Represa Guarapiranga.

1908 – Com “18 anos incompletos” iniciou namoro com uma mocinha de 13 anos.

1909 - Término da construção da represa Guarapiranga.

1910 – “No dia 03 de maio, 3 da madrugada, AM disse adeus à casa paterna”(p.28) Primeira viagem para o Brasil que durou 22 dias de Lisboa ao Rio de Janeiro. No mesmo período vai trabalhar com um patrício explorador na retirada de areia do Rio Tietê.

1911 – AM vai trabalhar num tronco de ferrovia em Pitangueiras. Nesse período se alfabetiza e adocece por pouca alimentação.

1912 – AM retorna ao trabalho no Tietê junto com seu primo.

1913 - Após 3 anos e 3 meses volta para Portugal.

1914 – Eclode em julho, com assassinato do herdeiro do trono do Império Austro-húngaro, a Primeira Grande Guerra. Portugal vinha recrutando rapazes desde 1910 para fortalecer suas frentes nas colônias da África.

1915 - Alistamento militar de AM que, abertamente contra os franceses, cria um subterfúgio e consegue ser dispensado.

1916 – AM casa-se com a menina com quem começou a namorar 8 anos antes. Em 02 de dezembro. Volta a trabalhar na Ria de Aveiro, concomitante a atividade agrícola.



1917 – Grande surto de gripe causada pelo vírus Influenza , aqui conhecida como Gripe Espanhola.

1918 – AM perde um primo e sócio de gripe pneumônica, também contrai a doença mas sobrevive. Crê que não podia morrer, pois tinham lhe reservado uma missão.

1919 – Nasce o primogênito Manoel (primeiro com vida, antes havia nascido Maria mas faleceu com 35 dias). Em 10 de dezembro.

1920 – Após alguns problemas, AM não esclarece porque decide voltar para o Brasil. Mesmo assim, parte em viagem definitiva para São Paulo, deixando a esposa grávida, da 2ª filha. Em 05 de outubro. Retoma sociedade com o primo Costa como barqueiro agora no Rio Pinheiros retirando lenha nas margens.

1921 – Nasce Ermelinda (falecida em 1997).No mesmo ano, chegada da esposa de AM (que lhe enviou carta de chamada) com seus dois filhinhos , acompanhada do cunhado Giorgino (a quem ele só menciona como irmão). Moram no período no bairro de Pinheiro.

1923 – Nasce em São Paulo o 3º filho do casal Cândido (falecido em 1999). Adquire sítio na região de Bororé, (no período pertencente ao município de Santo Amaro hoje bairro paulistano) onde volta a trabalhar com a terra, e comercializa sua produção.

1924 – Proposta da Light para aumentar o potencial gerador de energia parte de um complexo projeto que envolve a criação de nova represa.

1925 – Nasce o 4º filho, Armando.

1926 – Nasce a 5ª filha, Idalina.

1927 – AM sofre com a desapropriação de seu sítio, recebendo indenização irrisória da Light. Vai morar em casa de aluguel no Brás à Rua 21 de abril. Aprovação para loteamento da Vila Nova Suíça em Ribeirão Pires sob responsabilidade do Dr. Faria Mota. A saúde sempre frágil da esposa vai se agravando.

1928 – A represa do Guarapiranga têm sua função alterada. AM adquire lote em Ribeirão Pires na dita Vila Nova Suíça na atual Rua 07 de Setembro.

1931 – Falece em Santos seu irmão muito querido que no período era seu sócio no comércio de leite, Giorgino, solteiro, de crise de Apêndice. Em 18 de setembro.

1932 – O desespero toma conta de AM , sua esposa começa com crise de apêndice, opera em 01 de fevereiro também o útero que estava rebaixado.

1939 – Em 12 de janeiro nasce a 6ª filha do casal, Maria de Lourdes. No mesmo ano inicia o conflito da Segunda Guerra Mundial

1943 – AM participa do lançamento da pedra fundamental para a construção da nova Matriz de São José em Ribeirão Pires

1948 – Pertencente a irmandade do Santíssimo, católico praticante, AM já a algum tempo leitor contumaz da Bíblia, após ouvir uma pregação caracterizada por avarenta, que o desagradou e de discutir com o padre da paróquia Fernando Sperzagne, decidiu abandonar a religião oficial. Em 31 de maio.

1949 – lançamento no programa de radia “A hora da boa vontade” a proposta da LBV por Alziro Zarur na Radio Globo.

Década de 50 – torna-se de religiosidade muito eclética e filia-se a LBV.

1966 – Festa de bodas de Ouro com sua amada esposa Nazareth. Já produzia suas memórias. Já dava sinais do Mal de Parkinson.

1976 – Sofre um primeiro AVC, mas depois de quase um ano consegue com muito esforço, voltar a caminhar.

1977 – Sofre outro AVC e fica acamado definitivamente. Não pode mais escrever mas pode com dificuldade ler, amigos e familiares se revezam para ler para ele e trazer-lhe notícias do Brasil e do mundo.

1978 – Na manhã de 08 de novembro é encontrado sem vida por sua esposa, estranhando que ele ainda não tivesse acordado, foi como ela disse na época “dormindo como um passarinho”.

## CAPÍTULO I

### O ESPAÇO E O TEMPO DA MEMÓRIA

*“AM pertencia por nascimento à uma família agrícola que trabalhava a terra devia sofrer vicissitudes cabíveis a tal modo de vida. Vejam bem não é necessário ter permanecido em Portugal, basta conhecer um pouco de geografia, para saber que durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, o frio é intenso, pois que nas proximidades de São Paulo, que estamos perto da zona tórrida, dentro de casa a temperatura por várias vezes tem atingido a baixo de zero (aqui é mais ou menos 25° latitude sul), quanto mais em Portugal que a latitude é de 37° a 42°, é claro que o frio tem que ser maior, especial no campo.”<sup>1</sup>*

Os cenários do palco das vivências de AM são constantemente alterados, reelaborados, reconstruídos, e assim as cidades pela qual AM fez seu trajeto são continuamente revisitadas. A partir de agora mostrar este trajeto, ou melhor, os espaços trazidos pela memória através do tempo da narrativa de AM em sua biografia.

São inúmeros os exemplos que mostram a cidade como seu espaço de vivência. Os espaços foram mais especificamente, os cenários do nosso personagem, não só a capital paulista, mas também sua aldeia em Aveiro, os rios, a terra a ser arada, e mais detidamente Ribeirão Pires. Os lugares foram constantemente sendo construídos e desconstruídos em sua memória.

Passamos diversas vezes por um mesmo caminho sem notar o que está a nossa volta, incapazes de observar o que já é parte da nossa rotina. O cotidiano caminha por entre vielas, ruas e avenidas. Dependendo de nosso estado de espírito nos deparamos com uma rua ou um edifício que nos chama a atenção, dando a impressão que surgiu naquele instante, mas há muito já estava ali. Os espaços são palcos da vivência do cotidiano, e à medida que os interesses objetivos

---

<sup>1</sup> Consideramos este fragmento introdutório por apresentar sua origem, mostrar um pouco de seu esforço de conhecimento sobre as regiões que viveu lembrando o frio de Portugal, comentando sobre seu presente no Estado de São Paulo, posto que escreve suas memórias em Ribeirão Pires. (GONÇALVES, 1976, p.19)

(políticos / econômicos) ou subjetivos (sensibilidade / observação) se transformam, criam-se novas significações que resultam numa revalorização deste “palco”.

## PORTUGAL



*“O nosso AM era o segundo filho do casal e primeiro do sexo masculino, razão porque foi obrigado a trabalhar desde tenra idade. Por incrível que pareça, não é um floreado de novela, mas sim, a verdade “nua e crua”.* (GONÇALVES, 1976, p.1)

Quando AM veio ao mundo, no final do século XIX, já tinha ocorrido ativa participação dos Aveirenses nas Lutas Liberais que varreram a Europa. Em Portugal, os liberais alcançaram sua vitória definitiva em 1834, porém:

*(...) pouco se tinha avançado no sentido de libertar a agricultura de formas de propriedade feudal, ao mesmo tempo que o encorajamento dado à privatização das terras comuns, as novas regras de governo local, e a primordial importância dos impostos contribuíram para alienar o campesinato do Estado liberal. (BRANDÃO, 1994, p.11)*

Mesmo com o avanço do capitalismo industrial, a estrutura jurídica e política portuguesa ainda correspondiam ao Antigo Regime, tendo o feudalismo como base do modo de produção, que foi sofrendo um processo de substituição até 1870. Os produtos agrícolas continuaram com papel fundamental sendo então necessária à construção de vias para escoamento da produção, pois a política liberal priorizou o mercado externo europeu, porém quando este se retrai no início do século XX, tentam controlar o desequilíbrio voltando-se para seu mercado colonial, mantendo a base agrícola em detrimento da industrialização. A propriedade continua não acessível a todos, mesmo perdendo caráter feudal, o crescimento demográfico gera desemprego em massa, forte desnível social e um grande processo de emigração, ao qual o governo chegou acusar ser resultado de cobiça e não de miséria (HALPERN, apud ESTEVES, 2000).

Aveiro, região noroeste de Portugal, inicia sua história no período medieval. Sua situação geográfica<sup>2</sup> propiciou desde muito cedo a fixação da população, sendo a salinagem, a pesca e o comércio marítimo fatores determinantes de seu desenvolvimento. Vindo de família de lavradores, AM trabalha na terra desde os cinco anos aproximadamente. Aos 13 anos vai trabalhar com contratados de seu pai na Ria de Aveiro, onde sofre grave acidente (quase atentado) do qual por sorte ou destino, consegue escapar com vida.

*“ Naquele trecho do rio, para viajar tocando o barco com vara, só se podia fazer pelo lado do nascente, pois, afastando-se um pouco da beirada, para o lado do poente, além da grande profundidade da água, ainda era lama que não oferecia resistência para se tocar o barco. E prendeu o leme do lado do poente, (água*

---

<sup>2</sup> Segundo um artigo da Revista de Aveiro, publicação eletrônica de sua Câmara Municipal, a ria estende-se pelo interior, paralelamente ao mar, numa distância de 47 quilômetros e com uma largura máxima de 11 quilômetros, no sentido leste-oeste, sendo a Ria “resultado do recuo do mar”.

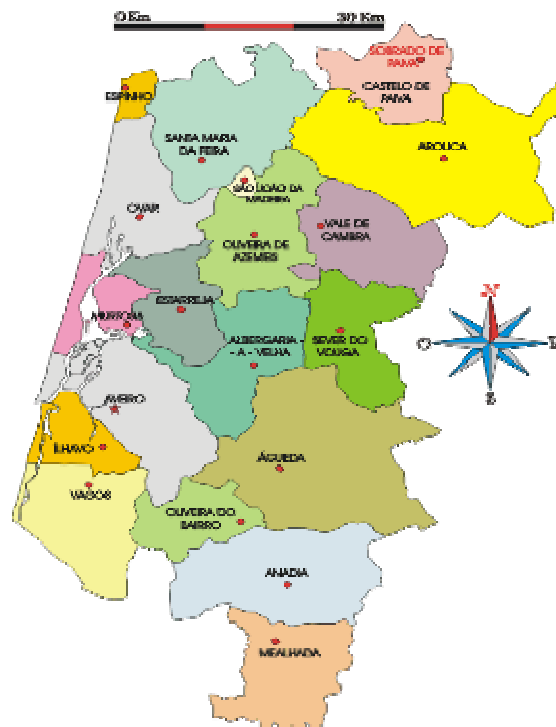
*funda) o que não devia fazer, porque do lado da terra sempre há recurso para se defender o barco, perto da terra há uma atração que não havendo quem o afaste, o barco encosta na terra, e torna-se necessário afastá-lo porque estando o leme firme do lado do rio, não se pode tocar o barco do lado da terra, Isto é, é quando somente um homem ou moleque o faz (...) o marmanjo pegou uma vara para desencostar o barco, o que não era necessário(...) Ó raio de menino num repara! E, ao terminar a frase, com a mesma vara que serviu para afastar o barco deu uma varada nos rins do moleque, que o obrigou a cair na água”. (GONÇALVES, 1976, P.12 -13)*

Nosso AM fez menção a respeito desse rio como sendo “um braço do Oceano Atlântico”. Ainda é preciso destacar que ele foi trabalhar como apanhador de moliço (vegetação típica utilizada como fertilizante) e que os barcos moliceiros, como são chamados, até hoje são de importância na região.



No brasão de Vagos, (aldeia natal de AM) é esta embarcação o seu ponto central e os moliços estão nas laterais (dois molhos de espiga verde), demonstrando como essa atividade é

importante para a cidade e seus moradores, que ao observarmos o mapa vemos que a ria corta Vagos de norte a sul em sua porção oeste.<sup>3</sup>



*“(...) janeiro era o mês em que se começava a cortar o moliço, naquelas noites serenas e enluaradas de janeiro, convidavam a pular para a praia, quem de gadanha para cortar e ancinho para juntar.(...)ora quem corta o moliço, de acordo com a natureza*

<sup>3</sup> Imagens e informações referentes retiradas de sitio particular. Brasão de Vagos disponível em [www.fisicohomepage.hpg.ig.com.br](http://www.fisicohomepage.hpg.ig.com.br) Acesso em 20/08/2004.

*da praia deixa rastro de certa profundidade, quem junta o moliço trabalha tão abaixado, que querendo tocar com as mãos fechadas os dedos dos pés, não necessita abaixar-se muito.” (GONÇALVES, 1976, p. 20)*

Atualmente, de acordo com reportagem de e-jornal de Aveiro<sup>4</sup>, os barcos moliceiros tornaram-se “meros adereços turísticos”, ancorados junto aos canais da ria sendo que “só o turismo e o lazer podem evitar o desaparecimento da embarcação usada antigamente na apanha do moliço” demonstrando preocupação com o patrimônio histórico da região.

Em 1910, por circunstâncias econômicas, e alistamento militar, AM vê-se na situação de emigrante. Como bem destaca o sociólogo José Antonio da Costa Fernandes (2000, p.72) “os imigrantes em geral deixam seus países de origem por uma determinação econômica, ou seja, objetivam construir riquezas”.

Quanto ao alistamento militar, o nosso autor frisou que “AM teria que se ausentar do país até dia 10 de maio, ou então teria que servir o exército, e não viria mais”(GONÇALVES, 1976, p.28). Então decidiu partir já com uma namorada em sua aldeia, e expressou nas suas memórias, claramente, o sofrimento amoroso pelo qual foi obrigado a passar. Com intuito de se fazer na vida, passou por inúmeras privações e veio como disse “*para trabalhar como operário em caráter permanente*” (ibid., p.29) .

Migração pode ter como definição o deslocamento de pessoas num espaço físico. Não podemos compreender este fenômeno sem conhecer as condições sociais que o geraram. Emigrar e imigrar são duas faces de uma mesma realidade, podendo ser um fato individual, como na história de AM, ou coletivo, como as grandes levas de italianos que por aqui chegaram no mesmo período que ele.

---

<sup>4</sup> Não tivemos a certeza se esse jornal é apenas em meio eletrônico. Notícia sem autoria: “Moliceiros das associações degradam-se por falta de uso”. Data: 17/07/2004. Disponível em < [www.noticiasdeaveiro.pt](http://www.noticiasdeaveiro.pt) > acesso feito em 20/08/2004.



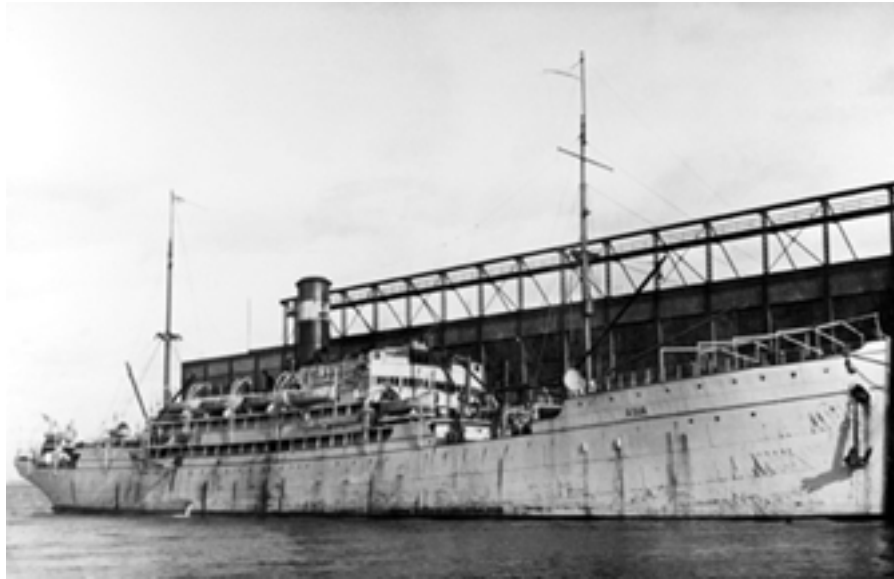
Nos fins da década de 1850, a implantação do capitalismo no meio agrário português, levou as companhias a utilizarem o cultivo em larga escala com vistas ao comércio. Com o Estado estimulando a mecanização do campo, gerando decadência no padrão de vida dos pequenos proprietários rurais e da mão de obra no campo a emigração no período de 1870 a 1930 foi uma válvula de escape, que serviu para atenuar possíveis tensões sociais.

Assim a emigração só progrediu até 1913, sendo o Brasil destino preferencial.<sup>5</sup> Essa escolha se deveu principalmente a fatores culturais, pois essa migração remonta ao século XVI, apesar do fato de, portugueses e brasileiros em algumas circunstâncias demonstrarem uma relação ambígua, um misto de simpatia e mal estar, devido à questão referente ao período colonial, situação em que os primeiros eram os colonizadores e aqui estarem os colonizados,<sup>6</sup> estabelecendo de imediato uma forte relação de poder. E por outro lado, ao virem portugueses que aqui querem enriquecer e encontram uma sociedade já organizada com moldes herdados da cultura ibérica bem preconceituosos, são eles que podem passar a sofrer com o papel de subjugados, rotulados por suas diferenças mais que por suas semelhanças.

---

<sup>5</sup> Dos portugueses que residem atualmente no exterior, sua grande maioria se encontra em nosso país, o maior receptor de migrantes portugueses até o final da década de 1950.

<sup>6</sup> Laura Leitão Esteves, estudou as intenções de retorno de imigrantes a Portugal, formulando uma hipótese que tem como pressuposto a idéia de que todo imigrante independente se está bem ou não, tenciona voltar às origens, e que apesar de laços históricos, essa intenção não deixa de existir. Ao entrevistar mulheres imigrantes portuguesas, busca resgatar o que chama “espírito português”. Traz dados importantes em relação a quem imigra: predominantemente homens jovens adultos e exatamente no período das duas viagens de AM (1910 – 1920) o estrato social que predomina é do setor agrícola, principalmente da região Norte, mais de 15%, partindo do Porto, alastrando-se por Aveiro e Viseu, adensando-se num movimento contínuo sentido litoral para interior. No fim do século XIX, 300 mil portugueses (6% da população) havia migrado para o Brasil.

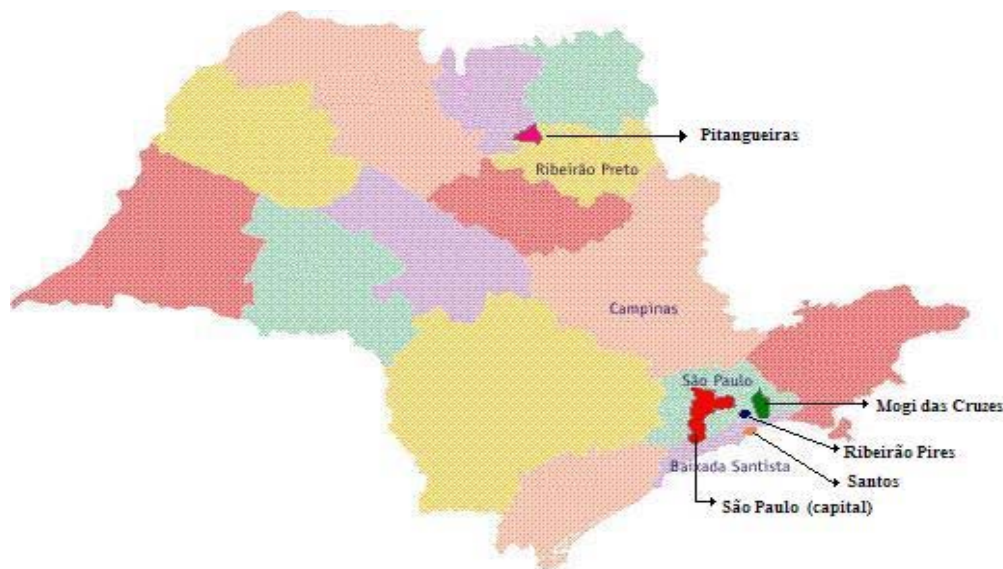


*“(...) A vista disso o nosso AM desistiu, porque não possuía dinheiro para duas refeições razoáveis, e resolveu jejuar toda a viagem de mar, que durou 22 dias de Lisboa ao Rio de Janeiro(...) Quando o AM pisou em solo santista já podia caminhar com mala nas costas, a qual não passava de um saco amarrado na boca com barbante.” (GONÇALVES, 1976, p. 31 e 32).*

A embarcação acima nomeada Ásia partiu de Lisboa a caminho da América, trazendo portugueses para novas terras, na mesma época que AM se deslocou para o Brasil, por falta de registro e documentação, digamos que este bem poderia representar o tipo de transporte a que estavam submetidos os imigrantes das primeiras décadas do século XX.

Entre os documentos pessoais de Manoel, não encontramos nenhuma menção ao período de três anos, que viveu e trabalhou em São Paulo, pela primeira vez, mas em suas memórias ofereceu detalhes sobre sua primeira viagem (1910) e sendo a segunda por ele considerada sem fato digno de menção. Sobre 1910 contou-nos desde a viagem num transatlântico, no caso, com destino final a Argentina, até os maus tratos e conflitos passados, para chegar ao porto do Rio de Janeiro, onde passou dois dias até conseguir transferência para Santos para alcançar a cidade São Paulo, seu destino final.

Veio no que foi chamada imigração espontânea sem contrato de trabalho, mas com um contato familiar, seu primo Costa que vivia em São Paulo capital, AM passou a experimentar o espaço paulistano no período de suas grandes transformações.



Mapa Estadual divisão administrativa da Secretaria de Economia e Planejamento

atenção às regiões pelas quais percorreu AM <sup>7</sup>

São Paulo é um dos maiores exemplos de mudanças de cenário em nível mundial. Em menos de 100 anos essa cidade, abandonou todos seus traços de vila sem importância econômica do período colonial, e espaço onde convivia o rural e urbano no começo do século XX, alcançando a uma das maiores metrópoles do mundo. Seus atores sociais ajudaram a compô-la como a um mosaico, com realidade multifacetada. Enxergaram-na, reproduzindo nela suas expectativas, ansiedades, desejos, suas tradições e crenças de maneira quase especular, deixando então suas marcas, ainda que de maneira discreta ou diluída no coletivo.

---

<sup>7</sup> Como foi citado, chegando no Brasil pelo Rio de Janeiro após dois dias aporta em Santos, indo logo para a Capital. Além da área metropolitana passou por Campinas a caminho de Pitangueiras (NO da região de Ribeirão Preto), área onde trabalhou como operário de ferrovia. De 1920 a 1978 ainda por muitas vezes de passagem ou a negócios esteve em Mogi das Cruzes e Santos, além de morar até o final da vida em Ribeirão Pires. Mapa modificado pela ferramenta Paint para recriar os espaços por onde caminhou AM, mapa original disponível em [www.igc.sp.gov.br](http://www.igc.sp.gov.br) acesso em 03/02/2006.

Podemos exemplificar esta reflexão ao analisarmos os depoimentos de antigos moradores da cidade ou textos de memorialistas, que registram como sentiram e/ou viram as transformações sofridas no espaço. Essas pessoas lembram de ruas, casas, locais que atualmente inexistem, mas sobrevivem nas memórias de quem os experimentou.

Causado pelo forte processo de imigração, este crescimento foi projetado, em linhas gerais, com objetivo de facilitar a substituição da mão de obra escrava para a livre, porém com uma dimensão ligada à modernidade e ao progresso.

No período de 1890 até 1900 houve uma evolução percentual de 200,2%<sup>8</sup>, no número da população da capital paulista, tendo justamente como fator determinante deste crescimento populacional, a chegada de imigrantes de muitos lugares da Europa e do Oriente, levando-os forçosamente a um contato étnico-cultural variado. Todos juntos, imigrantes e paulistas, construíram nessa cidade uma sociedade sem precedentes. Com apoio oficial a elite cafeeira e depois industrial, garantiu uma reserva de mão de obra, pois o campo não tinha postos de trabalho suficiente para todos e menos ainda a incipiente industrialização que nesse período engatinhava. Numa massa de desempregados as atividades informais fervilhavam. E podemos novamente, no bojo deste movimento encontrarmos AM como mais um dos atores sociais desse processo.

Nas propagandas mostravam-se as várias oportunidades de trabalho e riqueza que nosso país oferecia. O projeto oficial foi criado para atender aos interesses dos cafeeiros, o governo paulista concentrou esforços para captar esta mão de obra, fornecendo subsídios à imigração, chegando a construir e manter a Hospedaria dos Imigrantes e fundando Núcleos Coloniais.

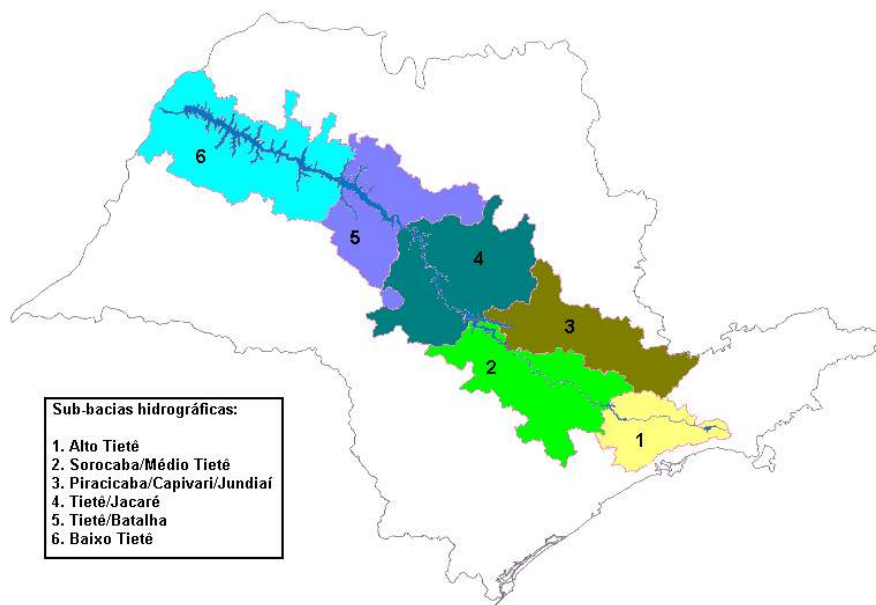
---

<sup>8</sup> Informação retirada de quadro feito a partir de várias fontes oficiais e com dados organizados e calculados pelo autor Carlos José Ferreira dos Santos. Os dados futuros de percentual de população em São Paulo, terão este quadro como base (Santos, 1998, p.33)

Eles não estavam sós neste esforço de atração, em sentido contrário, o interesse do governo paulista e dos cafeicultores entrou em consonância com a necessidade de “expulsão” de um excedente de produção de mão de obra, nos países de origem deste contingente, tendo como agravante o período de pré-guerra, em especial na Europa. Em números absolutos entraram 1.002.988 imigrantes em São Paulo no período de 1906 - 1915.<sup>9</sup>

*“O AM veio para São Paulo e dirigiu-se a um primo que trabalhava no rio Tietê, arrancando areia do fundo do rio que colocava dentro de um barco, e quando este estava lotado, dirigia-se aos portos dos negociantes de areia, onde descarregava. O barco era próprio para uma pessoa só trabalhar bem lotado; de areia grossa transportava-se 7,5 metros cúbicos, e da areia fina 8,5 metros cúbicos. A razão de tal diferença era que a areia grossa para ser vendida era obrigada a ser peneirada, e além do trabalho alguma coisa saía na peneira, quando a areia é fina não dava trabalho ao negociante.” (GONÇALVES, 1976, p. 34)*

Por seu primo trabalhar como barqueiro no Rio Tietê, ao chegar em São Paulo AM, foi também desenvolver essa atividade. Tentou fazer sociedade num barco, mas inicialmente era necessário ganhar experiência e ter algum dinheiro, para tal, acabou sendo explorado por um “patrício” a quem se referiu como Bailão.



<sup>9</sup> Quadro 2 de entrada de imigrantes no Estado de São Paulo – 1886 -1915, registrado em “Breve História da Hospedaria de imigrantes e da imigração para São Paulo” 2004, p.16

Tietê, o principal rio da cidade nasce no atual município de Salesópolis, a aproximadamente 22 Km do litoral numa região da Serra do Mar, rumando para o interior do Estado. Seu percurso carrega muito da trajetória da própria história da expansão paulista do leste para o oeste.

Em texto de 1945, Mello Nóbrega nos conta a História do rio Tietê em verso e prosa e tom ufanista, por enaltecer os bandeirantes e até os próprios barqueiros, porém é de grande ajuda ao mostrar como era o trabalho dos barqueiros no período em que AM por lá esteve e explica detalhadamente o histórico da navegação nestas águas.

*“Em 1913 procedeu-se à execução de trabalhos de melhoramentos das condições de navegabilidade do rio, a montante da cidade de São Paulo: desobstrução do leito, escavação, retificação e balizamento de canais.” (NÓBREGA, 1981, p. 94)*



Postal retratando a exploração do rio pelos barqueiros

Essas obras no rio se mostraram necessárias por ser imprescindível à capital ser ponto articulador do território estadual, integrando-se ao chamado complexo cafeeiro, tendo papel de centro financeiro, mercantil e ferroviário. A já citada explosão demográfica trouxe conseqüências seriíssimas para a ocupação do espaço, pois não foi feito adequado planejamento urbano e a forte especulação imobiliária, com teor segregacionista por parte das camadas privilegiadas, fez surgir bairros exclusivos, regiões predominantemente industriais ou comerciais. Aos mais pobres, restou a periferia distante e as baixadas dos rios e córregos numerosos da cidade.

Nosso AM encontrou uma São Paulo em 1910 com população de 314.000 habitantes e quando retornou para Portugal, em 1913, a capital alcançava 480.000 habitantes, um aumento de aproximadamente 50%, em 3 anos!<sup>10</sup>

*“(...)O amigo de AM cujo nome era Abílio dirigindo-se a ele disse: meu amigo, vou para o interior. AM perguntou: E qual a razão? Respondeu Abílio: anda por aí um agenciador procurando gente para.... parece que é pitangueiras... AM perguntou: mas... trabalhar em que? Parece que é na estrada de ferro. A gente para ir para lá não paga passagem. Perguntou AM: então quem paga? Abílio respondeu: eu não sei, mas creio que é para quem nós vamos trabalhar. Mas... parece que é um pouco longe, acho que é um dia de viagem. AM disse: que importa isso? Por certo Portugal é mais longe, mas nós não viemos para cá.(...) Abílio disse: eu sei o que é esta peste de barco e o miserável que é o Bailão, o que está acontecendo contigo, aconteceu comigo. O Bailão é acostumado a explorar o suor dos infelizes que chegam de Portugal, e que por falta de recursos caem-lhe na mão!” (GONÇALVES, 1976, p.44-45).*

Quando não suportou mais a exploração de seu trabalho e os desaforos de Bailão, como vimos no fragmento que narra a conversa com um amigo, AM ficou sabendo que estavam agenciando pessoal para ir a Pitangueiras para trabalharem num ramal ferroviário, então decidiu tentar a sorte. Viajou “num dos primeiros domingos de outubro de 1910” com “mais alguns deportados da ponte pequena rumo a Avenida Tiradentes” até a Estação da Luz, tomando trem

---

<sup>10</sup> Cálculo para o período feito por nós com base no quadro de santos, 1998, p.33.

até Campinas e, dali, outro até a “*Estação de passagem*” e seguiram a pé até o rio Mogi, atravessando-o de balsa, chegando na outra margem a Pitangueiras, tomando um “*carrinho de passageiros*” até o acampamento em que ficariam, que mais parecia um curral, durando este percurso cerca de 13 horas.

Neste período, alfabetizou-se e procurou economizar ao máximo, trabalhando como operário assentando dormentes. Chegou a ser convidado a tornar-se operário não das pontas dos trilhos, como disse, mas na parte de manutenção e conserva, construindo ponte que desse passagem ao trem sobre o rio de Mogi.<sup>11</sup>

Morando pouco mais de um ano nessa “casa de turma”, e apesar de afirmar ser forte, vai debilitando sua saúde por alimentar-se mal: feijão e farinha era sua ração, o que o salário permitia, e nem sabia se em Pitangueiras havia pão, indicando pequeno desenvolvimento da região.<sup>12</sup>

Em fins de 1911, recebeu carta do pai orientando-o a se apresentar ao Cônsul, em São Paulo, com respectivo comprovante de endereço. Na bibliografia encontramos que uns dos primeiros atos da República portuguesa foi que todo emigrante mandasse carta reconhecida no consulado português, provando residência e meio de vida, sob pena de prisão ou ser castigado por desobediência a Pátria.

---

<sup>11</sup> GONÇALVES, 1976, p.48.

<sup>12</sup> No histórico das ferrovias ([www.cptm.com.br](http://www.cptm.com.br)) encontramos dados referentes ao período e local indicados por AM (1910 – Pitangueiras), relacionados à Estrada de Ferro de Araraquara. Em seu texto indica ser a estrada de ferro que trabalha São Paulo – Goiás, parte da Companhia Paulista que em 1892 adquiriu a linha de Rio Claro a Araraquara, sendo esta propriedade de uma companhia inglesa. Em 1895 a Companhia Paulista cede direitos a firma Lebeis e Lara, Magalhães e Foz de Araraquara para construção de ferrovia ligando esta cidade a atual Taguaritinga, surgindo a “Companhia de Estrada de Ferro de Araraquara” com primeiro trecho inaugurado em 1901. Um consórcio de engenheiros adquiriu a maioria das ações dessa empresa (em 1909) continuando e expandindo-a até que em 1912 a via chega a São José do Rio Preto. Este mesmo consórcio incorporou ferrovias menores, entre elas a São Paulo – Goiás, mencionada por AM, e Pitangueiras, porém logo a seguir, crise financeira provoca decretação de falência da citada empresa com seus credores assumindo administração por dois anos. Uma empresa americana “São Paulo Northern Railroad Company” adquiriu acervo da ferrovia (1916), mas por má qualidade de serviços leva o estado a encampá-la (1919) e futuramente voltar a Companhia Paulista (1967).



Reencontrou o primo Costa que o alertou quanto ao seu perigoso estado de saúde, do qual ainda não tinha se dado conta, pois afirmava não sentir nada. Assim AM decidiu deixar o trabalho na ferrovia e também o Brasil, naquele momento tinha outros planos. Seu chefe tentou dissuadi-lo indicando a eminente promoção a feitor, mas AM decidido, declarou que isso é para quem tinha intenção de ficar no Brasil, que não era seu caso.

*“Os dois primos cumprimentaram-se e Costa disse: Vim com o barco vazio, para levar a cama e a roupa. E tu querendo ir para lá... AM respondeu: Pois não, ora essa! tu que escolheste, é porque existe vantagem! Onde é? No Belenzinho, repondeu o Costa, o porto divide com o instituto disciplinar, vulgo Escola Correccional.” (GONÇALVES, 1976, p. 67)*

Em 11 de dezembro de 1911, retornou a capital (registro de data de AM). Voltou a trabalhar na dragagem do Rio Tietê junto a seu primo, comprando deste seu barco, e pouco depois trocou por outro um tanto maior. Em terra, seu endereço era, como vimos, o Belenzinho, bairro de imigrantes, tão bem retratado por Jacob Pentead, justamente no período que nosso personagem por lá esteve.

Em *“Belenzinho, 1910”*, o memorialista narrou sua infância e juventude com riqueza de detalhes e cuidado de pesquisador. Destacou a forte presença de italianos, da qual também descendia, no bairro e na cidade, o cotidiano, a escola “Dante Alighieri” que falava português e italiano e onde o professor cultivava as datas cívicas da Itália. Ernani Bruno utiliza essa descrição de um mineiro ao conhecer São Paulo em 1902 *“(...) No bonde, no teatro, na rua, na igreja, fala-se mais o idioma de Dante que o de Camões”*

Retomando a narrativa de AM, vemos que em comparação com outras fontes, suas lembranças trazem detalhes interessantes sobre a atividade de barqueiro, com horários e medidas bem precisas. Em artigo sobre o corpo e as águas da cidade a Prof<sup>a</sup> Denise Bernuzzi Sant`Anna

mostra os barqueiros começando seu dia de trabalho às duas horas da madrugada. Passavam boa parte de suas vidas no barco de aproximadamente 11 metros. Acompanhemos uma parte do texto de AM:

*“(...) Na madrugada do dia seguinte 1:30 horas da manhã, iniciaram o serviço de carregar os barcos. Com águas razoáveis seria serviço para 3 a 4 horas, mas apesar de não ter chovido durante o dia ficassem até às 8 horas da noite tirando areia; embora só tivessem descansado os minutos das refeições, os barcos não estavam lotados.(...) mais ou menos meia noite, embora o cansaço seja extremo, os barqueiros tem o sono leve, com qualquer insignificante barulho, acordam, porque o perigo é de morte. Meia noite foram despertados por tremenda tempestade, vento e trovoada.”(GONÇALVES, 1976, pp.72-73).*

Observando a troca de atividade, de operário de ferrovia para barqueiro, AM analisa que a diferença de ganho por mês na estrada de ferro (75\$000) e nas viagens no rio Tietê (262\$500), levando em consideração ser a carga de areia grossa que tinha menor valor de comercialização, pois era necessário peneirá-la, dava coragem de enfrentar os muitos perigos, das noites de tempestade, das sabotagens e inveja dos trabalhadores de olaria das margens do rio, afinal AM reconhece não haver um homem de nacionalidade brasileira como barqueiro - todos que conheceu eram portugueses como ele - e tinham liberdade de ação e fama de ganharem bem.

Mas a saudade falava mais alto, e o medo de sua amada cansar de esperar fez com que após três anos e três meses de expatriamento, regressasse a Portugal. Em 27 de julho de 1913 reviu um amigo de sua aldeia que o convidou a retornar. Em três dias partem, mas no caminho para Santos tem sua bagagem extraviada, obrigando-o a retornar ao Brás, assim cita pela primeira vez a Estação São Bernardo que futuramente torna-se Santo André, a Estação Pilar, que considerou “lugar de 3ª categoria”, (atual Mauá) e Ribeirão Pires, onde irá morar até o fim de sua vida. O histórico desta região deixaremos para abordar quando AM para ela se transferir com sua família em 1928.

Partindo enfim para sua terra natal em 30 de julho de 1913 chegou em sua aldeia, em 14 de agosto de 1913<sup>13</sup>. A Europa estava com o clima tenso, sabemos que a Primeira Guerra Mundial se aproximava, e o governo português recrutava homens em todas as regiões. Recém chegado do Brasil percebeu que desta vez não conseguiria livrar-se do alistamento, dessa maneira querendo liberar-se rapidamente dessa obrigação com o exército, AM apresentou-se logo que chegou, mas para o alistamento deveria estar morando em Portugal há pelo menos seis meses. Assim sendo, aguardou o período necessário, pois provavelmente queria servir o exército antes de casar-se, e enquanto aguardava para continuar garantindo seu sustento e colaborando para reunir economias para seu futuro, seu pai lhe comprou um barco para que voltasse a trabalhar no rio e ensinasse seus dois irmãos o ofício de apanhador de moliços.

*“ (...) como dissemos, AM chegou a Portugal a 13 de agosto de 1913, e foi a inspeção em outubro do mesmo ano; naquela data a guerra de nervos era intensa, era terrível. Haviã sido expedições de soldados para a África portuguesa, falava-se em grandes contingentes que seriam obrigados a ir para Índia, defender as províncias portuguesas, naquela parte do continente asiático, de modo que o caso estava feio.(GONÇALVES, 1976, p. 90)*

Em janeiro de 1915 alistou-se no exército, tendo sido destacado para a artilharia logo ficou sabendo que os recrutas teriam instrução acelerada para poderem partir para a França, pois “os alemães estão danados”.<sup>14</sup> A Primeira Guerra já estava em curso, e os ânimos acirrados fizeram com que a jovem República portuguesa (a Monarquia caiu e Portugal adotou esta forma de governo em 1910) enviasse soldados para a África. AM recusou-se intimamente a correr riscos para defender os franceses “que tanto mal fizeram a Portugal” e organizou um plano que o

---

<sup>13</sup> Datas fornecidas pela autobiografia sem outra comprovação documental.

<sup>14</sup> Quase se prejudica numa verdadeira aventura quando se safou de ir para o front na África por inventar que possuía reumatismo e não poderia lutar. Mas não era tão avesso a mentira e defensor da retidão da moral e bons costumes? Sim, mas definitivamente teve um motivo, que para ele, era muito lógico e estava acima dessa mentira: não iria para campo de batalha para defender franceses que tanto mal fizeram aos portugueses na época da invasão em 1808, sua raiva é mais que preconceito, chega nas raias do ódio racial. Paradoxalmente, não faz distinção imediata entre portugueses e brasileiros por exemplo, pois não se leva por aparências, critica vários conterrâneos pela falta de caráter e pela preguiça, o maior mal, segundo ele.

livraria do front ou o levaria a um Conselho de Guerra. Após fingir estar com doença reumática , pois deixou de se alimentar e paulatinamente começa a andar encurvado, ficou um período na enfermaria passando por avaliações dos médicos militares, em março de 1915 já estava de volta ao lar.<sup>15</sup>

*“Devemos dizer que o AM continuou trabalhando no rio junto com os irmãos; (...)o AM regressou a casa paterna depois de liquidar seus débitos para com o exército, no dia 5 de março portanto em três meses e vinte dias teve tempo de sobra para se restabelecer, pelo que no dia 26 de junho de 1915, antes que clariasse o dia, os três irmãos já estavam no barco com todos os trastes que não podem ser classificados de ferramentas, pois de ferro tem apenas encho três engaços e uma gadanha (ferramenta para cortar moliço; de resto era madeira e tecidos (cordas e pano)” (GONÇALVES, 1976, 151)*

Voltou a trabalhar na terra, no rio e nos preparativos de seu casamento que ocorreu em dois de dezembro de 1916.<sup>16</sup> Uma semana depois retornou à atividade de moliceiro. É interessante observar que ele citou haver uma proibição de trabalhar no rio, no período de março a junho, e nesses meses os trabalhadores deveriam se voltar para a terra. Essa proibição se dava por conta de ser fase de “criação de peixes”. Toda a sua aldeia vivenciava essa situação, de precisar ter duas atividades concomitantes.

AM acusou seus irmãos de não terem cuidados com a terra, sobrecarregando-o, e em 1918, resolveu fazer sociedade com um primo que era jovem e recém casado como ele, para trabalhar novamente no rio, coincidindo com a mesma época em que se deu a chegada da Gripe Espanhola na aldeia, lá conhecida como Gripe Pneumônica: *“Mas.. o AM não podia desaparecer naquela idade porque estava lhe reservado uma missão, provação ou punição, como podemos ver acompanhando a vida do pobre.”*(GONÇALVES, 1976, p. 169)

---

<sup>15</sup> Segundo informações do Arquivo Histórico Municipal de Aveiro, as condições de batalha flagelaram muitos portugueses entre eles aveirenses, tanto que na Avenida principal da cidade foi erguida uma estátua ao Soldado Desconhecido.

<sup>16</sup> Momento sublime da autobiografia onde ele demonstra todo um lado romântico e espiritualizado, chegando a questionar se existem uniões que nem a morte separa.

Em outubro do mesmo ano esta gripe, levou à morte seu primo e sócio. AM estava adoecido seriamente, há uma semana, quando teve o primo enterrado sem o seu conhecimento, pois a esposa temia por ele que delirava de febre. Mas sobreviveu “à peste”, como disse, e analisou a presença desse mal como consequência da guerra.

Para corroborar sua hipótese encontramos os depoimentos<sup>17</sup> do Professor João Domingos Sanches, antropólogo social e cultural e de Dona Úrsula Gomes, ambos residentes da aldeia de Meixide, concelho de Montalegre. Ele afirma que “*no pós Primeira Guerra, entre 1918 e 1925, quando os soldados regressavam da batalha, traziam parasitas de toda espécie*”. Já Úrsula, conta que o pai era militar, relembra os serões onde ele mencionava além dos horrores que presenciou, de que “*as botas dos militares(mortos) eram apeteceíveis, só que na maior parte dos casos estavam infestadas de parasitas, contaminando as famílias de quem as usava*”.

AM narrou que dois moradores da aldeia morreram em decorrência desse mal. Segundo o jornal Correio da Manhã, no país de 1918 a 1920 a Gripe Pneumônica, vitimou mais de 100 mil pessoas, sendo que morriam a cada dia 500 pessoas só em Portugal, no período em que o vírus atingiu sua fase mais mortal.<sup>18</sup>

Ao restabelecer-se voltou ao rio com novo companheiro, até março de 1920, e no período de proibição de apanha do moliço decidiu retornar ao Brasil, tomando todas as providências necessárias. Não deixou claro seus motivos mas podemos supor que desentendimentos familiares, com pai ou irmãos o levaram a tomar essa decisão um tanto brusca, afinal sempre

---

<sup>17</sup> Disponível em [www.correiomanha.pt/noticia](http://www.correiomanha.pt/noticia) de 10/07/2005. Acesso em 26/02/2006.

<sup>18</sup> Dados retirados de mesma notícia do Correio da Manhã de Edgar Nascimento de 10/07/2005 com título “Saúde: cientistas reconstruíram pandemia de 1918. Vírus que matou milhões é similar à gripe das aves”. Segundo tese de doutoramento do Professor João José Cúcio Frada da Faculdade de Medicina de Leiria (ano 2000) “A pneumônica de 1918 em Portugal Continental” teriam sido mortos apenas no continente mais de 60 mil pessoas. Em todo mundo mais de 20 milhões foram vítimas da pandemia.

declarou suas preocupações com a saúde e bem estar da esposa e no entanto retornou ao Brasil deixando-a grávida e responsável por um filhinho de um ano.

As datas de partida e chegada no Brasil informadas por ele, não correspondem com as datas constantes em seu passaporte e certificado fornecido pelo Governo Civil de Aveiro<sup>19</sup>. Também afirmou tomar um transatlântico direto para Santos, porém seu nome não consta em listagem de desembarque no porto de Santos nesse ano e data, o que confere com seu passaporte que aponta seu destino ser novamente o Rio de Janeiro.

---

<sup>19</sup> Fac Símile do certificado, fornecido por seu filho mais velho de Manoel Rocha Gonçalves, guardião de toda documentação pessoal de seu pai.



# SERVIÇO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

Governo Civil de Luanda

CERTIFICADO DE INSCRIÇÃO N.º \_\_\_\_\_

O Governador Civil de Luanda

### SINAIS

Altura 1,74

Rosto \_\_\_\_\_

Cabelo castanho

Barba ausente

Olhos \_\_\_\_\_

Nariz quadrado

Bêca \_\_\_\_\_

Faz saber que Manuel Rui da Costa (estado) casado (profissão) lavrador filho de Manuel Gonçalves da Rocha e Rosa da Conceição nascido no dia 23 de abril de 1911 no lugar de \_\_\_\_\_, freguesia de \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_, Conselho de \_\_\_\_\_, Distrito de Luanda da República Portuguesa, é cidadão português e embarca com destino a Bio de Janeiro

Este certificado deve ser apresentado no posto consular do destino; é válido por um ano e deverá ser renovado, passado aquele prazo, no Consulado da residência do possuidor.

Vai afixada uma estampilha consular de 50 centavos, nos termos do artigo 1.º e § 1.º do decreto n.º 5:766, de 10 de Maio de 1919.

Dado no Governo Civil de Luanda

aos cinco dias do mês de junho do ano de mil novecentos e um

(a) Manuel Rui da Costa  
Inscrição consular  
1919 (1919)  
0850

Assinatura do inscrito (b).

Chegando ao Brasil, fixou-se novamente na capital paulista. Enfrentou várias dificuldades para conseguir atividade, mas finalmente trabalhando desta vez no rio Pinheiros tirando areia, fez sociedade e comprou um barco. Partiu para a mata nas margens do rio, para retirar lenha com o intuito de abastecer as olarias da região. Dessa forma conseguiu juntar dinheiro suficiente para trazer a família para o Brasil pouco mais de um ano depois de sua partida de Portugal.



Rio Pinheiros em 1930<sup>20</sup>

AM mandou pelas autoridades a carta de chamada, exigida para que sua família entrasse no Brasil legalmente. Fazer uma carta alegando que o migrante já possui parente vivendo na terra era uma exceção dada somente aos portugueses, e muito cauteloso enviou instruções se caso não conseguissem encontrá-lo rapidamente.

*“Em Santos tomavam o trem para São Paulo, ou estação da luz, desembarcar do trem e sair da estação para o lado esquerdo. tomar a rua Conceição, que vai da rua Mauá à ladeira santa Efigênia que é curta e vai próximo do ponto a onde se*

---

<sup>20</sup> Disponível em [www.novomilênio.inf.br](http://www.novomilênio.inf.br). Acesso em 18/01/2006



*pega o bonde pinheiros; chegando ao ponto final que é o largo de pinheiros descer e pegar a rua Páís Leme que vai até a rua Eugênio de Medeiros que corre paralela com o rio chegando ali perguntar que não falta quem informe.”(ibid, 1976, p.176)*

Para o histórico do bairro de Pinheiros podemos utilizar como base texto de Antonio Amaral Barreto que diz:

*“para elas (as terras do bairro) se ia, através de campos e matos desabitados, por um caminho que começava na Sé [...] por detrás da igreja voltava á esquerda, descia pelo morro até o Anhangabaú, atravessando-o no caminho dos Pinheiros, que depois veio a ser a rua da Consolação [...] Local desabitado até fins do século XVI quando então a pequena vila de Piratininga começa a povoar-se pela beira dos caminhos de penetração. [...] Exato é que houve uma completa estagnação no progresso do bairro de Pinheiros até fins do século XIX, quando ali não haveria mais de duzentas casas. E é somente no ano de 1897 que pela primeira vez figura em um mapa oficial da cidade [...] progresso lento, mas constante, até sua máxima expansão a partir de 1930”. (AMARAL, 1985, p.79-80)*

Enquanto morou no bairro de Pinheiros trabalhou no rio, e pode experimentar de perto a São Paulo da década de 20. Narrou que morava numa casa em Pinheiros e que precisou dar guarida ao irmão caçula que segundo ele “gostava de uma farrinha”, porém estava numa extrema miséria, com mulher e filho para nascer, desempregado, não agüentando viver na vila Mariana.

Foi levado então para a casinha de AM, provavelmente alugada. Assim como muitos, o caçula - maneira ao qual AM se referia a ele - ficou alguns meses trabalhando sem colocação certa, fazendo então parte do grosso da população pobre que era economicamente ativa que vivia a base de trabalho não-institucionalizado, a maioria das vezes intermitente.

Alguns trabalhadores que viviam à base das pequenas ocupações independentes como o caçula, do trabalho de baixa remuneração, também lançavam mão de funções marginais e de

ganho ilícito. Este trabalho informal gerava uma movimentação econômica grande, era bem visível mas impossível de ser mensurado.<sup>21</sup>

Seu irmão estava juntamente com esposa e filho, vivendo as suas custas. A frágil saúde da esposa de AM leva-o a gastar bem mais do que podia e ficar uma semana sem trabalhar, acarretando ainda mais prejuízo.

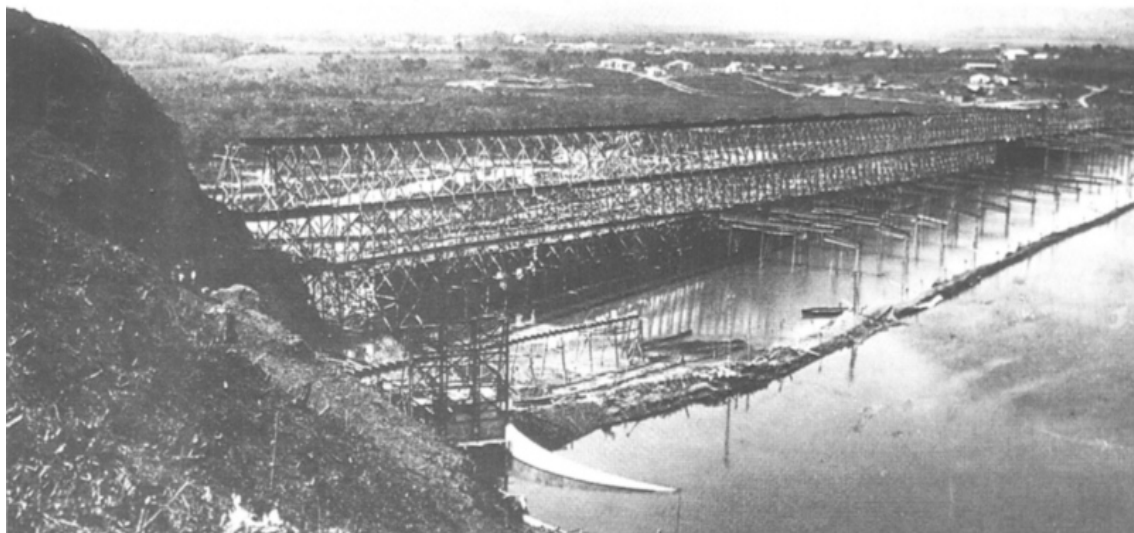
*“O AM continuou trabalhando no rio por mais um ano e pouco. Ainda trabalhava no rio, comprou um sítio cuja área diziam, era trinta alqueires ou seja 726.000 metros quadrados. Depois pensou em mudar com a família para o mesmo que tinha uma casa com um quarto, sala cozinha e copa.”(GONÇALVES, 1976 p. 182).*

Adquiriu seu sítio, numa região conhecida como Bororé. Foi nesse local, próximo de uma das margens do Ribeirão Bororé, afluente do rio Grande, que por sua vez é um dos formadores do Rio Pinheiros, que AM fixou residência em 1923. Parte da área do extremo sul da capital, que neste período pertencia ao município de Santo Amaro, um município autônomo em relação a São Paulo. Em 1935 pelo Decreto lei nº 6983 de 22 de fevereiro Santo Amaro, foi anexado a capital.

O fator principal para retirada de sua autonomia, está relacionado ao que na época foi considerado seu potencial para função recreativa, pois esta localidade já há muito era procurada por conta de seus bons ares, e a construção da Represa de Guarapiranga só intensificou esse processo, definindo as formas de ocupação de solo e as atividades econômicas da região.

---

<sup>21</sup>Observações feitas com base em PINTO, 1994, Capítulos 2, 3, e 4.



Construção do paredão da represa em 1928<sup>22</sup>

Em 1928 a Represa Guarapiranga teve alterada a sua função de fornecedora de água para abastecer a capital. Desde 1924 o fornecimento de energia estava afetado causando transtornos para a produção e habitantes da cidade. E então a Light<sup>23</sup> propôs um plano audacioso para aumentar seu potencial gerador, implicando na retificação e reversão do rio Pinheiros e o represamento de seu formador o rio Grande. A Guarapiranga antes isolada como reservatório regulador de vazão do rio Tietê passou a fazer parte do complexo “Projeto da Serra”, fazendo surgir a Represa Billings, lembrando o nome do engenheiro norte-americano responsável por sua construção Asa Kenney Billings.

---

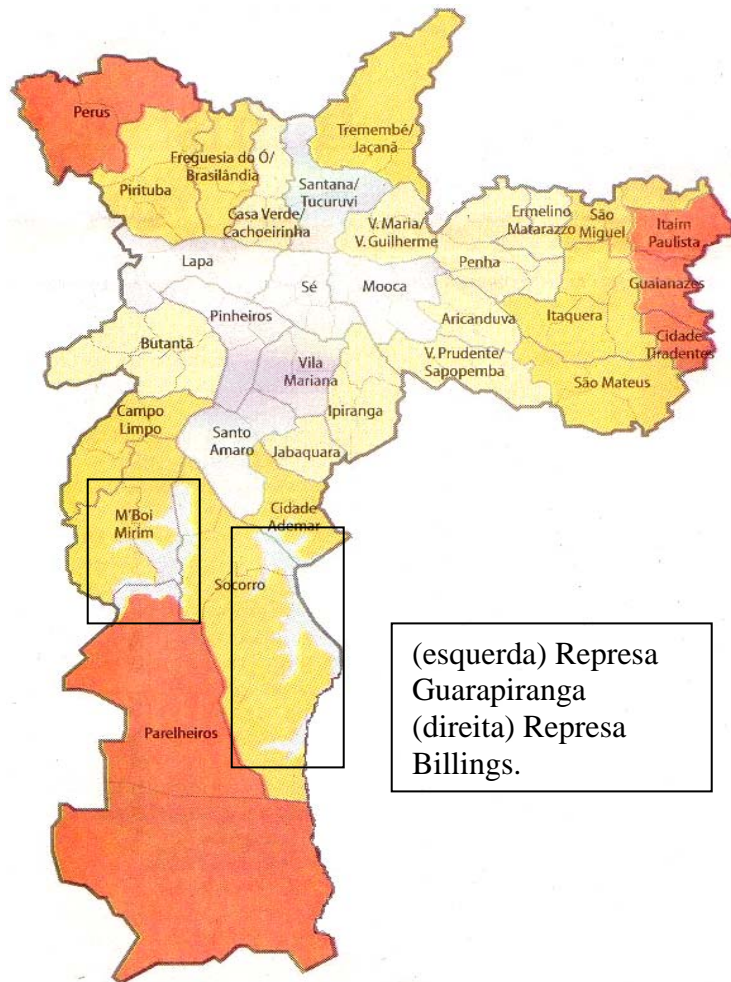
<sup>22</sup> Disponível em [www.cdmi.hpg.ig.com.br](http://www.cdmi.hpg.ig.com.br) . Acesso em 04/02/2006

<sup>23</sup> Em 1899 a “*The São Paulo Transway Light & Power*” conhecida simplesmente como Light, foi autorizada pelo governo brasileiro a explorar a produção e distribuição de energia elétrica em São Paulo e Rio de Janeiro, esta aos poucos absorveu as companhias menores monopolizando os serviços na cidade. Em 1901 funda sua primeira usina hidrelétrica no país. Terá uma intervenção definitiva no destino dos santo amarenses, quando a partir de 1906 decide lá construir um grande lago artificial, a Represa Guarapiranga, que só ficará pronta em 1909.

Em seu sítio, criava animais, bois, cavalos, tudo que fosse necessário para subsistência. Chegou a produzir pimentões (de 35 a 40 mil pés) e repolhos, que ia vender próximo a rua 25 de março. Assim como muitos hortigranjeiros na época vendiam diretamente aos consumidores seus produtos na região central. Como aponta Maria Inez Borges Pinto, “*ao concentrar a função de produção e a de comercialização, geralmente ambulante, eles conseguiram obter melhores preços para a sua colheita, ficando livres de ser explorados pelos atravessadores de gêneros*”(PINTO, 1994 p. 131)



Mas começaram os boatos de que a Light iria retirar dos moradores as melhores terras restando somente morros. Por decisões da empresa responsável pelo abastecimento de energia que mudou seu plano em relação à utilização da Represa Guarapiranga, em 1928 AM perdeu suas terras. Era “*a baleia canadense devorando os lambarizinhos*”.



Mapa da capital localizando as represas que influenciaram tanto no destino de São Paulo quanto no de AM.<sup>24</sup>

É dessa maneira que a “baleia canadense” como AM denominou a Light, entra na sua história, apoderando-se das terras dos “lambarizinhos”, que perdem suas propriedades pela inundação que formaria a Billings e para tal, recebem indenizações irrisórias, e numa viagem difícil embaixo de chuva e com poucos pertences, AM e sua família deixaram para trás seu sítio, com todos os benefícios feitos com seu suor mas que não foram valorizados, para serem engolidos pelas águas.

<sup>24</sup> Mapa da capital retirado do jornal Folha de São Paulo e trabalhado com ferramentas de desenho.

Atualmente o Bororé é uma Península conhecida popularmente como Ilha, pois 90% de seu território é cercado por águas da represa Billings. Com apenas uma estrada de terra, onde não passava ninguém, sem coleta de lixo, até 2002, ou posto de Correio, com aproximadamente três mil habitantes, o Bororé é uma região isolada dentro da maior cidade da América Latina. O transporte é feito por balsas, com sentido São Bernardo do Campo e São Paulo, pois os ônibus também atravessam utilizando esse meio. Vale ressaltar que as balsas são mantidas pela Emae, uma porção da Eletropaulo que continua estatal depois da privatização, herdando compromisso assumido pela Light, na década de 20.

*“A laith quer a terra para por água e não necessita da casa para ser habitada e caso queira demoli-la para não ficar aí no meio da água fixara-lhe prazo para o sr. (AM) se mudar.”(GONÇALVES, 1976, p.256)*

*“O leitor amigo meditando sobre o caso, compreenderá que não era bem o progresso de S. Paulo que verdadeiramente era levado em conta, mas interesses iconfessáveis (sic) por parte de quem podia proteger a baleia canadense, nossa conhecida; (...) (ibid 1976 p.265)*

AM foi morar de aluguel no Brás, na Rua 21 de abril, ocupando com sua família dois quartos de casarão onde já viviam um casal com uma filha desquitada e seu filhinho, até conseguir construir no terreno que havia adquirido com o dinheiro da indenização de seu sítio. Não foi direto para Ribeirão Pires, pois se viu num dilema: ajudar seu irmão, que foi forçado a financiar um ônibus mais moderno, por exigência do poder municipal, para poder circular no centro da cidade, AM emprestaria seu dinheiro ao irmão, ou usaria para fazer as devidas melhorias no terreno que comprara em Ribeirão Pires.

AM decidiu colaborar com seu irmão, e para reaver seu dinheiro tornou-se cobrador enquanto seu irmão era o motorista do dito carro. Também neste episódio, a Light esteve envolvida, por conta das linhas de bonde que se instalavam no centro, atrapalhando aqueles que sobreviviam de fazer o transporte nessa região.



Rua 15 de novembro em 1925<sup>25</sup>

Encontramos uma série de artigos no jornal *Folha da Manhã* a partir de 05 de outubro de 1927 estendendo-se pelo mês todo e chegando a novembro<sup>26</sup>, intitulados “*O contrato da Light*” que corresponderiam ao editorial, debatendo e criticando o monopólio da *Light and Power* nas áreas de energia e transporte da cidade, colocavam todos os interesses políticos que estariam em jogo. Talvez AM tivesse acesso a esse debate proposto pelo jornal para com a sociedade, ou o senso comum o informasse, de qualquer forma a imprensa da época mostrava os debates políticos e econômicos de infra-estrutura da cidade, enquanto AM e a população sofriam as consequências no seu cotidiano.

Sabia que essa situação logo mudaria, pois seu futuro era em Ribeirão Pires, pois já havia adquirido terras nesta região, levado por grande propaganda feita em jornais e panfletos,

“(…)como todos sabem, essas terras para melhor enganar os infelizes são vendidas a prestações[...] Atendendo a que Ribeirão Pires está situado , no meio de duas praças, isto é tanto podia vender para São Paulo como para Santos, e sendo voz corrente que em razão de da serra para baixo não se criar verdura de espécie alguma.” (GONÇALVES, 1976, p.262)

<sup>25</sup> Disponível em [www.prodiam.sp.gov.br/sítio/gif/httietê.gif](http://www.prodiam.sp.gov.br/sítio/gif/httietê.gif) Acesso em 04/02/2006

<sup>26</sup> Em pesquisa do acervo da hemeroteca do Arquivo do Estado de São Paulo, observamos esta série de artigos começou em 05/10 chegar até seu número 22 “*O contrato da Light XXII*” do dia 10/11/1927.



Mapa de Ribeirão Pires inserido na área do ABC paulista<sup>27</sup>

Continuando na mídia impressa, confirmando as palavras de AM ao dizer que terrenos eram vendidos a prestações, encontramos muitos classificados de imóveis principalmente no jornal *Diário Popular* onde garimpamos bastante para tentarmos encontrar menção ao loteamento adquirido por ele. No período que ele mencionara, não encontramos, porém pudemos observar a maneira como faziam as propagandas do mercado imobiliário no período de 1927 e 1928. Encontramos de indicações de uso das propriedades porventura adquiridas, até conselhos para mulheres tomarem cuidado com os perigos de comprar palacetes a prestação, para não serem enganadas, tema de propaganda da Loteria do Estado de São Paulo feita em 29 de outubro de 1927 na página 5 da *Folha da Manhã*.

*“Terrenos a prestação com bonde na porta  
Tomem o bonde Jabaquara e desçam na Villa Monte Alegre e verificarão que é o  
lugar mais alto e lindo de São Paulo (...) Temos lotes desde o preço de 4:000\$000  
divididos em 60 prestações mensaes sem juros(...)”*

*“Terrenos a prestações*

<sup>27</sup> Disponível em [www.chs.ubc.ca/brazil/images/municip.jpg](http://www.chs.ubc.ca/brazil/images/municip.jpg) Acesso em 26/02/2006



*Chacareiros, oleiros e vaqueiros, vendem-se lotes e alqueires nas estradas de Cotia e Osasco, próximo de Pinheiros, em zona já muito habitada e saudável: preços e prestações ao alcance de todos, tratar (...)”<sup>28</sup>*

Por esses exemplos, também tivemos oportunidade de perceber o quanto havia de especulação imobiliária na cidade e o quanto São Paulo e sua área metropolitana estava sofrendo um fortíssimo processo de urbanização, áreas que uma década antes pareciam tão distantes do centro vão se transformando e desenvolvendo características próprias que se delineavam na grande metrópole.

Num breve histórico, Ribeirão Pires, cidade da área metropolitana, tem sua história ligada à própria formação de São Paulo e região do ABC. Com mais de 330 anos de ocupação não indígena, era parte do bairro Caaguaçu que significa em tupi “Mata Grande” e abrangia grande porção de terra da zona leste paulistana. Existem registros que indicam Antonio Correa de Lemos – provavelmente de origem espanhola - dando origem a um povoado em torno da Capela em louvor de Nossa Senhora do Pilar, sendo a localidade conhecida simplesmente por Pilar, que abrange o que hoje é Mauá e parte baixa de Ribeirão Pires (em relação a linha do trem). Em 1716, chegou a família de Antonio Pires de Ávila, que era sesmeiro em Cassaquera (território do futuro Santo André) pedindo o prolongamento de sua propriedade e ocupando as margens do Ribeirão Grande, que passou a ser popularmente conhecido como Ribeirão Pires. O bairro que deu origem ao município resumia-se a casinhas abaixo da colina da Capela do Pilar e outras moradias esparsas na mata.

Em 1812, foi criada a Freguesia de São Bernardo, com alvará de 12 de outubro, essa freguesia era uma espécie de distrito de São Paulo, não possuindo limites exatos, mas não significava toda a área do atual ABC, pois São Caetano permanecia como bairro rural de São

---

<sup>28</sup> Exemplo de classificados encontrados respectivamente a 08/10/1927 e 07/12/1927 no *Diário Popular*

Paulo, e o Bairro do Pilar foi a ele anexado somente em 1831. Em 1890 foi instalado o Município de São Bernardo, abrangendo a atual Região do Grande ABC, com sede em São Bernardo e em 8 de fevereiro do mesmo ano. Ribeirão Pires foi elevado à categoria de distrito policial para só em 1896 ser criado o Distrito de Paz de Ribeirão Pires, incluindo os atuais municípios Rio Grande da Serra, parte de Mauá e o distrito de Paranapiacaba.

Quando AM veio para Ribeirão Pires em 1928, havia adquirido um lote na chamada Vila Nova Suíssa Santista, “*antiga Fazenda São José ou Sítio do Major Catta Preta, em São José do Ribeirão Pires, distrito de paz do mesmo nome, município de São Bernardo, comarca de São Paulo*”.<sup>29</sup>

De acordo com documento fornecido pelo Cartório de Registro de Imóveis de Ribeirão Pires, a área que hoje corresponde a esse bairro teve seu loteamento na década de 20, inexistindo o ato registrário formal da “inscrição de loteamento”, não tendo notícia de que tenha sido arquivada em nenhuma Serventia, qualquer planta de tal parcelamento.<sup>30</sup>

Dez anos após AM se fixar na região, em 1938, todo o ABC passou a ser Santo André através do Decreto Estadual 58/38, até que São Bernardo começou o processo de emancipação que ocorreu em 1944, seguido por São Caetano (1948). Em 1953, foi entregue a Assembléia Legislativa de São Paulo a representação que reivindica a elevação de Ribeirão Pires e Mauá à condição de município. A 11 de setembro do corrente ano foi aprovada a execução de um plebiscito, realizado em 22 de novembro. Assim pela lei estadual 2456/54 de 30 de dezembro deste ano, oficializada a criação do município de Mauá e Ribeirão Pires, sendo que este último, no período, incluía Rio Grande da Serra.

---

<sup>29</sup> Informações fornecidas por funcionário do Cartório de Registros de Imóveis de Ribeirão Pires, Senhor Manoel Sanchez de Almeida em 16 de julho de 2004.

<sup>30</sup> Esse fato seria explicado até por anteceder ao desmembramento da região em municípios autônomos. Segundo revista comemorativa dos 320 anos de história de Ribeirão Pires, em 1928 esse loteamento – da Vila Nova Suíça – tinha sido aprovado alguns anos antes e Antonio Nardelli trabalhou como procurador de Dr. Faria Mota, o real loteador do bairro de 1927 até 1957.

Dados econômicos de 1924, fornecidos pela revista do jornalista Menezes, mostram que havia registro de 123 empresas no local e “*as atividades básicas da cidade continuavam em ritmo de lenta, mas constante expansão: o trabalho oleiro, a produção de leite, a produção de carvão, o corte e remessa de lenha e o comércio local*” (1998 p.28) Excetuando a atividade com carvão, todas as outras além de jardineiro, foram exercidas por AM. Queria ganhar a vida como agricultor em suas terras, mas o cotidiano mostrou-lhe que isso não era possível, AM empregou-se então em várias atividades.

*“ Em janeiro de 1930 já o AM havia preparado terra para plantação de verduras; esperava apenas a quadra apropriada para a plantação (...) Naquela data o AM estava querendo vender leite aos negócios deste produto em Santos”*

*“ Dissemos que estava situada a indústria na qual o AM foi trabalhar como cortador de grama era lugar de muita chuva” (GONÇALVES, 1976 p. 262 -579)*

Vivendo nesta cidade 50 anos, até seu falecimento, fez amigos, trabalhou muito, e escreveu suas memórias. Encontram-se em Ribeirão Pires, enterrados seus despojos, no Cemitério Municipal, desde 08/11/1978, deixando saudades na esposa que tanto amou, seus seis filhos, noras, genros e netos, além de todos com quem se relacionou, marcando uma imagem de um homem trabalhador que lutou uma vida toda com integridade.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE SÃO PAULO

DISTRITO, MUNICÍPIO E COMARCA DE RIBEIRÃO PIRES

*Dra. Maria Josepha da Cunha*  
Escrivã

*Epaminondas José da Cunha*  
Oficial Maior

*Neuza Manfrinato*  
Escrevente Autorizada

**ÓBITO N.º 297**

CERTIFICO que, às fls. 071 vº do livro nº C. 18 de Registro de Óbitos, foi lavrado hoje o assento de MANOEL OLÍMPIO DA ROCHA GONÇALVES.

falecid.º em 09 de novembro de 19 78, às 16.00 horas, neste distrito à R. Papa João XXIII, 101-F, Vila Suissa, do sexo masculino, cor branca, profissão aposentado, natural de Aveiro - Portugal.-, com oitenta e sete anos de idade, domiciliad.º e residente no endereço supra mencionado estado civil casado, filh.º de Manoel Gonçalves.-

e de Rosaria da Conceição.  
tendo sido declarante Manoel das Neves Rocha.  
e o óbito atestado pelo Dr. Nicolau Assef - CRM 6.191  
que deu como causa da morte ac. vasc. cerebr.; arterioescl. g.; hipert. arterial  
e o sepultamento feito no cemitério de Ribeirão Pires - SP  
Observações: Era casado com Maria de Nazaré (casados em Portugal).  
Deixa seis filhos maiores de nomes: Manoel, Ermelinda, Candido, Armando, Idalina e Maria de Lourdes. Não deixa bens. Não era -  
eleitor. Nascido em 23 de abril de 1891.-

**OS SELOS FORAM PAGOS POR VERBA**

O referido é verdade e dou fé.

Ribeirão Pires 10 de novembro de 19 78

*Marcia Cristina de Magalhães*  
Exc. Autorizada

Pela lei nº 2999 de 08 de dezembro de 1987 da Prefeitura Municipal de Ribeirão Pires, que dispõe da alteração de denominações de vias públicas localizadas no município, AM teve definitivamente seu nome marcado na documentação oficial dessa cidade que escolheu para viver boa parte de sua história e que o viu amadurecer e envelhecer. De acordo com essa lei estaria

fisicamente registrado no espaço, como muitos outros que formam a memória dos lugares através do tempo.

No jardim Alteza, área de fronteira entre os municípios de Santo André e Ribeirão Pires, conhecida como corredor, estariam uma série de vias que tiveram seus nomes originais modificados a partir da promulgação da citada lei, dessa forma, a Rua Castelo, deveria passar a denominação Rua Manoel Olímpio da Rocha Gonçalves.<sup>31</sup>

Porém in loco, 18 anos depois, observamos que nenhum dos antigos moradores de Ribeirão Pires, selecionados pelos Vereadores para serem homenageados através da execução da lei 2999/87, realmente constam na prática, melhor dizendo, no Jardim Alteza, não existe nenhuma placa com as novas denominações dadas pela lei de 08 de dezembro de 1987.<sup>32</sup>



<sup>31</sup> Conversando com a atual Engenheira Técnica responsável pelo Departamento de Desenvolvimento e planejamento urbano do município, esta deixou claro que a decisão para alterar nomes de vias públicas, é exclusivamente política, sendo apenas seu departamento comunicado por memorando interno. Se há algum critério, ele é de responsabilidade da Câmara Municipal, que propõe Projetos de Lei com tal finalidade.

<sup>32</sup> Além do Jardim Alteza, que sofreu alterações de denominação em 16 de suas vias, na lei constam mudanças em 5 vias do Jardim Novo Ouro Fino e 2 vias do Jardim Itaquera, que não averiguamos se a situação se repete, isto é, se as denominações respeitam ou não o que diz a lei mencionada. Vide lei em anexo.

## CAPÍTULO II

### A ESCRITA DA MEMÓRIA

Temos como objeto central de análise a autobiografia de um senhor autodidata que produziu também outras obras (contos, crônicas e poemas), no decorrer de sua velhice, quando já tinha aprendido através de suas experiências que as palavras têm poder e o dom de modificar a relação do homem com o mundo, principalmente se ele consegue deter a linguagem de sua nação, conseguindo exprimir o que pensa numa folha de papel

A história difundida hoje, é feita por todos, e instrumentos de análise para o historiador vão muito além do que está escrito. O próprio conceito de documento ampliou-se irrevogavelmente. Dessa forma as narrativas literárias se inserem no rol de novos (nem tanto), mas valiosos objetos de pesquisa historiográfica, trazendo à tona as vivências dos anônimos, as entrelinhas do cotidiano.

Propomos aqui uma análise do discurso produzido por AM enquanto sujeito histórico social, que criou seu texto dentro de determinadas condicionantes e para tal nós buscamos o processo de produção deste artesanato das palavras, confluindo conhecimentos lingüísticos, sócio históricos e ideológicos.

Ao colocarmos essa autobiografia a luz das teorias sobre filosofia da linguagem, de análise de discurso e da própria teorização específica de Philippe Lejeune, a respeito de literatura autobiográfica, buscamos conceituações que facilitassem o seu desvendar. Percebemos que a análise de Walter Benjamin sobre o narrador (1996, p. 197-221) a princípio, nos ajuda muito, pois destaca que as pessoas estariam ficando privadas de sua faculdade de intercambiar

experiências e que seriam cada vez mais raras as pessoas que saberiam narrar devidamente, e vemos que o nosso autor faz parte do grupo dessas raras pessoas.

Benjamin ainda afirma que entre as narrativas escritas, “as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (1996, p.198). Aqui vislumbramos perfeitamente nosso narrador, pois a leitura de seu texto causa a impressão de o estarmos ouvindo falar, inclusive com seu sotaque típico carregado.

Curiosamente coloca-se em 3ª pessoa, e em alguns momentos da narrativa é como se estivesse transcrevendo uma entrevista feita por ele, o autor, com o personagem central AM , ambos na realidade, a mesma pessoa, causando efeito ficcional. Voltaremos a este ponto ao discutirmos os recursos por ele utilizados para representar a si mesmo, como lhe parecia aos próprios olhos. Por ora trabalharemos com alguns elementos que possam desvendar seu discurso, como a importância da comunicação e da linguagem empregada, sua “formação” como escritor, observando como se deu sua aprendizagem e o contexto histórico da educação portuguesa no qual estava inserido; ainda seu estilo literário, como ele interpretou sua memória e como nós podemos trabalhar através dela; as lições da micro história para que através de um indivíduo possamos chegar num contexto sócio-histórico.

## LINGUAGEM: A ORGANIZAÇÃO DE UM DISCURSO

A palavra a princípio serviu-lhe de veículo para o seu pensamento. Assim poderia ser incluído na definição dada por Roland Barthes de escrevente “*os escreventes, por sua vez são homens ‘transitivos’; eles colocam um fim (testemunhar, explicar, ensinar) para o qual a palavra é apenas um meio*” (1999, p. 35). Mas, escritores e escreventes ambos utilizam-se de material em

comum (a palavra), porém para o primeiro, escrever é intransitivo, não chega a ser pura essência, e a língua é seu fim.

Visto isso, o nosso autor em questão, pode ser então considerado um híbrido destas categorias, agindo nas fronteiras que as divisam. Teve a liberdade de quem escreve diante de uma página em branco e que pode corrigir, retocar, refazer, incluir e excluir, de acordo somente com seu gosto, e porque não dizer, fez a organização de seu projeto e tomou decisões para se realizar pela palavra, expondo sua essência. Não era profundo conhecedor da língua com suas regras, exceções e meandros, como aparentemente deveria o ser um escritor, assim considerado por seguir algum padrão instituído nas escolas literárias para inspiração ou criação, além de obedecer a regras da gramática e da língua culta, mesmo assim aventurou-se no mundo das letras e a seu modo, foi um herói.

Vivendo num mundo grafocêntrico, apenas narrar oralmente suas histórias não seriam o bastante para nosso autor. Usamos a linguagem para recriarmos imagens sobre o que tentamos explicar, e ela própria, a linguagem, é fruto social e histórico assim como o que a reproduz. Os componentes semânticos do discurso são sempre determinados por fatores sociais. Podemos tomar como exemplo a seguinte situação: um magistrado e um camponês, apesar de falarem uma mesma língua e viverem numa mesma época, ambos fariam uso diferenciado da linguagem pois a variação depende de suas experiências e como um molde, a linguagem ordenaria o caos que é a própria realidade. A linguagem não só reflete práticas sociais como são, mas se vê refletida nas mesmas.

A linguagem usada por AM no seu texto é totalmente temporal. O que AM via, lia, ouvia, foi moldando e determinando sua maneira de ser e de expressar a realidade, criando uma abstração efetivada por sua prática social. Enquanto sujeito de suas experiências e da própria



aprendizagem, inscreveu no seu texto marcas, diferentes representações do seu “eu” no discurso. Somos dessa forma levados às discussões sobre a análise de seu papel como autor. Segundo afirma Foucault, existiria na ação discursiva o “princípio de autoria”, onde os discursos se agrupariam e dariam origem as suas significações. Apoiando-se nessa reflexão Eni P. Orlandi<sup>1</sup> amplia a noção desse princípio, tornando-o geral, pois mesmo um texto anônimo, possui as marcas de sua autoria impregnadas. Dentro de seu texto, o autor se mostraria de várias formas, estando disperso, entre as palavras que organizam suas idéias é o sujeito de seu conhecimento que vai se mostrando.

Baseando-se nos estudos desta especialista sobre língua e análise do discurso, podemos teorizar o que nosso imigrante fez na prática, ao colocar suas memórias no papel, contando desde a infância, compondo um discurso, que orquestrou vários elementos que enunciaram sua vida, constantemente entremeada pela estrutura social enquanto esta perpassava seu cotidiano. A vida, é ela quem emerge como uma teia ampla e rica de relações psíquicas, familiares, de amizade, culturais e identitárias.

A obra intitulada “*Biografia aldeã – ou vida de pobre*”, é carregada dessas relações, é uma vida pulsando através de seu autor-narrador-personagem. Sujeito e objeto de sua própria análise, a partir do momento que, talvez inconscientemente, assumiu sua posição no contexto sócio-histórico de sua época. A ele não bastou falar sua história para os outros, ele precisou, da solidão da criação para rememorar e registrar sua vivência, o que com certeza esperava que fosse lido afinal deixou em várias passagens, expressões que aproximariam seu texto a um diálogo com o “leitor amigo”. Numa cultura onde escrever, ler e decifrar o mundo ao seu redor era para

---

<sup>1</sup> Eni Orlandi recorre a uma releitura sua da obra “*A ordem do discurso*” (Paris 1971) do filósofo francês M. Foucault para ampliar sua noção de autoria de um discurso, num artigo originalmente publicado em Mercado Aberto, ano 6, nº 9, junho, 1987.

poucos, já lhe bastavam as dificuldades para sobreviver sendo um imigrante português, que aos olhos de muitos, carregam uma pecha negativa, o que deixa claro quando por várias vezes se denomina ignorante. Não queria mais uma exclusão, compulsivamente ao que parece, passou a estudar os mais variados temas e a escrever em qualquer papelzinho suas idéias.

Foi flagrado por muitos de seus familiares, fazendo anotações sob a luz de uma fraca lâmpada, na mesa após o jantar. Muitos não souberam do que se tratava, mas dele guardaram a imagem de uma pessoa extremamente séria e amante da leitura e estudante das escrituras sagradas. Não produziu apenas anotações autobiográficas, muito provavelmente começou como uma atividade para aguçar o raciocínio, fazendo cópias de textos variados, chegando enfim a criação de poemas e contos como “*Bendita Tempestade*”<sup>2</sup>, concomitantemente desenvolveu seu texto sobre suas reminiscências, nossa fonte de maior interesse para desvendar o mundo desse homem que descreveu de maneira tão contundente sua experiência de imigrante.

## CAMINHOS DA SUA APRENDIZAGEM

AM nos suscita uma questão basilar para prosseguirmos nosso caminho: deixou claro que foi um autêntico autodidata, então, como se alfabetizou? Dizendo de outra forma, como desenvolveu a habilidade necessária para adquirir a competência da leitura e da escrita? Esta resposta acreditamos ser fundamental para entendermos a produção de sua autobiografia, e mais do que isso, para a construção da significação que deu ao mundo que o rodeava, pois quando uma pessoa passa pelos “bancos escolares”, como ele dizia, aprende em alguns casos quase por obrigação, enquanto que ele, que poderia ter passado a vida toda lamentando-se de sua sorte, não

---

<sup>2</sup> Que abordaremos mais a fundo em ocasião mais apropriada, no capítulo referente à fala de sua família.

quis assim e com muito esforço mudou seu rumo de aldeão analfabeto como tantos outros, inclusive muitos de seus próximos.

Partindo dessa dúvida inicial, buscamos de forma genérica as raízes da aprendizagem e a sua real função na sociedade, aprofundando –nos em especial em Portugal, buscando entender o contexto que levou AM a não chegar nos bancos escolares. Só assim achamos ser viável, tendo estes dados anteriores em mãos, discutirmos acerca da auto-aprendizagem em si. Temos a perspectiva de que esta maneira peculiar de adquirir o conhecimento, aprender a ler e escrever por si mesmo, sem nenhum recurso, material ou humano direto, do ponto de vista da psicopedagogia constitui flor rara, principalmente por AM nunca ter se ligado a ideologias políticas libertárias que tanto se preocupavam , - em especial ainda nas primeiras décadas do século XX- em alfabetizar e incentivar a leitura entre os excluídos e proletários.

Utilizando como apoio os estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky<sup>3</sup> sobre o processo de aquisição da leitura e da escrita, fomos compreender como se desenvolve o processo de construção da língua escrita. O foco de análise das pesquisadoras eram as crianças em idade pré-escolar, porém de certa forma nos forneceram pistas seguras a respeito da aprendizagem de maneira geral.

A escrita, objeto cultural de nobreza intrínseca, exige um esforço cognitivo importante do indivíduo que requer sua apropriação. Ela não pode ser vista apenas como transcrição gráfica. A alfabetização não é meramente assimilação e reprodução de um código, mas é parte de um sistema de representação da linguagem com elementos interpretativos que visam uma compreensão mais ampla e profunda. Para alcançar tal complexidade na escrita, não podemos

---

<sup>3</sup> Resumo feito por Joana Maria Rodrigues Di Santo da obra “*Psicogênese da língua escrita*” de Ferreiro e Teberosky.

deixar de atrelá-la à leitura, entendida como o questionamento da natureza, função e valor da escrita.

Por muito tempo, os estudos sobre a psicologia da lecto-escrita tradicional voltaram-se à busca de aptidões específicas, porém esse quadro vem se alterando. Tanto as pesquisadoras que recorremos para nos fundamentar e outros psicólogos e educadores, no decorrer de várias análises, chegaram ao consenso de que a aprendizagem da leitura e da escrita não poderia ser reduzida a um conjunto de técnicas percepto-motoras, nem à vontade ou à motivação, mas que deveria se tratar de uma aquisição conceitual, assim a leitura e a escrita formam um conceito caro à humanidade, pois custamos muito para o elaborar.

Não nos importa exatamente a metodologia para a aprendizagem<sup>4</sup>, mas chegar ao sujeito desse processo que deve ser considerado como ser cognoscente, que aprende através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, construindo categorias de pensamento concomitantemente à organização prática do mundo a sua volta. Desse modo retomemos a experiência de AM, enquanto sujeito de sua própria aprendizagem.

É da cartilha infantil que AM se valeu para aprender, no tempo que dispunha entre um afazer e outro, além de sacrificar as poucas horas que possuía de descanso noturno necessário para repor energias para a dura empreitada. Como ele mesmo narra, sua alfabetização ocorreu em Pitangueiras<sup>5</sup>, quando nela trabalhava na construção de uma estrada de ferro. Com mal disfarçado orgulho, registrou em suas memórias tal período de desenvolvimento intelectual ao adquirir as habilidades da lecto escrita. Esse fato nos remete a uma pergunta sobre sua experiência de aprendizagem, ou melhor, a ausência do ensino formal em sua infância: porque

---

<sup>4</sup> As duas metodologias básicas ao que consta são: 1) fonética e mecânica, partindo da oralidade com a correspondência fonema – grafema, sendo esta ainda a mais usada por alfabetizadores. 2) Analítico, onde a leitura é uma metodologia global e ideovisual.

<sup>5</sup> Cidade fundada em 1893, na região noroeste do Estado de São Paulo na macro região conhecida historicamente no período de expansão cafeeira como oeste paulista próxima a Ribeirão Preto e Jaboticabal.

não aprendeu a ler e escrever enquanto criança e nos bancos escolares? Para respondermos, precisamos compreender não só as motivações familiares como também a ideologia , estrutura e funcionamento do ensino português em sua época, isto é, a segunda metade do século XIX.

## QUESTÕES QUE NÃO DEPENDIAM DE AM

No ano de 1867 foram publicadas pela Imprensa Nacional Portuguesa as *Estatísticas da Instrução Primária em Portugal* <sup>6</sup> , que foram resultado de uma iniciativa governamental de inspecionar o funcionamento da instrução primária no país, ação que se inseriu num processo global de desenvolvimento de mecanismos de recolha de dados para prováveis políticas públicas voltadas para a educação. O inquérito decorrente de tal ação mostrou vários elementos significativos para nossa compreensão do quadro do sistema de ensino português.

Aveiro, distrito de origem de AM, geograficamente é parte da região Norte de Portugal, que aparecia como a mais falha em dados educacionais: de caráter estritamente sexista, com escassez de materiais, edificações pouco aparelhadas e insuficiência acentuada das mobílias, conseqüentemente com menor crescimento individual ou coletivo da aprendizagem, características estas que não foram específicas da região, devemos ressaltar.

Retrocedendo na história da educação portuguesa vimos que, em decreto extraparlamentar de 1852, originaram-se três graus de ensino : mecânico, secundário ou profissional e superior ou científico e que para tal, era visível uma irresponsabilidade geral do Estado frente a essa situação, inclusive esperando financiamento vindo de empresas privadas. Podemos afirmar que a situação

---

<sup>6</sup> Documento citado em Artigo de Aires Antunes Diniz representante da universidade da Beira Interior (Portugal), sendo este parte das Atas do 1º Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, com o eixo temático Leitura e Escrita , realizado em janeiro de 1996.

do ensino em Portugal no final do XIX, não era simplesmente degradante, era resultado de uma política pública que veio no bojo do término do movimento liberal de 1820<sup>7</sup>. O Miguelismo assegurou-se de varrer de cena as demandas ou proposições dos revolucionários no período, inclusive abafando a própria Constituição que o rei D. João VI jurara. Esta Carta Magna, às vistas do forte conservadorismo português soava como instrumento liberal, apesar de não atacar as partes estáveis da monarquia, inclusive mantendo a ligação Igreja – Estado.

Rogério Fernandes (2005) ao analisar a importância da educação pública para as Cortes Constituintes portuguesas, instaladas em janeiro de 1821, afirma que esta, a educação, não se destacava entre as preocupações da consciência política dos Revolucionários, líderes do movimento liberal, ao enumerarem num documento intitulado “*Manifesto da Nação Portuguesa aos soberanos e povos da Europa*” - encabeçado pelo patriarca do movimento Manuel Fernandes Tomás – as dificuldades do país, o sério déficit educacional não mereceu ser objeto de especial referência, apenas mencionava a “sistemática da ignorância” no país.

---

<sup>7</sup> Revolução do Porto – Desde a transferência da Corte para o Brasil (1808), Portugal vivia uma situação incômoda: no mesmo ano foi invadido por Napoleão; posteriormente, com a expulsão dos franceses, passou a viver sob a direta tutela inglesa. Até 1820 Portugal foi governado por Lord Beresford. A ambigüidade política de D. João contribuía para manter aquela situação anômala, pois mesmo após a libertação de Portugal o soberano continuava no Brasil. Além disso, as medidas de D. João que deram ampla liberdade econômica ao Brasil estavam prejudicando o comércio português, levando a economia a uma situação desesperadora. A revolução foi liderada por Manuel Fernandes Tomás, que, na cidade do Porto, em 1818, criou uma associação liberal, inspirada no exemplo da Revolução Francesa. Essa associação contava com a participação de treze membros e recebeu o nome de Sinédrio. Em fins de 1820, além de elementos militares, reunia também membros do clero. Em agosto do mesmo ano foi lançado um manifesto à nação, de autoria de Fernandes Tomás. A revolução propriamente dita eclodiu em 24 de agosto de 1820, e os rebeldes imediatamente formaram um governo: a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino. A revolução, de início limitada ao Porto, mais tarde chegou a Lisboa, tornando-se um movimento nacional. O historiador português António Sérgio assim resume os acontecimentos: “Em Portugal governava Beresford (...) Quando, em 1820, o general inglês foi ao Brasil, o Porto sublevou-se. Os oficiais britânicos receberam ordem de retirar; não se permitiu o desembarque de Beresford, à volta do Rio; e nomeou-se uma nova regência, convocando-se uma assembléia para elaborar uma constituição (...). A Inglaterra insistiu com o rei para que voltasse para a metrópole, o que ele fez, deixando no governo do Brasil o filho mais velho, D. Pedro. Chegando a Lisboa, o monarca jurou a Constituição; mas a rainha, D. Carlota Joaquina, e o filho mais novo, D. Miguel, puseram-se à frente do partido absolutista”. Informações retiradas do site [www.culturabrasil.org/revolucaodoporto.htm](http://www.culturabrasil.org/revolucaodoporto.htm) com acesso em 07/09/2005

Aos poucos a *“insensibilidade a respeito das questões educacionais, deu lugar a uma defesa da instrução pública como instrumento da recuperação da moral”* e *“fator de progresso econômico”* (Fernandes, 2005). Destacava então esses elementos o líder Fernandes Tomás, como consequência da evolução dos debates sobre o tema. O mentor do movimento, deixou claro, a relação que via entre males da economia com a necessidade de abrilhantar a *“religião santa do país”*. Aceitava a união do Estado com a Igreja, desde que os quadros desta fossem providos de homens que *“amassem a constituição e a fizessem amar por seus diocesanos”*. (in Fernandes, p.20, 2005)

Para um movimento dito liberal, defender uma *“iluminada instrução pública”* aliada à valorização das instituições sagradas e monárquicas, no mínimo nos soa estranho, uma leitura bastante peculiar, até mesmo enviesada do contexto histórico europeu perpassado pelos ideais propagados pela Revolução Francesa.

As Cortes Portuguesas continuaram na prática inoperantes, sem alterarem a situação educacional. Haviam escrito um vago texto para criarem estabelecimentos de caridade e instrução pública, todavia no texto definitivo constitucional, houve certo avanço nas diretrizes para reforma de ensino. Podemos observar que a organização educacional consta do último e quarto capítulo do documento intitulado *“Dos estabelecimentos de instrução pública e de caridade”*, no qual em seu artigo 237 dispunha:

*“Em todos os lugares do reino onde convier, haverá escolas suficientemente dotadas, em que ensine a mocidade portuguesa de ambos os sexos a ler, escrever e contar, e catecismo das obrigações religiosas e civis”*. (in Fernandes p.21, 2005)

É relevante destacarmos que neste texto a lei determina a criação de mais escolas, sem colocar, nem quando nem onde ou como, deixando uma imensa margem, para interpretações dúbias ou que conviessem para o governo do momento. Mas ainda assim, nos três anos do movimento (1820- 23) , criaram-se 59 escolas, chamadas de Primeiras Letras, em diversas localidades. A proposta dos revolucionários era que, da mesma forma que os comerciantes haviam prosperado por terem adquirido boa educação, o setor agrícola também conheceria forte avanço, ao receber uma instrução técnica, no topo da atualização da época.<sup>8</sup>

[...] o nosso AM andava com cara de choro, e uma mulher que havia sido assalariada pelo pai dele, disse: - Ora, mas o menino é muito pequenino para andar em tal serviço! [...] mas aquele menino economizava-lhe o salário de um adulto. Quando AM atingiu a idade escolar, a mãe já sofria de bronquite. Sua mãe teve 11 filhos dos quais 6 se criaram e 5 morreram [...] O primeiro que sobreviveu, nasceu quando AM estava quase completando 7 anos, a irmã que era mais velha, havia atingido nove anos, mas era obrigada a cuidar do serviço da casa, e o AM, o tempo que não trabalhava na lavoura eram pajem de crianças[...] Este estado de coisas fez com que o infeliz AM, não freqüentasse a escola, nem ao menos uma hora. (GONÇALVES, 1976 p.2,3)

Achamos necessário salientarmos alguns dados referentes ao número de estudantes do ensino primário no final do século XIX:

---

<sup>8</sup> Num artigo que relativiza a escolarização ao desenvolvimento capitalista em Portugal, Aires Antunes Diniz (1996) representante da universidade da Beira interior – Portugal no I Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, faz análise da escolarização como decorrência da necessidade do sistema econômico, desembocando na criação do Ministério da Instrução em 1870 , destaca a situação do ensino em vários países através dos resultados apresentados pelo relatório feito após a *Exposição Universal de Viena* de 1873, destilando críticas a seu país “*e ontem como hoje o nosso país fica-se pela cauda das estatísticas, que espelham o nosso desleixo*”(p.175).



País	nº a cada 100 habitantes
Estados Unidos	18
Império Alemão	15
França	13
Grã Bretanha	12
Itália	6.5
Argentina	5
Portugal	2.5
Brasil	1.2
Egito	0.3

Sabemos que Portugal, na 2ª metade do século XIX e início do XX, passou por forte estagnação econômica, sendo um dos fatores que contribuíram para um baixo desenvolvimento industrial, a falta de instrução de sua população que, caindo num círculo perigoso de dificuldades, condicionou desfavoravelmente a aplicação de capital nos processos produtivos industriais do país. A título de exemplo em 1910, ano da Proclamação de sua República, que coincide com a vinda pela primeira vez de AM para o Brasil, os portugueses só contavam com 74.817 empregos industriais.

Diniz utiliza-se dos dados de um inquérito requerido pelo Ministério de Instrução, para mostrar a situação potencial e real para a formação básica escolar de crianças de ambos os sexos em idades entre 7 e 15 anos.<sup>9</sup>

Sexo	População escolar potencial Nº absoluto	Percentual freqüente	Não freqüente
Masculino	388.081	19,8%	80,2
Feminino	369.453	6,1%	93,9

Após a colocação dos dados acima o inquiridor deu seu parecer sobre as causas do insucesso escolar, tendo como resultado a baixa freqüência e esta por sua vez teria motivos variados de acordo com as escolas pesquisadas:

---

<sup>9</sup> Cálculos da tabela de alunos não freqüentes feito por nós.

motivos	Percentual citação
Desleixo dos pais	5.6%
Trabalho agrícola	35.6%
Trabalho doméstico	30.7%
pobreza	18%
Problema com professores	6.8%
Ignorância em geral	5.5%

Acreditamos que através destas observações, tenhamos respondido nossa indagação anterior. AM sendo de uma região com pouco desenvolvimento econômico e com pouquíssimo incentivo para os estudos, muito mais pelo contexto no qual estava inserido, foi introduzido no trabalho agrícola desde a mais tenra idade. Este fator – trabalho agrícola - aparece como o de maior percentual para que as crianças não conseguissem frequentar as aulas.

Para este menino a escola não passaria talvez de um sonho distante que se tornou impossível. A sua presença numa instituição de ensino não foi viável, mas isso não significou que AM aceitasse uma vida de exclusão do mundo das letras.

Como dissemos no capítulo VII, AM sentia-se desgostoso ao confiar a outra pessoa seus segredos pedindo que alguém fizesse uma cartinha para sua namorada, e depois lesse a resposta. Seria o escrivão quem namora e não AM. Isto não podia acontecer, custasse o que custasse, seria indispensável aprender; nem que fosse obrigado a dormir só uma hora, e estudar o restante da noite. Estas razões fizeram que AM, sempre que dispunha de alguns minutos, estudasse. Comprou tudo o que era necessário, inclusive cartilha infantil. Geralmente adormecia com luz de querosene a cabeceira, e seus companheiros quando voltavam da farrá, apagavam a luz, porque não queriam dormir com cheiro de querosene na casa. Foi por seu próprio punho que AM escreveu a segunda carta de Pitangueiras, endereçada ao pai. O pai de AM que havia aprendido por esforço próprio, quando trabalhava na estrada de ferro Leopoldina em Minas Gerais, desculpou-lhe os erros e deu graças a Deus, pelo esforço do filho, e porque poderia escrever o que quizesse. AM que alimentava grande desejo de conhecer as quatro operações, comprou uma aritmética progressiva de Antonio Trajano e sem o auxílio de professores, aprendeu não só as quatro operações, mas como aplicá-las na resolução de problemas pertencentes à regra 3, achar o quadrado dentro do círculo, as três fórmulas de percentagem e frações, e a falsa posição. Aos setenta anos, AM podia dar explicações aos netos que cursavam o quarto ano primário. (GONÇALVES, 1976, pp. 61-62)

Sua aprendizagem, aparentemente, não constituía fator de importância para aquele núcleo familiar, e o que é óbvio, é que o ensino ficava relegado a 2º ou 3º plano, quando se tratava de gerir a sobrevivência própria e dos seus. E ainda assim, sem ter tido nenhuma oportunidade em sua infância, AM demonstra a sua amargura quanto ao fato de nunca ter freqüentado os bancos escolares, mas ao mesmo tempo traz um sentimento de orgulho incontido de ter aprendido sozinho e poder ensinar cálculos aos seus netos.

#### AM NO ROL DA LITERATURA CONFSSIONAL AUTOBIOGRÁFICA

O ato de aprender por si só não é a novidade, pois essa ação é tão velha quanto o mundo, assim que o homem se fez. Mas sua perseverança e determinação é que incluem nosso personagem no rol daqueles considerados autodidatas. O Fenômeno do autodidatismo ultrapassa barreiras de classe social, foi bastante disseminado entre os operários e prática habitual de socialistas como instrumento de conscientização, por isso muitos autodidatas sofreram com preconceito de ideólogos, intelectuais ligados a uma cultura oficial. Em contrapartida existem posturas como a de Jaime Cubero que declara que a escola não ensina ninguém a pensar, portanto o verdadeiro sábio é o autodidata.<sup>10</sup>

De maneira geral, seu texto se insere na categoria generalizante da Literatura confessional ou intimista que é “*centrada no sujeito [...] objeto de seu próprio discurso*” (REMÉDIOS,1997 p.9) admitindo configurações diversas como romances autobiográficos, auto-retratos, diários íntimos e memórias.

---

<sup>10</sup> Jaime Cubero socialista libertário concedeu entrevista a Valverde, 1996.

Frisamos constantemente ser nossa fonte primária de pesquisa uma autobiografia, baseando-nos em Phillipe Lejeune, crítico literário francês que até o momento fez a mais abrangente teorização sobre o tema determinando ser a autobiografia: “*Récit rétrospectif en prose qu’une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu’elle met l’accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité.*” (LEJEUNE, 1973, P. 138)<sup>11</sup>

Ele mesmo, desvinculando-se deliberadamente da característica básica observada por Lejeune de ser a autobiografia normalmente narrada em 1ª pessoa, identificando o autor com o personagem central (1973, p. 139) coloca-se em 3ª pessoa. Podemos interpretar essa sua atitude, como tentativa de querer garantir um distanciamento seguro de suas memórias, de si mesmo e de todos a quem enredou no seu texto. Referiu-se a si mesmo como AM, posteriormente em conversa informal gravada por sua neta Roseli explicou ser a “sigla” AM correspondente ao termo *Amigo Manoel*, além de declarar a decisão de citar a todos por pseudônimos ou abreviaturas, posto que quase todos estavam vivos e em alguns momentos fazia “pesada crítica”.

Eu (o autor) perguntei: O amigo contou a história de sua vida, cuja recordação agradável é unicamente que passando duras privações, alguns perigos e bastante desgostos e contrariedades, foi um lutador que lutou e venceu! Mas no decurso de sua história jamais fez alusão a religião que seguiu no decorrer de todos esses anos, afinal qual a sua religião? O AM guardou silêncio por alguns momentos até que eu, como um relâmpago me passou pela mente haver de minha parte uma certa indiscrição[...] (GONÇALVES, 1976 p.588).

Este fragmento nos faz refletir sobre o real significado do chamado espaço autobiográfico. Para um desavisado, a história de AM poderia passar por ficção, dada a não semelhança das iniciais do personagem com o nome real do autor, mas é aí que está a imagem especular de AM. Manoel Olímpio está se vendo, distanciando-se o suficiente para respirar e preservar suas

---

<sup>11</sup> “narrativa ou relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz da própria existência, dando ênfase na sua vida individual e em particular na história de sua personalidade” tradução livre.

análises, como destaca Nora Catelli, (1991 p.11)\_ “Y esa câmara de aire, esa impostura, es el espacio autobiográfico: el lugar donde um yo, prisionero de si mesmo,obsesivo, mulher o mentiroso, proclama, para poder narrar sua história, que él (o ella) fue aquello que hoy escribe.”<sup>12</sup>

Textos autobiográficos podem ser considerados como documentos no campo dos estudos historiográficos ou de análise das civilizações posto que a escrita do eu é um produto histórico que se desenvolve no mundo ocidental a partir dos fins do século XVIII e como tal expressa uma ruptura e sintoma específico deste período e formação social (CATELLI, 1991).

## COMO LIDAR COM A MEMÓRIA

Trabalhar com memória, requer um aprimoramento da sintonia fina com nosso objeto, para não manuseá-lo de forma frívola e irresponsável. Sabendo que o ser humano é por excelência um ser social e histórico, não podemos lidar com suas experiências como se fossem meros dados para análises estatísticas, mas desenvolver capacidade de senti-las . Registrar suas memórias passa pelo desejo de atender as necessidades objetivas e psicológicas do indivíduo, porém devemos ter a clareza que algumas delas são inalcançáveis.

Remetemo-nos assim a três trabalhos que discutiram a memória, fragmentos e rastros deixados por indivíduos em meio a muitos que podem ser representantes de seu lugar social, contribuindo para a análise da autobiografia de AM aqui em questão. É importante ressaltar o ineditismo deste material como fonte de pesquisa, pois até o momento de nossa pesquisa, nenhum dos autores consultados realizou pesquisa com um texto totalmente produzido por um sujeito

---

<sup>12</sup> “A essa câmara de ar, essa impostura, é o espaço autobiográfico, o lugar de onde um eu, prisionero de si mesmo, obsessivo, mulher ou mentiroso, proclama, para poder narrar sua história, que ele(ou ella) foi aquilo que hoje escreve.” (Tradução livre).

histórico idoso, pobre, autodidata, imigrante, lavrador, elementos esses identitários de AM enquanto sujeito histórico.

A historiadora Marina Maluf (1999) , em sua belíssima obra pesquisou os livros de memórias de duas mulheres da elite rural nas zonas de expansão cafeeira de São Paulo, ambas tiveram formação cultural com professoras particulares. É no trabalho da pesquisadora com essas memórias que vamos poder compreender suas especificidades e estabelecer pontes para o nosso objeto de estudo. Assim como Floriza e Brasília, AM talvez não tivesse intenção de ficcionar o passado, mas em seu estilo de discurso construiu uma ficção de sua realidade vivida, reconstituída a partir de suas experiências, pois enquanto as escreve, também as lê, portanto tudo é carregado de sentimento, o que muitas vezes é o propulsor que faz vir à tona as lembranças.

A autora destaca a fala de M. Perrot mostrando que não há “*nada menos transparente do que uma autobiografia, feita para ocultar tanto quanto revelar.*” (PERROT apud MALUF 1999, p. 40) As narrativas autobiográficas, que a princípio não interessariam a ninguém mais do que a família de quem a produziu, ultrapassam o individual e ganham dimensão mais ampla, podendo ser um demonstrativo de disputas sociais, políticas, econômicas, culturais, do grupo ao qual pertence seu autor.

A distância de décadas para começar a resgatar seu passado também é ponto de aproximação entre as mulheres cafeicultoras e nosso aldeão pobre. O “eu” narrador é extensivamente observado e teorizado por Marina Maluf, deixando claro que o passado é a matéria-prima para a memória e que cada memória pessoal é uma perspectiva da memória coletiva.

Ecléa Bosi reflete sobre a memória em si e seu nexos íntimo com a vida social, além de observar o papel da memória na velhice para poder comentar os resultados das transcrições de

oito entrevistas feitas com sujeitos, homens e mulheres operários na cidade de São Paulo. Deu relevo a uma análise diferencial da memória trabalhada por Henri Bergson que mostra a existência de dois níveis: uma memória-hábito, própria dos mecanismos motores adquirida pelo esforço de atenção e repetição sendo parte do nosso “adestramento cultural”; a lembrança pura, que possui caráter não mecânico, mas evocativo. (BERGSON apud BOSI, 2003, p.49)

Em seu estudo Bergson defronta o espírito e a matéria, estando a memória filiada à subjetividade espiritual, porém a autora observa que é necessário dar também a ela um tratamento como fenômeno social. Para tanto lançou mão das pesquisas de Maurice Halbwachs<sup>13</sup>, mostrando que a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que povoam nossa consciência atual e lembrar não é então reviver, mas reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado que nunca sobrevive tal como foi (HALBWACHS apud BOSI, 2003, p. 54-5). Voltaremos a esta discussão quando tomarmos o rumo das análises da temporalidade que envolve a produção da autobiografia.

Ecléa Bosi afirma que o único modo correto de sabermos qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo seria levá-lo a fazer sua autobiografia, pois a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente de como uma pessoa lembra, é a sua memória (2003, p.65). Assim AM nos deixa este riquíssimo material que pode nos ajudar a compreender como via o mundo e vivia um lavrador imigrante que passou por boa parte do século XX, observando tantos acontecimentos e mudanças históricas.

A linguagem utilizada é o instrumento socializador da memória. Com a autobiografia de AM, importante é observar como faz para desenrolar a própria história, o tratamento dado a si mesmo como personagem, suas ações e reflexões enquanto representações de seu pequeno

---

<sup>13</sup> Halbwachs, um dos principais estudiosos das relações entre memória e história pública (teoria psicossocial); herdeiro da tradição sociológica francesa onde há o predomínio do social sobre o individual.

universo, possuindo conexões diretas com o lugar social de onde fala. É, portanto, nosso papel estabelecer constantemente essa ponte entre seu universo – o singular – com seu contexto – o estrutural.

## DO MICRO AO MACRO

Contribuiu muito para nossas reflexões o trabalho de pesquisa que trata de Domenico Scandela, moleiro friulano, conhecido como Menocchio. É este indivíduo que o historiador Carlo Ginzburg (1987, 271p.) traz à luz com sua pesquisa, investigação que partiu da curiosidade sobre uma longa sentença e as acusações nela contida, num julgamento do Santo Ofício no século XVI, onde o réu afirmava que o mundo tinha origem na putrefação.

A partir daí, Ginzburg deixou claro o objeto de sua análise que é menos Menocchio e mais a cultura popular, especialmente a cultura camponesa naquele período, em que este indivíduo poderia de certa forma ser um porta-voz. Apesar de ser considerado desde o primeiro instante pelo pesquisador como indivíduo aparentemente fora do comum, ajudou a desembocar numa hipótese geral sobre a cultura popular, mais precisamente camponesa. Existindo culturas da classe subalterna e da classe dominante (terminologias utilizadas por Ginzburg), qual seria o relacionamento entre elas? Ginzburg destacou várias questões a partir desta pergunta central: até que ponto a cultura subalterna estaria subordinada aos dominantes? O que conseguiu produzir e o que lhe foi imposta? Teria condições de haver circularidade entre ambas?

Para responder a essas e outras questões o historiador foi desenvolvendo competente reconstrução dos fatos, nos mostrando ao final que Menocchio seria um caso limite e estaria entre os dois níveis de cultura. Sabendo ler e escrever, este moleiro reinterpreto a cultura oral



camponesa, a religião oficial, o mundo a sua volta. Assim ocorreu com a autobiografia de Manoel Olímpio da Rocha Gonçalves ou AM (amigo Manoel), ela saltou-nos aos olhos, despertando curiosidade sobre suas memórias e sua particular maneira de ver as pessoas e o mundo a sua volta, aproximando-se assim bastante de Menocchio, os quais, guardando as devidas proporções de suas épocas, foram camponeses do interior da Europa ocidental, em meio a uma massa iletrada, aprenderam a ler, escrever e a partir disso puderam ter acesso a produções culturais escritas que os formaram, informaram e, sendo reinterpretadas, também puderam ser deformadas, mas sendo pesquisados como se fossem microcosmos de um estrato social inteiro num determinado período histórico.

Assim como Menocchio, AM se mostra tão próximo de nós e ao mesmo tempo diferente. Um tem sua cosmogonia registrada por seus Inquisidores, o outro demonstra, pelos seus escritos, não possuir postura teológica que realmente o encaixasse em modelos fechados. Nascido no seio do catolicismo conservador português, até o fim da vida foi se aproximando do Kardecismo, -sem nunca declarar-se Kardecista - e sempre fez profundas críticas ao clero. Menocchio também não conseguia deixar de pensar numa vida pós-morte, não poderia ser encaixado no movimento de Reforma Protestante e nem Anabatista, o que o tornava tão seguro? Em nome do que falava? Suas opiniões inicialmente consideradas tentação ou inspiração de Deus ou do demônio, saíram finalmente de sua cabeça (ibid., p. 73).

Em nenhum momento Ginzburg usou seu moleiro como fator generalizante, demonstrando claramente que Menocchio não era um camponês típico, mas se mostrava numa situação de tênue fronteira cultural, porém ao observar todo seu trabalho e metodologia utilizada, o pesquisador nos dá uma lição interessante de como através das fontes que temos em mãos, nos aproximamos o mais possível do que aconteceu, como eram as pessoas e o contexto que as

envolvia. Com AM, é possível “diálogo”, pois se mostra muito vivo através de suas memórias. Os filtros e censuras que ocorreram em sua fala, foram deliberadamente escolhidos e postos por ele. Não podemos abrir mão de pesquisar sobre a cultura popular, (ou mesmo sobre indivíduos aparentemente insignificantes na História), mesmo que a documentação nos traga apenas seus fragmentos, pois não devemos jogar a criança fora junto com a água da bacia, como sabiamente nos adverte Carlo Ginzburg (ibid., p. 21).

#### LEITURAS DO MUNDO PARA ESCRITA DE SI

Não só percorrendo os lugares pelos quais passou AM, analisando e introduzindo discussões a cerca do contexto que experimentou (como fizemos no Capítulo I), ou ainda aprofundando-nos no discurso que produziu, poderíamos conhecê-lo melhor. Precisamos ultrapassar a carapaça material e apesar de ser terreno difícil, penetrarmos em seu pensamento, só assim talvez seja viável apresentarmos este senhor que obstinadamente buscou ler e escrever para não se sentir talvez tão excluído, diante de tantas outras exclusões que via e sofria.

Como homenagem a V. S.  
que vem nos honrando com sua preferência  
**ULTRALAR** lança um concurso sensacional!

**"OBRIGADO PELA PREFERÊNCIA"**  
(CARTA PATENTE 888)

Se não for prestamista  
FAÇA JÁ UMA NOVA COMPRA

Se já o for  
MANTENHA-SE EM DIA COM SUAS MENSALIDADES

... e GANHE PRÊMIOS FABULOSOS  
pela Loteria Federal de 27 de Fevereiro de 1960

PRÊMIOS	VALOR
1.º — Casa ou Automóvel . . . . .	Cr\$ 500.000,00
2.º — Geladeira Retilínea GE . . . . .	69.900,00
3.º — Televisor "GE 17", 110.º . . . . .	61.900,00
4.º — Máquina de lavar roupa Bendix Economat . . . . .	43.980,00
5.º — Fogão Visoramic com termostato . . . . .	23.950,00
6.º e 7.º — Máquina de Costura Elgin Zig-Zag . . . . .	22.950,00
8.º e 9.º — Fogão Visorette . . . . .	14.000,00
10.º e 11.º — Aspirador de Pó Siemens . . . . .	10.280,00
12.º e 13.º — Bicicleta Gulliver . . . . .	7.900,00
14.º e 15.º — Liquidificador Citylux . . . . .	4.330,00
16.º a 114.º — Ferro automático GE . . . . .	2.650,00

**Têm direito a receber cupons**

- Todos os prestamistas que fizerem seus pagamentos em dia (um cupom para cada um dos pagamentos).
- Todos os que fizerem uma nova compra acima de Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros) com entrada não inferior a Cr\$ 1.000,00, (quem fizer compras inferiores pode somar suas "Notas de Vendas").

**ATENÇÃO!** — Comprando à vista, além de ganhar seu prêmio V. S. receberá de volta, como prêmio especial, o montante da compra que realizou.

**Cada pagamento é uma chance . . . Aproveite todas elas!**

**ULTRALAR**

**SÃO PAULO**  
CENTRO: Rua do Seminário, 149 — BELEM: Av. Calza Garcia, 1096 — IPIRANGA: Rua Silva Bueno, 2295 — LAPA: Rua 12 de Outubro, 83189 — PENHA: Av. Pasha de França, 597 — PINHEIROS: R. Padre Corvelho, 834 — STA. CECÍLIA: Av. S. João, 2097 — SANTANA: R. Val de Patria, 1749 — STO. ANDRÉ: R. Cel. Oliveira Lima, 27.

**RIO**  
CENTRO: Rua México, 108 e 11A — BONSUCESSO: R. Cardoso de Moraes, 68 e 68A — MADUREIRA: R. Domingos Lopes, 795-B — PENHA: Av. Brás de Pina, 95/A — BANGU: Estrada do Setim, 35 — CAMPO GRANDE: Rua Barcelos Domingos, 29 — SÃO JÓÃO DO MÉRITO: R. de Azeite, 133 — NITERÓI: R. José Clemente, 47 — NOVA IGUAÇU: Rua Olívio Torquino, 165 — CAXIAS: Rua Nunes Alves, 31.

Frente e verso de uma propaganda da Loja Ultralar utilizada para anotações

The image shows the front and back of a piece of paper. The front side (top half) contains the printed advertisement for Ultralar, including a list of prizes and their values, and a list of store addresses in São Paulo and Rio de Janeiro. The back side (bottom half) is covered in handwritten text in Portuguese, which appears to be a religious or moralistic passage, possibly a sermon or a letter, written in cursive. The handwriting is dense and fills most of the back of the paper.

Leitor e escritor compulsivo fazia anotações nos papéis mais improváveis. Tinha acesso restrito a mais leituras quanto gostaria, mas ainda assim era bastante seletivo, porém eclético, filtrando o que não compactuava com seus rígidos valores morais.

Trabalharemos aqui, com o que consideramos que foram as duas fontes principais de suas análises, manancial de seu conhecimento geral a cerca do mundo, enfim do que possibilitou o aprofundamento de sua visão desde as pessoas próximas, até a sociedade, da terra que trabalhava até o Universo. Estas foram: o Almanaque Biotônico Fontoura e a própria Bíblia.

Mas não podemos deixar de mencionar que, por exemplo, encontramos dentro da sua Bíblia, recortes de notícias de Folha da Manhã, oferecendo-nos indícios que era leitor da mídia impressa de grande circulação, além de documentos referentes a sua participação na Legião da Boa Vontade. Sobre esse ponto temos corroborado pelo depoimento de sua filha caçula ter sido ouvinte fiel do programa apresentado por Alziro Zarur , o criador da LBV, na rádio Globo, incorporando em seu cotidiano e no da sua família inclusive, a “oração do copo”, comandada por esse radialista.



Cartaz de propaganda do Biotônico Fontoura que gerou o Almanaque criado para sua promoção

*“Falar/escrever sobre o Almanaque do Biotônico Fontoura é rerepresentar uma teia da qual fazem parte Candido Fontoura, o Biotônico, Monteiro Lobato, Jeca Tatu, Imprensa, Propaganda e Literatura.”*(PARK, 1999 p.104) E através da leitura desse Almanaque, AM se emaranhou nesta teia, onde podemos acrescentar, uma visão higienista e um forte nacionalismo, mas acima de tudo uma mistura de valorização da ordem do trabalho e da educação que, acreditamos, muito o agradariam.

O Almanaque do Biotônico Fontoura foi criado em 1920 com o intuito de promover o fortificante criado por Cândido Fontoura, que tinha como aliado e incentivador nada menos que Monteiro Lobato que inclusive sugeriu a criação do Almanaque como peça de propaganda. Afinal vivia-se em especial no Brasil, a época de apogeu dos almanaques. Este tipo de literatura popular, sempre traz informações sobre religião, horóscopo, meteorologia, técnicas agrárias, entre outros assuntos que muito agradavam a AM.

O Almanaque do Biotônico rapidamente atingiu grande penetração, aumentando de sua tiragem inicial de 50 mil exemplares para 2 milhões em 1939, consolidando-se na década de 40 chegando a 3,5 milhões de exemplares, sendo poucas as farmácias que na época não o distribuíam gratuitamente. Os Almanques de farmácia, como será conhecido este gênero têm raízes em Portugal no final do século XIX.

Possuía seções características como: a lavoura do mês, horóscopo, origem das denominações, as fases da Lua. Além de uma infinidade de dicas cotidianas, saberes populares condensados, mas tudo supervisionado por um controle dos bons costumes e da moralidade. Suas capas ilustram bem como “evoluía com os tempos”, retratando o que era considerado o melhor para a população.

Mas acima de tudo não podemos esquecer do personagem de Monteiro Lobato criado especialmente para o Almanaque: o Jeca Tatu. Nascido por assim dizer de uma “metáfora médica”, o Jeca é instrumento de crítica ao Brasil do atraso, ignorante e preguiçoso em contraposição ao país saudável, trabalhador e culto que seus criadores, (do almanaque e do personagem) desejavam.

*“Que grandessíssimo preguiçoso (...) Tudo para elle não pagava a pena.(...) Isso de trabalhar não era com elle(...)Ao lado morava um italiano que já estava ficando rico. O homem trabalhava o dia inteiro e seu sítio era uma belleza (...) Esse doutor (com ilustração que representava Cândido Fontoura) era médico muito estudioso e inteligente. Tinha escripto diversos livros e vivia a falar de higyene.(...)Três mezes depois ninguém mais conhecia o Jeca (...) Quem o viu quem o vê! Nem parece brasileiro mais. (...) Verás que o trabalho dessa gente produzirá três vezes mais e te enriquecerá muito mais depressa. Um país não vale pelo tamanho nem pelo número de seus habitantes (...) Ora ter saúde, é a grande qualidade de um povo.”<sup>14</sup>*

Estas palavras provavelmente foram de encontro a muito do que acreditava AM. Relacionado ao campo a vida no sítio tão próxima da realidade dele, reverenciando o trabalho, criticando a preguiça, e fazendo elogios a higiene e saúde. Quando faleceu em 1978, Manoel Olímpio deixou muitas prateleiras lotadas de almanaques e outras leituras muito variadas que infelizmente se perderam quando seus filhos e netos quiseram dividir entre si as lembranças do amado pai e avô. Assim sua coleção do Almanaque do Biotônico se foi nessa partilha, dificultando nosso trabalho.

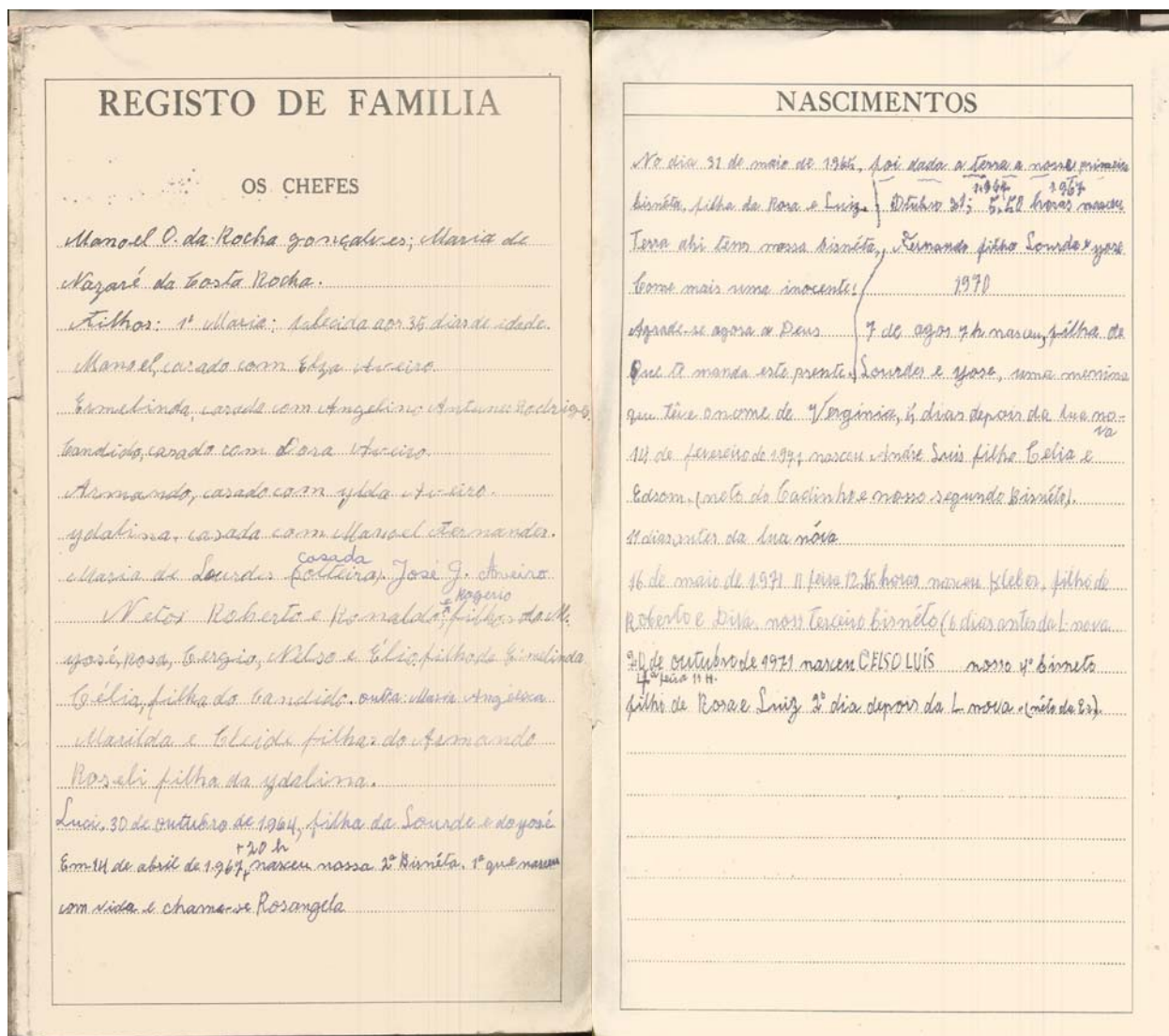
O Almanaque após completar seu cinquentenário (1970), com tiragem de 80 milhões de exemplares, logo deixou de circular, pois entrava uma nova era para os Almanaxes, onde se condensaria o maior número de informações gerais para consultas rápidas e pesquisas escolares.

---

<sup>14</sup> Fragmentos da Edição Especial de Jeca Tatuzinho

É nesse formato que vem o Almanaque Abril criado em 1974 e em circulação até hoje. O fortificante Biotônico com pequena alteração em sua fórmula, ainda hoje pode ser encontrado.

AM começou a ler a Bíblia quando ganhou uma de um vizinho que era protestante, possivelmente na década de 40. Sentindo-se desafiado por ele argumentou que lia o livro Sagrado até a exaustão, para saber todos os seus pormenores, pois não queria passar por ignorante nas coisas de Deus. A partir daí iniciou um grande percurso para dentro de sua espiritualidade. Católico praticante desde a infância, talvez tenha sentido que, quanto mais conhecia a Bíblia mais se afastava da religião oficial.



A sua Bíblia passou a ser quase uma agenda das questões familiares com registros de todos os nascimentos e casamentos. Dentro dela encontramos muitas pequenas anotações esquecidas entre um afazer e outro. Analisava muitos elementos como a genealogia de Adão, a até a construção da Arca de Noé, aliás cálculos eram uma de suas paixões.

Seus familiares relatam que a Bíblia o inspirou a ler outros textos relacionados aos “mistérios entre o céu e a terra”, como as Profecias de Nostradamus, que ele muito admirava e valorizava, e depois da década de 60, período em que também escreveu sua autobiografia, fez cuidadosas leituras do Médiun Ramatís e do *Evangelho Segundo o Espiritismo* de Allan Kardec.

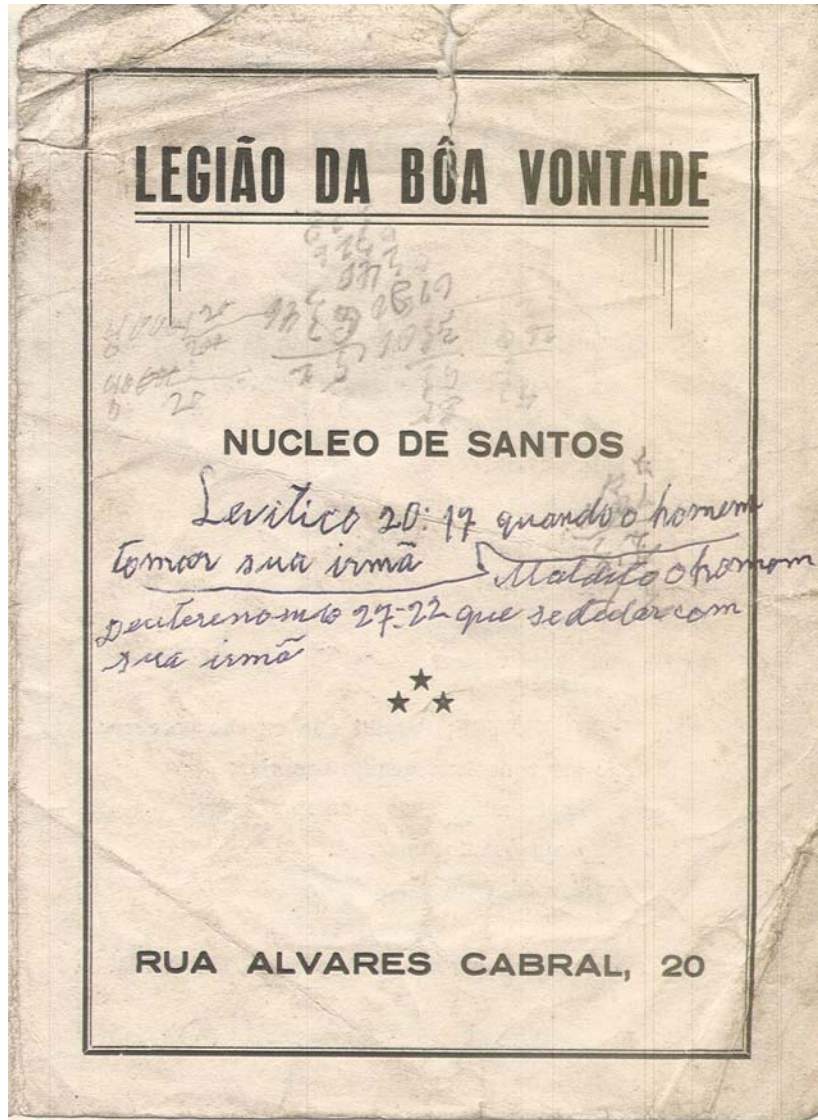
Foi justamente através do programa de rádio do jornalista e radialista Alziro Zarur, que passou a ter contato com um pensamento mais ecumênico e onde ouviu falar talvez em primeira mão, sobre a obra do médium Ramatís. Não podemos afirmar categoricamente qual o real impacto das mensagens de Zarur transmitidas pelo rádio com lições de fundo moral que sempre dicotomizavam bem e mal, tiveram sobre o espírito de AM tão fatigado da labuta e que em 1948 romperia definitivamente com a Igreja Católica Apostólica Romana<sup>15</sup>.

Mas é certo que a proposta de defensor da paz e o ecumenismo acabaram por ganhar em AM mais um adepto, pois segundo sua filha caçula, chegou até a ir num encontro no Estádio do Pacaembu para ver pessoalmente Alziro Zarur e filiou-se à Legião da Boa Vontade (LBV) na década de 50, instituição ecumênica de proposta inicial filantrópica, criada por esse radialista em 1949, e anunciada no seu programa “A hora da boa vontade” na Radio Globo.

---

<sup>15</sup> fato este que trabalharemos no próximo capítulo de maneira mais detalhada.





Capa de folheto da LBV encontrado entre as páginas de sua Bíblia

Quanto ao Kardecismo, mesmo em conversa, nunca admitiu seguir abertamente os preceitos dessa religião. Talvez estivesse se protegendo inconscientemente de posturas com as quais não concordasse plenamente, mas não buscava um enfrentamento religioso direto, apenas ter a oportunidade de debater idéias e ter as suas respeitadas.

Quando sua filha Idalina , por uma série de problemas de saúde <sup>16</sup>, passou a freqüentar a Federação Espírita de São Paulo (1957), conheceu através dela uma ampla literatura do gênero. Estudava minuciosamente e depois procurava interpretar a luz de suas próprias crenças pessoais, e segunda ela, conseguia alcançar uma tal clareza e discernimento, que superava inclusive os que muito estudavam sobre os fenômenos da mediunidade e o mundo dos espíritos.

Dessa maneira procuramos entrar um pouco mais nesse universo da memória e do registro de Manoel Olímpio, conhecendo um pouco de suas leituras e o contexto nas quais elas se inseriram fazendo sentido em seu cotidiano, fortalecendo opiniões e esclarecendo outras, e de qualquer forma, ajudando a moldar sua visão de mundo, que envolvia as pessoas que tinha a sua volta, além de si mesmo.

---

<sup>16</sup> Fragmento sintetizado de entrevista feita com sua filha Idalina da Rocha Fernandes (79 anos), em 18/01/2006.

## CAPÍTULO III

AM

### PELOS SEUS E POR OUTROS OLHOS

*“Essa criança, que é o principal personagem da Biografia Aldeã ou vida de pobre, será conhecida pelas iniciais (AM), filhos de pais pobres e agricultores, parece ter nascido para certa infelicidade como podemos compreender analisando o que com ele se passou”.*(GONÇALVES, 1976 p.1)

Escolhemos iniciar este capítulo com tal citação por acreditarmos que de certa maneira, no primeiro parágrafo de seu texto, AM nos preparou o campo no qual cultivou seu texto, dando um resumo das características do, como ele mesmo se auto designou, personagem, mostrando sua origem e de certa forma, o seu destino. Logo nas primeiras linhas, observamos que temos nas mãos uma história de um aldeão nomeado AM, filho de agricultores pobres, com certa “tendência” à infelicidade.

O Professor Biagio D’Angelo, especialista em análise de discurso, ao tratar do tema identidade e nacionalidade<sup>1</sup> durante análise do conto “Idéias do Canário” de Machado de Assis destaca que, no nível do discurso “*o eu precisa de um outro para ver a realidade*”, e ao discorrer sobre a memória e autobiografia, frisou que por ser a memória algo inexato, até as autobiografias são ficções, ocorrendo um movimento de ipseidade, entre o autor e o personagem que cria, mesmo contando sua história de vida.

Sendo o professor questionado sobre o caso de nosso objeto de estudo, uma autobiografia em 3ª pessoa, afirmou que realmente não passaria de uma peça ficcional, pois só os mais íntimos saberiam de que se trata de sua história de vida.

Para Phillipe Lejeune, este fator da ficcionalidade não descaracterizaria a autobiografia, por conta da teoria do pacto autobiográfico, por nós já mencionada, onde

---

<sup>1</sup> Curso de 12 horas de duração oferecido nos dias 20 a 24 de fevereiro de 2006 na Universidade Mackenzie, tivemos participação como ouvinte.

havendo uma assinatura, uma autoria, este pacto seria constantemente refeito entre autor e leitor. Este último buscaria na obra, sempre uma ruptura, isto é, num texto assumidamente ficcional, busca-se encontrar “semelhanças” entre personagens e situações com a vida do autor, e na autobiografia tenta-se encontrar, mais que diferenças, antes “falhas” na correspondência entre autor narrador personagem. Portanto toda obra parte da realidade e a ela retorna, resignificada.

O autor em sua autobiografia não se coloca como um outro por ter se situado como personagem, mas de maneira especular acaba por reafirmar sua identidade, quem ele é ou o que gostaria de ser, mas é o seu eu desembaraçado, mostrando-se ou escondendo-se num jogo que ele pode fazer para sublimar as dificuldades ou exaltar qualidades sem ter um tom muito narcisístico.

## NO JOGO DA TEMPORALIDADE

Existem dois pontos que são necessários discutirmos nesse mergulho vertical na autobiografia de AM: a questão do tempo que se ergue da sua narrativa, e a necessidade de decifrar a ordem semântica do discurso. Vamos ao primeiro. Observemos através de elementos do próprio texto, certas características temporais:

*“Quando o AM deu ao autor as informações para a Biografia Aldeã” (GONÇALVES, 1976 p.152).*

*“Dois acidentes aconteceram quando AM tinha 13 a 14 anos, e outros três aconteceram depois dos 28 anos até os 63 anos, dos quais falaremos a seu tempo” (ibid.,p.57).*

Escreveu estes fragmentos em meio ao nono capítulo quando fez uma pausa na narrativa, que tratava de uma pequena insurreição dele e seus companheiros de trabalho

contra um feitor, considerado um homem que não trabalhava, mas vivia “de explorar seu semelhante”, para analisar a importância de não tentar a Deus, sendo este o título do capítulo, e em seguida retornou a narrativa.

A temporalidade de sua narrativa leva-nos a problemática de não acharmos viável um balizamento cronológico, visto que nessa história de vida, em primeira análise, são quase oitenta anos registrados. Mas nosso objeto de estudo possui camadas temporais. Na história contemporânea fazemos uma reflexão sobre o homem em relação ao tempo em que vive, que é de demasiada similitude ao nosso, portanto cada vez mais nos aproximamos do passado.

O problema que então se impõe é conseguir simultaneamente nos apartarmos do tempo vivido pela “nossa personagem” para analisá-la de maneira objetiva, porém nesse momento, compreendermos que é impossível nos desvincilharmos da sensação de que o nosso tempo também nos informa sobre a maneira de fazermos nossas análises e por isso interfere na visão que temos de nosso objeto de estudo. O autor desta biografia registrou suas memórias buscando a linearidade, mas constantemente se viu dialogando com seu passado.

Trabalhando com uma análise que podemos dizer, técnica, literária e filosófica, sobre o tempo na narrativa, tanto histórica quanto ficcional, Paul Ricoeur (1995), levantou uma série de elementos que nos levaram a confirmar na vivência de nosso autor-narrador-personagem que o mundo que se desvenda pela narrativa é sempre um mundo temporal, é a experiência articulando o tempo na narrativa.

Observamos nos fragmentos de AM a tripla relação mimética ao qual Ricoeur nos remete, sendo inseparáveis a relação entre sua narrativa, sua ação e vida. Não podemos dissociar completamente o cotidiano das questões conjunturais e estruturais que o compõem, a condição histórica se torna indivisível. Empiricamente observamos o tempo vivido de um ciclo vital ou de algumas gerações e a relação com o tempo histórico.

Existe então uma contradição insolúvel que nos mostra esse mesmo pensador ao definir o que chamou de “aporias da temporalidade”, pois não conseguimos pensar o tempo verdadeiramente, ele seria total envolvendo a todos.<sup>2</sup> De certa maneira nos remete a análise da longa duração na história, que caminharia mais ou menos depressa, porém só a conseguiríamos apreendê-la no tempo longo.

Ao nosso ver, esta autobiografia traz com força experiências sensitivas. Os acontecimentos foram transmitidos com grande vivacidade, mas ao mesmo tempo como pesquisadores devemos nos preocupar com seus lapsos, esquecimentos, aquilo que não foi dito, mas sentido. Nossa personagem não só deixou rastros, mas garantiu que suas pegadas não desapareceriam como num solo arenoso.

#### TRÍADE BASILAR – FAMÍLIA - DEUS – TRABALHO

Existem palavras que formam a base do texto desenvolvido pelo autor, que expressam sua temática específica. O seu texto, a linguagem utilizada, como ele faz a própria história se desenrolar, o tratamento que dá a si mesmo como personagem e aos que convivem com ele, são o foco central de nossa análise.

Para conhecermos melhor não só o mundo de AM, mas como foi ele próprio, expressado e interpretado pelas palavras de seu texto, optamos pelo método de abordagem dos campos semânticos<sup>3</sup>, para determinar inclusive os cortes temáticos no nosso objeto de estudo. Esta abordagem consiste basicamente em trabalhar qualitativamente com palavras importantes em função dos questionamentos que fazemos ao texto. Como destacam bem os autores

---

<sup>2</sup> Num grande esforço, entendemos e resumimos aqui o que seriam as aporias da temporalidade: 1- a identidade narrativa procede da não congruência entre tempo fenomenológico e cosmológico. 2- a totalização nasce da dissociação do passado, presente e futuro. 3 – a inescrutabilidade do tempo e os limites da narrativa existem pois o tempo não pode ser pensado verdadeiramente.

<sup>3</sup> Desenvolvido pelo Centro de Lexicologia Política de Saint Cloud, in Régine Robin *Linguística e história* citada por Flamarion e Vainfas,1997.

Flamarion e Ronaldo Vainfas, em ensaio sobre a história e análise de textos, este método *“parece ser adequado ao trabalho do historiador, fornecendo-lhe algumas chaves para a desconstrução do discurso sem exigir necessariamente conhecimentos lingüísticos de grande envergadura.”*<sup>4</sup>

Fizemos então um levantamento semântico, destacando palavras - tema para delas abstrairmos para além de sua significação, como elas também podem expressar a própria visão que tem de si mesmo e apresentar os valores que lhe são caros. Selecionamos então três palavras: Família - Deus - Trabalho.

Esta tríade é referendada constantemente no texto, estabelecendo uma relação de complementaridade, pois para contar a história de vida de AM, colocou seus familiares como coadjuvantes em sua incessante labuta pela sobrevivência, desde a mais tenra idade até a velhice, quando Deus não quis que trabalhasse. Sem sombra de dúvida, a palavra Deus é a mais citada, durante toda sua longa narrativa faz observações religiosas, sobre os fatos que viveu e rememorava.

Ser pobre é outro elemento que perpassa todo o texto, a começar pelo subtítulo dado à autobiografia, estando entrelaçado em sua trajetória de trabalhador - pequeno proprietário - agricultor. Mas qual o parâmetro de riqueza e pobreza nós temos para a época que AM escreveu? Deveríamos observar cada fase que ele vivenciou em cada atividade profissional? Posto que realizou várias delas conjuntamente, seria uma missão bastante exaustiva.

Poderíamos facilitar a análise montando a dicotomia pobreza e riqueza, mas seria muito simplista, afinal AM analisava a pobreza do prisma não apenas de bens materiais, mas principalmente como “miséria moral”, e riqueza, tendo indicativa a presença ou ausência do ânimo para o trabalho, a honestidade, o respeito.

---

<sup>4</sup> Cardoso e Vainfas, 1997.

Também sofreu agruras e privações materiais, por vezes chegando a trabalhar mais de 16 horas no dia, ou de “lua a lua” como ele mesmo afirmou. Apesar de tanto esforço, ficou nas reminiscências de sua filha Idalina, a necessidade de depender da caridade de um primo seu, sem nunca deixar de voltar os olhos a quem tinha uma situação pior que a sua. Foi o que fez, como afirma Idalina, com relação a um contratado seu, que tomava conta da “vacaria”, que não tendo família e ninguém que olhasse por ele, quando adoeceu, com tuberculose, foi acolhido num quartinho da casa de AM até próximo de seus momentos finais.

Apesar de essas três palavras estarem intrinsecamente ligadas, como mostramos, por uma questão de organização das idéias, separamos em três itens, para melhor aprofundarmos nossa discussão, que tem como objetivo alcançar, não com certa pretensão, admitimos, quem é o AM construído pelo autor Manoel Olímpio.

Procuremos agora dissecar cada parte da tríade que sustenta seu texto, alertando que escolhemos alguns fragmentos de sua narrativa como guia para orientar nossa discussão. Abordaremos elementos por nós, considerados relevantes para a narrativa de sua vida, sem esquecer que tivemos que escolhê-los em detrimento de outros que poderiam ser tão ou mais interessantes.

## FAMÍLIA E CONSTRUÇÃO DE MORALIDADE

Para tratarmos sobre o papel da família no discurso e experiência de AM optamos por um fragmento que se refere especialmente à constituição de uma família através do casamento.

*“(...) fez uma análise da pobre humanidade: todos os homens, nascemos da mulher, caminhamos para ela, e se não encontramos uma que nos compreenda e corresponda ao nosso amor, por nós mesmos nos transformamos em farrapos humanos, verdadeiras nulidades ilimitadas.(...) se o homem normal alimenta o ideal de criar um lar, ser chefe de família, (...) é com o maior prazer que luta pelo pão de cada dia, para sua esposa e seus pequeninos, a mulher que é chamada a parte frágil, ver crescer seus pequeninos, é maravilhoso ver o cuidado que a boa mãe dispensa aos pequeninos, não lhe deixando faltar a mamadeira, ou a sopinha apropriada na hora*



*certa, a mulher como parte frágil sente a necessidade, o anseio, o desejo imenso, de ter seu esposo, andar pelo seu braço, amparando-se nesse mesmo braço por considerá-lo parte forte, e que por ser seu esposo, está sempre pronto a ampará-la e protegê-la.*” (GONÇALVES,1976 pp.137-138).

Numa tese de 1842 sobre questões higiênicas e medicina, encontramos interessante comentário que vai bem ao encontro do raciocínio de AM sobre o casamento, colocando que este *“levanta o homem do meio da humanidade onde se perdia confundido na multidão, dá-lhe foros de uma entidade cheia de prestígio e poder, concedendo-lhe as garantias mais seguras da vida física e moral”*<sup>5</sup> O casamento no século XIX passa a ter uma função racional na organização e disciplinarização da sociedade, hierarquizando papéis.

Encontramos alguns interessantes conceitos para família enquanto categoria de análise sociológica, assim podendo esta ser *“(...) uma unidade de convivência e de reprodução biológica e social, cujos membros se ligam entre si por relações de parentesco consanguíneo e social, que levam ao estabelecimento de vínculos de responsabilidade e dependência entre eles.”* (COSTA,1999)

Mas também, no caso de AM tanto pela sua família de origem e a que formou e passou a chefiar, podemos encaixá-lo no quadro das características de uma família tradicional por possuir traços considerados em comum com esse tipo de organização familiar:

- baixa mobilidade social e geográfica
- alta fertilidade;
- extrema autoridade dos pais sobre os filhos;
- assimetria de status entre marido e mulher,
- acentuada estabilidade conjugal
- manutenção de laços de parentesco com colaterais e ascendentes altamente significativos, comumente ligados à partilha da mesma residência.

---

<sup>5</sup> Tese mencionada por Costa, Jurandir Freire, 1999 p.239.

Na intenção de visualizarmos este núcleo familiar, recorremos a fotografias de família e neste momento faz-se necessário observarmos algumas questões metodológicas quanto ao uso a seguir dessas imagens da família de AM.

Fotografia desde seu surgimento tem sido utilizada para registrar aspectos selecionados do real, sendo poderoso instrumento para veiculação de idéias, por isso não queremos apenas usar imagens da família como ilustração ingênua e alienada do texto. Nem mesmo como a princípio possa parecer, as imagens selecionadas para o 1º capítulo deste trabalho não se prestam meramente como ilustrações, fomos buscar as “vozes que nos falam pelas imagens”, para que dialogassem com o texto, buscando sempre interação e enriquecimento de seu sentido.



Meados da década de 30 - AM com sua família  
(no sentido horário) em pé, o chefe da família, do seu lado esquerdo Cândido, a sua frente Armando, sentada, sua esposa, do lado direito Idalina, Ermelinda e fechando, Manoel o primogênito.

Encontramos essa foto em meio as lembranças familiares, Idalina, que aqui na foto ainda era a caçula ,<sup>6</sup> confirmou a provável data por se recordar do tipo de fita que usava no cabelo, assim como, na foto de uma década depois, recordava-se de seu lindo vestido. Foto tirada em Santo André num domingo, quando todos puseram suas melhores roupas e registraram para a posteridade a imagem que se queria da família.

Comparando com fotos de famílias, acreditamos ser peculiar a posição da mãe em relação a todos os outros na foto. Numa imagem que congela o momento, todos se portam como personagens. Ela está com um olhar distante, com um misto de serenidade e sofrimento. Apesar de a fotografia estar bastante deteriorada pelos maus tratos do tempo, é a imagem de Nazareth que sobressai. Ele enquanto chefe de família é sua base de sustentação, da esposa e dos filhos, fica na retaguarda para lhes garantir subsistência.

Sobre o papel da mulher, mãe e esposa, deixa claro que a mulher é a parte frágil que precisa do braço do esposo para ampará-la e protegê-la, e muito carinhosamente cita que é com o maior prazer que luta diariamente pelo pão de cada dia, para sua esposa e filhinhos. Ainda adverte, em outro trecho, que a moça que não sabe se guardar para o momento certo, que possa dizer sem corar de vergonha que tem um esposo e é sua esposa, é uma insensata e não teve força de vontade.

Capturamos nesta fala, profundo moralismo e postura que hoje é considerada completamente antiquada, mas também há uma carga emotiva bastante romântica, idealizando a mulher perfeita, inocente, adequada para entregar seu coração, para ser mãe de seus filhos. Antes de seu casamento no Capítulo XIX, questionou a fala do próprio sacramento do matrimônio, “haverá uniões que a morte não separa?” Suas reflexões chegam até a abrir um novo caminho para sua religiosidade, pois ao questionar o casamento põe em xeque a idéia da morte.

---

<sup>6</sup> Ela é 13 anos mais velha que a caçula Maria de Lourdes nascida em 1939.

*“(...) deviam unir-se pelos laços indissolúveis tanto perante as leis humanas quanto as leis divinas”(...) A morte separa os cônjuges que se amam? Realmente existe a morte?” (p. 152)*

Essa provavelmente foi uma análise feita por ele posteriormente e não nos momentos que antecedem seu matrimônio, posto que além de jovem era inquestionavelmente católico e em outros momentos duvida se os espíritos podem ou não se amar, pois a matéria é pó, e ao pó retornará, mostrando elementos fortemente Kardecistas.

*“Depois de tanto meditar, concluiu: o que minha mãe recomendou, jamais será esquecido: estou a completar vinte e quatro anos; não existe uma moça que tenha razão de, mim se queixar; e se Deus quiser já mais haverá, ou melhor existirá, porque não tenho o direito de causar lágrimas a moça alguma. Quanto a minha amada, não quero que sofra o mínimo desgosto, pois seria a maior injustiça, até hoje por mim cometida, e na primeira oportunidade, esporei ao meu pai o desejo que sinto de unir-me a eleita do meu coração .” pp.139-140*



Provavelmente pós 1945, em pé atrás, Idalina, Candido e Armando, em pé na frente Maria de Lourdes, sentados estão AM e esposa com 2 netos, (filhos de Ermelinda), Rosa e Zézo.

Após o casamento do primogênito, o chefe da família decidiu registrar novamente a imagem dos seus e de si mesmo. Observa-se que o casal está sentado numa disposição sexista, pois as mulheres estão de um lado, separadas dos homens do outro. A neta no colo da avó, e o menino, junto com o avô. Apesar da seriedade das expressões, elas não são carrancudas, Idalina quase esboça um sorriso.

A preocupação do esposo AM com o bem estar de sua amada, realmente esteve presente em boa parte de seu texto: quando ela chega ao Brasil e eles se desencontram, depois descobre que ela estava com hemorragia, ou quando precisou fazer duas cirurgias de uma só vez em 1932. Para ele, esses exemplos, eram sinais de sua infelicidade, demonstrando medo de perdê-la.



Foto de 1966, em sua festa de Bodas de Ouro.

Na varanda da sua casa, com o banheiro do lado de fora, lá está o casal Manoel e Nazareth que unidos em 1916, enfrentaram muitas situações juntos e é com visível satisfação que se deixam registrar na comemoração de suas Bodas de Ouro, 50 anos de uma união de amor que ainda perdurou mais 12 anos até que a morte aparentemente os separou.



Na mesma ocasião, com todos os netos reunidos; vale destacar a pequena Roseli a direita com vestido claro, com sua imagem comprometida pela ação do tempo.

Quiseram ser fotografados junto aos netos, numa postura bem menos formal que as imagens anteriores, juntinhos, quase dividindo o colo para a neta mais nova na época (depois ainda viriam mais três). Já era um patriarca cercado pela futura geração, carregava ainda de sua formação a idéia de que a transmissão de conhecimento de uma geração a outra deveria ser garantida pela participação familiar das crianças na vida dos adultos (ÁRIES, 1978). Essa comemoração não aparece em suas memórias, mas coincidiu no presente de sua escrita.

Veio de um modelo de família, de características tradicionais e com sua luta e esforço além do apoio contínuo de sua amada, criou uma família onde o valor dos estudos da honestidade e do trabalho estavam acima de tudo, talvez quisesse se desvincular de um modelo de família agrária de analfabetos e rudes, mas também procurou mantê-la longe de certos padrões da modernidade que ele desprezava.

Em entrevista, Roseli coloca as lembranças que guarda do avô. Refere-se a ele com muito carinho, frisou em vários momentos que ele sempre lhe dava aulas nas divertidas tardes de domingo que passavam juntos ou em suas férias, quando ia para a pequena propriedade do avô. Já sua mãe Idalina, via-o de forma diversa, considerando-o inclusive autoritário, porém honestíssimo e justo. Dizia que seu excesso de firmeza ocorria pelas condições precárias de vida que enfrentavam e os constantes problemas para ter o que comer em casa, durante boa parte de sua infância.

*“O pai de AM, severo ao máximo, no excesso de seu nervosismo castigava os filhos, sendo que em várias ocasiões, um terço do castigo seria o bastante. Próximo aos 80 anos AM lembrava de tudo. Mais tarde chegou a conclusão que havia errado, talvez lhe doesse o coração, porque era humano e pretendia praticar a justiça, se não mandou o AM para a escola, foi por precisar dele, o serviço o obrigava a isso”p. .26*

Escreve esse parágrafo quando comenta a necessidade de os pais serem ponderados com sua prole, aconselha ao leitor que se tem ou pretende ter filhos, que analisem as suas responsabilidades, e pede uma pausa para meditação, colocando que quando Deus confia esses seres ignorantes e inocentes eles só podem contar com o auxílio de seus genitores para lhes ensinarem a trilhar o bom caminho da vida, “*seres úteis a família, a sociedade e a pátria, homens honestos, sinceros*” e cristãos. Resume assim a visão que tem de uma boa família.

Teve AM uma relação de contradições com seu pai, justifica aqui suas ações, mas não consegue disfarçar sua mágoa. Entre ele e seus irmãos apenas ele não frequentou a escola, o pai esforçou-se, sem êxito para que Giorgino, o “irmão”, e Reinaldo, o “caçula”, chegassem até um curso técnico. Segundo AM nenhum dos dois dava para o serviço com a terra.

Ao falar dos irmãos esclarecia a visão que tinha de pobreza e riqueza, e o que considerava correto, expondo sua concepção de moralidade

*“(...) Não consideramos que a frase (palavra), mal viver, tenha aplicação apenas ao paupérrimo material(...) O irmão, se não era milionário de moral, pois para isso seria necessário ser perfeito e a perfeição, exceção de Jesus Cristo, jamais existiu ou existirá nesse planeta, até o fim do presente século; mas era rico, rico de moral! Basta dizer que ele era incapaz de pronunciar uma mentira, muito especialmente se esta tinha a finalidade lucrativa em prejuízo de alguém. Quanto ao caçula, depois que perdeu o seu lar, no que ele teve grande percentagem de culpa, entrou no número dos homens mais infelizes porque perdeu também a moral, a dignidade, o brio e vergonha, acompanhando as ações por ele praticadas.” p.308*

Seu irmão Giorgino morreu de crise de apêndice em setembro de 1931. AM sofreu muito, pois além de companheiro e leal, ajudava-o na atividade de venda de leite para Santos. A perda deste irmão foi muito sofrida. Já o caçula, viveu as suas custas por longos períodos e não hesitou por várias vezes tomar atitudes que pudessem prejudicar AM. Este sustentando sua cunhada e sobrinhas, pois não queria ver as crianças em grandes dificuldades, teve seu nome envolvido em empréstimos para seu irmão caçula, que se utilizava de sua honestidade como fiadora, deixando a dívida para AM pagar. Numa pesada crítica a Reinaldo coloca que para ser “*mais mal*” seria necessário que fosse ladrão direto ou assassino, pois “*de resto tinha todos os defeitos*”.

Fez uso recorrente de ditos populares, como “*diga com quem andas te direi quem és*”; “*Cabeça vazia oficina do diabo*”; “*Cada macaco no seu galho*”; expressava assim a sua verdade de mundo, mas também de toda uma sociedade ou pelo menos grupo social ao qual pertencia.

*“como dissemos, o AM andou no Brasil de fim de maio de 1910, ao fim de julho de 1913; mas quando voltou em junho de 1920, achou tudo mudado, pois já naquela data o que mais imperava era a falsidade e a traição.” (p. 189)*

*“ (1920) Naquela data, nas aldeias portuguesas, ainda não se notava a decadência moral; quando chegou a São Paulo ficou perplexo com a decadência moral, a deslealdade, a traição a falta de respeito dos moços para com os velhos, e também a maneira como estes procediam , não respeitando os moços para serem respeitados, isto prova que a miséria moral atingiu primeiro as cidades(...)” . (p.191)*



A sua perplexidade se dava não por diferenciar a miséria moral no Brasil e em Portugal, mas sim entre cidade e campo, independente do país que estivesse. Quanto mais para o mato, mais leais, inocentes e boas, seriam as pessoas. Interessante o fato de relacionar o império da falsidade como processo decorrente da Primeira Guerra Mundial, não só no Brasil, mas na Europa. Quase se prejudica numa verdadeira aventura quando se safou de ir para o front na África por inventar que possuía reumatismo e não poderia lutar.

Mas não era tão avesso a mentira e defensor da retidão moral e bons costumes? Sim, mas definitivamente teve um motivo, que para ele, era muito lógico e estava acima dessa mentira: não iria para campo de batalha para defender franceses que tanto mal fizeram aos portugueses na época da invasão em 1808. Sua raiva é mais que preconceito, chega nas raias do ódio racial. Paradoxalmente, não faz distinção imediata entre portugueses e brasileiros, por exemplo, pois não se leva por aparências, critica vários conterrâneos pela falta de caráter e pela preguiça, o maior mal, segundo ele.

## DEUS – UMA RELIGIÃO SEM RÓTULOS

“ O presente capítulo intitula-se: Não tentar a Deus. Essas palavras são usadas pelo Zé povinho, no hábito de dizer: ( Livra-te dos ágios, que eu te livrarei dos trabalhos). Mas Jesus disse: Não tentarás o Senhor Teu Deus, ora, essas palavras foram ditas por Jesus em resposta ao diabo, (...) E Jesus respondeu: Não tentarás o Senhor teu Deus; isso quer dizer: se o homem procura os perigos, entendendo que Deus tem a obrigação de livrá-lo, ou orgulhando-se, Eu sou o tal!, então Deus abandona-o ao seu orgulho, vaidade e própria sorte, mas quando é a fatalidade que empurra o homem para o perigo, Deus é poderoso para livrá-lo.” (p.56 idem)

Sem sombra de dúvida, a palavra Deus é a mais citada, durante toda sua longa narrativa, fez observações religiosas, sobre os fatos que viveu e rememorava, assim como analisava fragmentos e ensinamentos, preceitos morais bíblicos como o anteriormente citado.

O peso religioso é tanto que como observamos, até alguns capítulos da obra foram nomeados utilizando a palavra Deus: “Não tentar a Deus”; “Deus não permite que o AM pereça nos chifres de um touro”; “O homem propõe, mas Deus dispõe”; “Deus compensa uma boa ação”.

Etmologicamente, religião está relacionada a um sentido muito especial para nossa análise: *religare ou religar* que significaria a ligação homem – Deus. Religião é marcada por nossa humanidade é parte de nossa vivência individual, enquanto que a religiosidade é um fenômeno de vida em conjunto, segundo Durkheim, a religiosidade projetaria nossa experiência no social, portanto é produzida historicamente.

AM por seu relato de vida nos encaminhou a questão religiosa, sofreu influências de seu meio e devolveu com idéias recodificadas. Quanto a este aspecto citamos: “*O relacionamento entre religião e sociedade envolve processo dialético. A religião se configura a partir de determinado contexto cultural e sócio-econômico, o qual é também por ela influenciado*”, (CAMARGO, 1973) Nessa dialética, inicialmente temos a ocorrência da aproximação do catolicismo no Brasil com a sociedade rural brasileira na medida que prescreve e legitima valores, normas e papéis sociais.(idem, 1973).

É a experiência com o sagrado, que levou a humanidade a caminhar para o pensamento sistemático. Com AM não foi diferente, e nós optamos dar um corte muito específico neste ponto, trabalhando com aspectos especialmente relacionados à saída dele da Igreja Católica. Dedicou partes da obra em vários momentos, a analisar tudo sob o ponto de vista religioso, fazendo citações bíblicas com bastante propriedade, justificando ou condenando ações, com grande eloquência e retidão moral.

Nascido e criado num catolicismo tradicional reafirma uma característica do português de sua época, onde o catolicismo era passado de pai para filho, como uma herança. Sua fé é simples e muito prática, aceita as doutrinas sem questionamentos, fazia uso dos sacramentos,

guardava dias santificados, ouvia missa aos domingos, enfim obedecia regras que em geral não lhe afetavam a moral cotidiana.<sup>7</sup>

Dentro de uma sociedade agrária, as concepções de mundo e ações individuais ou coletivas apóiam-se muito na religião, desse modo AM recebeu de sua família forte carga religiosa. Foi influenciado desde pequeno a fazer parte de uma Irmandade – do Sagrado Coração de Jesus -, cumpridor de seu dever cristão, registrou que só deixava de freqüentar a missa se fosse por caso de doença grave.

Num texto que trata do catolicismo do povo, Pedro A. Ribeiro de Oliveira informa que *“As irmandades e confrarias, voltadas para a celebração do culto e das devoções aos santos e almas, foram o principal suporte da religião católica no Brasil”*(SANTOS, 1978) As irmandades<sup>8</sup> tiveram maior força durante o período colonial mas perpassaram o Império e apesar de no período republicano diminuírem em número e em importância, algumas resistem até os dias atuais que não é o caso da Irmandade do Santíssimo ao qual AM pertenceu na Paróquia de Ribeirão Pires.

Mesmo assim, esta irmandade teve papel importante inclusive na construção da matriz da cidade, trabalhando para colher donativos, por exemplo. Na imagem<sup>9</sup> observamos a figura de Manoel Olímpio se destacando no dia do lançamento da pedra fundamental da matriz em 1943, com uma veste característica da irmandade ao qual pertencia.

---

<sup>7</sup> Características baseadas em análise da Formação histórica do catolicismo popular brasileiro, texto de Riolando Azzi. (Santos, 1978)

<sup>8</sup> Segundo Karol Gruchenhka Lupatini Chrispim, ao trabalhar em artigo sobre a Irmandade de Santo Antonio dos Pobres de Simão Pereira, as irmandades são caracterizadas por serem associações de base leiga ou seja, que não fazia parte da hierarquia da igreja, podendo ser criadas tanto por leigos quanto por religiosos e foram responsáveis pela difusão do chamado catolicismo tradicional, como dissemos.

<sup>9</sup> Fotografia encontrada em obra que trata do centenário da presença dos missionários Scalabrinianos no ABC Paulista, ordem religiosa que comandou as paróquias de toda esta região.



**Pe. Luís Corso no lançamento da pedra fundamental da nova Matriz**

Porém em 1948 num dia 30 de maio na missa das 19:00 um vigário lhe “tirou a fé”, através de uma “*pregação avarenta*”, fazendo-o abandonar em definitivo a religião oficial e nunca mais aceitar rótulos de qualquer tendência religiosa. O que ocorreu afinal? Ele se colocava como excomungado, mas não foi bem assim, escreveu carta de demissão da irmandade e se afastou por sua conta e risco.

“30 de maio de 1948, 7 horas da noite. Realizava-se a cerimônia: a coroação de Nossa Senhora, para iniciar a pregação em honra a Nossa Senhora, o reverendo-vigário usou das seguintes palavras: a aproximação do frio fez me lembrar um caso acontecido em São Paulo, não há muitos dias. Um ministro protestante dirigiu-se a um fabricante de cobertores e pediu-lhe cobertores para agasalhar crianças pobres, mas protestantes! Um sacerdote. Sabendo-o dirigiu-se ao fabricante e fez-lhe ver o erro que caía. Agora direi vós: mas como! Então é crime fornecer agasalho para crianças, só porque são protestantes? Sim! Porque as crianças, bebendo a falsa doutrina, na sua inocência prepararam-se para ir para o inferno!!! E tanto falou, que foi ao ponto de dizer que quem fizesse a caridade a quem não fosse da religião católica apostólica romana ainda em vida já estava no inferno ardendo. (...) passou a atacar a Bíblia como sendo um livro falso, imundo que não se podia ler, pois que os protestantes o haviam falsificado até introduzido palavras indecentes. (...) quando o reverendo atacou a Bíblia, eu compreendi que era comigo, pois eu acreditava (e não me enganava) que o único a ler a Bíblia era eu. (...) Porque os senhores sacerdotes

sempre dificultaram o quanto possível a leitura da Bíblia e se a li foi porque um protestante quase a isso me obrigou.”(GONÇALVES, pp. 174-175).

Ao ouvir o sacerdote, provavelmente Pe. Fernando Sperzagni<sup>10</sup> afirmando que, pelo motivo de colaborar com crianças protestantes, iria para o Inferno e que seria melhor se não colaborasse, AM encheu-se de indignação. Foi esse o sentimento que nele aflorou após este sermão. Deixou transparecer no seu texto que era o único a ler a Bíblia, entre seus pares. Por muitas vezes chegou a discutir preceitos religiosos e dogmáticos com os padres, deixando-os um tanto contrariados. Essa interferência leiga não era bem aceita na época, digamos que AM antecipou a discussão que seria um dos pilares do Concílio Ecumênico Vaticano II em quase 20 anos.

Convocado pelo Papa João XXIII, a proposta em 1965 deste Concílio era de atualizar a igreja face as grandes transformações mundiais. Ele buscava *“para os dias de hoje, uma releitura da doutrina já definida no passado”*.<sup>11</sup> *As pessoas deveriam ter mais acesso a Bíblia, sendo esta a base inspiradora da vida cristã.*

Mas o Concílio chegara tarde, AM em 1965, escrevia sobre sua vida e refletia uma característica religiosa importante: queria ser tão somente cristão. De certa maneira o Concílio Vaticano II, levou a Igreja Católica a realizar desejos de Lutero, valorizando a Bíblia, a participação dos leigos como AM, fazer uso de língua vernácula na liturgia e descentralização de ações.<sup>12</sup>

AM começou a ler a Bíblia quando ganhou um exemplar de um vizinho que era protestante, possivelmente na década de 40. Sentindo-se desafiado por ele, argumentou que leria o livro Sagrado até a exaustão, para saber todos os seus pormenores, pois não queria

---

<sup>10</sup> O padre Fernando Sperzagni tomou posse da paróquia de São José em Ribeirão Pires em 16/05/1947, ficando nela até março de 1957 (COSTA,2004).

<sup>11</sup> LORSCHIEDER, Aloísio... [et al] – *Vaticano II: 40 anos depois*. (Coleção comunidade e missão)– São Paulo, Paulus, 2005

<sup>12</sup> Comentado por Kung, 2004.

passar por ignorante nas coisas de Deus, a partir daí iniciou um grande percurso para dentro de sua espiritualidade.

Católico praticante desde a infância, talvez tenha sentido que, quanto mais conhecia a Bíblia mais se afastava da religião oficial. Por ser autodidata, o livro Sagrado também lhe serviu para estudo da própria língua.

Quando pode adquirir sua própria Bíblia, fez dela o centro das atenções de sua família, por utilizá-la por vezes como agenda, registrando todos os nascimentos e casamentos, guardando textos e documentos importantes para o seu cotidiano. Dentro dela encontramos muitas pequenas anotações esquecidas entre um afazer e outro.

Analisava muitos elementos bíblicos com viés extremamente lógico, como a tentativa de entender a genealogia de Adão, calculando o tempo até a construção da Arca de Noé, aliás, cálculos eram uma de suas paixões.

Seus familiares relatam que a Bíblia o inspirou a ler outros textos relacionados aos “mistérios entre o céu e a terra”, como as Profecias de Nostradamus, a Divina Comédia de Dante Allighieri, que ele muito admirava e valorizava, e depois da década de 60, período que coincide com a escrita de sua autobiografia, leituras do Médiun Ramatís<sup>13</sup> e do *Evangelho Segundo o Espiritismo* de Allan Kardec.

Além da própria Bíblia, seu sentimento religioso foi se transformando pela audição do programa de rádio “A hora da boa vontade” apresentado pelo radialista, Alziro Zarur, passando a ter contato com um pensamento mais ecumênico e onde ouviu falar talvez em primeira mão, sobre a obra do já citado médium Ramatís. Não podemos afirmar categoricamente qual o real impacto das mensagens de Zarur transmitidas pelo rádio com lições de fundo moral que sempre dicotomizavam bem e mal, tiveram sobre o espírito de AM,

---

<sup>13</sup> De acordo com site oficial “Fraternidade Espírita Ramatís”, este é entidade de princípios universalistas, sendo esta denominação resultado de sua última encarnação na Terra na Indochina, no século X.

tão fatigado da labuta e que em 1948, romperia definitivamente com a Igreja Católica Apostólica Romana.

Mas é certo que a proposta de defensor da paz de Zarur e o ecumenismo acabaram por ganhar em AM mais um adepto, pois segundo sua filha caçula, chegou até a ir num encontro no Estádio do Pacaembu para ver pessoalmente Alziro Zarur e filiou-se na Legião da Boa Vontade (LBV) na década de 50, instituição ecumênica de proposta inicial filantrópica, criada por esse radialista em 1949, e anunciada no seu programa “A hora da boa vontade” na Radio Globo. Vale frisar que incorporou em seu cotidiano e no da sua família inclusive, a “oração do copo”, comandada por esse radialista, ao final de cada programa seu.

Citaremos momentos diferentes de sua narrativa, para mostrarmos como ele mesmo procurou colocar em seu texto seu afastamento da religião oficial e aos poucos ir se aproximando de uma prática cristã muito clara e digamos “utilitária”.

Revivendo o sofrimento durante seu expatriamento:

“(AM) à Deus elevou uma prece, e adormeceu pensando na família e de um modo especial na namorada(...) sonhou que estava na aldeia, em casa da namorada, sentado juntinho a ela(...) Deus é justo e vê quanto é puro e leal o sentimento de amor que se abriga em nossos corações”. (p.49)

Comentários sobre seu casamento:

“Naquela data, só o senhor vigário da paróquia tinha ordem superiores para fazer casamentos, os padres das capelas, que podem classificar-se como filiais, só podem rezar missa e pregar que vai para o inferno, quem não vai a missa.” p. 151

“deviam unir-se (AM e sua amada) pelos laços indissolúveis tanto perante as leis humanas quanto as leis divinas”(...) A morte separa os cônjuges que se amam? Realmente existe a morte?” (p. 152)

Período em que estava sozinho no Brasil pós 1920.

“É nos dias festivos que mais se sente a ausência dos seres queridos... aquelas recordações trouxeram-lhe à memória as suas obrigações tradicionais como cristão, e meditou: e eu o que fiz como prova de cristão? Nada! Trabalhar, comer e dormir! Nada mais! (...) Segundo contou AM seus pais quando ele se aproximava dos doze anos concorreram para que ele fizesse a primeira comunhão e daí por diante fizeram que ele pertencesse a Irmandade do Sagrado Coração de Jesus; quer se dizer que ele teve princípios verdadeiramente católicos; estava habituado a uma certa atenção por parte dos sacerdotes para com os fiéis que os procuraram; segundo ele contou, entrou na

Igreja cheio de fé, mas saiu completamente desiludido; vazio da fé que é o verdadeiro bálsamo dos corações feridos pela saudade dos entes queridos que, não só tem obrigação de amar, mas que amam com toda lealdade, porque o sacerdote que o atendeu mostrou-lhe claramente que ele não passava de um intruso, imbecil e estúpido que se atreveu a incomodá-lo.” pp. 174-175

Sente-se sozinho, tenta buscar apoio na igreja numa tarde de Páscoa e se sente atrapalhando o padre, ao relembrar esta época coloca em suas palavras ao mesmo tempo ironia, firmeza e sagacidade ao criticar o catolicismo.

Gostava muito de provérbios populares e a ele poderíamos imputar um que lhe cairia muito bem: “Fazer o bem sem olhar a quem”, pois o grande motivo de seu afastamento do catolicismo e da comunidade religiosa ao qual fazia parte, foi a pregação do padre contra a caridade à crianças que não professassem a mesma fé, referindo-se ao protestantismo como a “má doutrina”.

Aos poucos foi encontrando respostas para seus anseios nas leituras vindas do espiritismo Kardecista, depois que uma de suas filhas (Idalina) passou a frequentar a Federação Espírita do Estado de São Paulo e começou a lhe trazer livros sobre esse assunto.

Após seu afastamento voluntário, nunca mais se autodenominou seguidor desta ou daquela religião. Dedicou o penúltimo e último capítulos de sua obra, analisando profundamente sua religiosidade. Usaremos de suas palavras para explicarmos melhor sua linha de raciocínio:

Ao ser convidado pelo vizinho a aderir à Igreja Adventista (década de 40)

“ (...)perdão sr. José,mas eu jamais poderei ser um bom adventista. E ele perguntou: Porque? Porque para eu desprezar o que tenho e abraçar coisa idêntica, devo encontrar mais perfeição do que no que tenho. Eu não vou dizer que a minha religião é perfeita, porque os homens cheios de defeitos são incapazes de criar uma coisa perfeita, mas a sua religião também tem defeito e a meu ver não são pequenos.”(p.597)

“Porque razão não aderiu a outra religião. Por uma razão muito simples: As religiões são divididas em quatro grupos que também são chamadas religiões – mães. Essas religiões mães ou grupos dividem-se em inúmeras seitas. (...) o protestantismo se divide em inúmeras seitas, o catolicismo também se divide em diversas seitas , e tanto o protestantismo como o catolicismo, quando se



trata de fazer guerra a outras religiões, todas as seitas se unem, mas quando normal, se hostilizam.

As religiões: católica, protestante e ortodoxa , são religiões cristã, no entanto entre tantas seitas, não existe uma que siga o mandado de Jesus E se não, vejamos. Se folharmos a história da civilização(...)" (p.603)

E segue percorrendo sobre vários episódios da história da humanidade, próximos e distantes, que provavelmente havia lido em Almanques que colecionava, onde demonstra que as religiões não se entendem e sempre querem se pôr como detentoras da Verdade.

Em outra passagem de seu texto entre uma série de explicações sobre acontecimentos da história e fragmentos do novo Testamento, estabeleceu que Jesus nunca foi participante de nenhuma religião, e dessa maneira encontra um caminho para justificar a sua própria escolha, afirmando que Jesus nasceu no meio judaico, mas por ele não seguí-la foi condenado a morte como herege. AM usou de um anacronismo interessante para explicar a todos porque se afastava do catolicismo, permanecia cristão, mas não acreditava mais em instituições religiosas.

Hans Kung (2004) , busca mostrar a essência do próprio cristianismo, confirmando que é simplesmente a figura de Jesus Cristo. *“No fundo, nenhuma instituição e também nenhuma Igreja deveria honestamente chamar-se cristã se na verdade não pode tomá-lo como referência.”*(p.214), destaca ainda que *“o que importa é a presença viva dessa origem desse fundamento, desse centro”*.(p.215)

Para ele a fé pode se mostrar através de vários elementos, e que as divisões religiosas, são relacionadas à cultura de cada povo, e lamentou profundamente que pessoas que se colocam como representantes de Deus e de Jesus, preguem ódio e ainda afirmem fazer guerra em nome de Deus, contra aqueles que não “lêem a mesma cartilha”.

Sua rigidez moral fez com que ele, mesmo magoado com seu afastamento da irmandade e do próprio ritual ao qual estava habituado desde a infância, não cedesse a chantagens maniqueístas como a feita pelo “sacerdote fulano” em sua “pregação avarenta”.<sup>14</sup>

#### TRABALHO SEM “COMER DIAS”

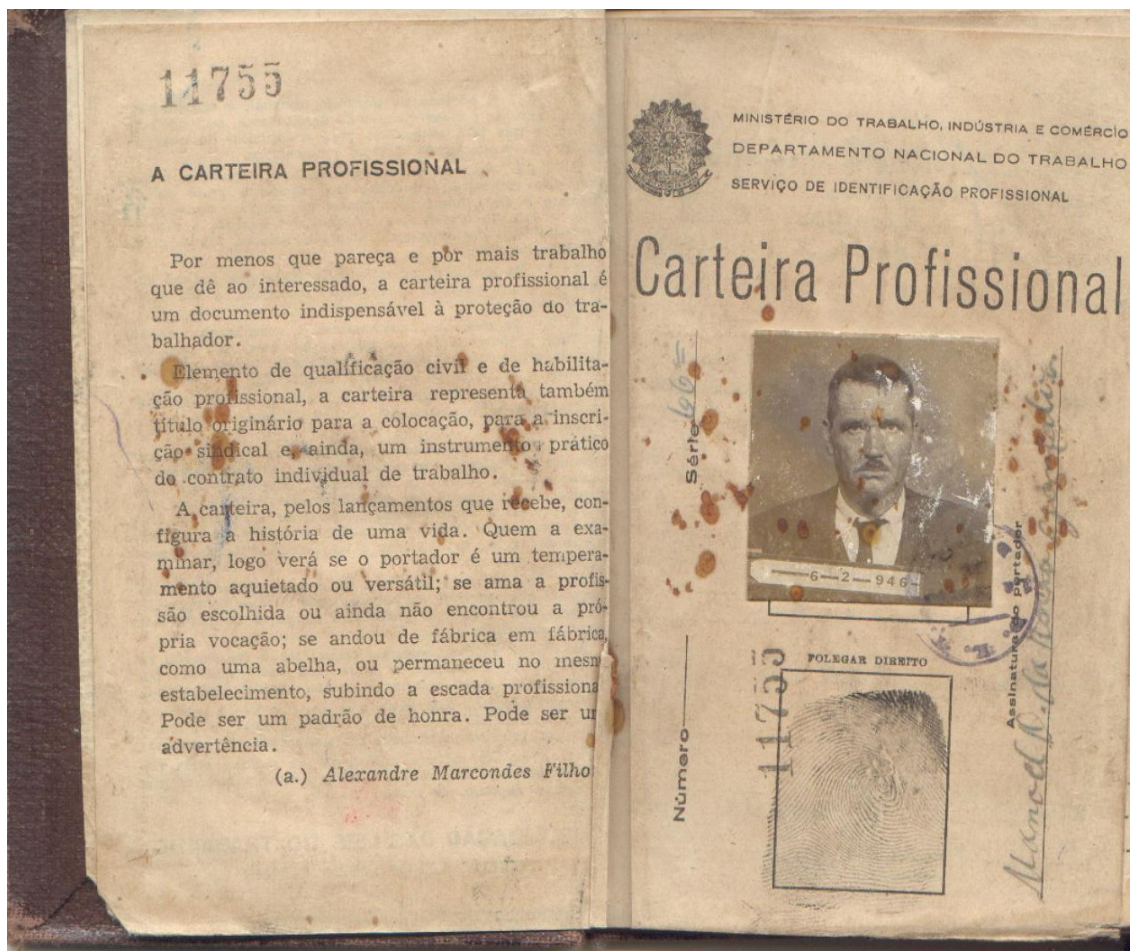
Quando contamos no primeiro capítulo que ele tinha sido dado a dois homens (pai e filho), contratados por seu pai para ensinarem a trabalhar na ria, segundo Áries (1978), seguia em sua aldeia um costume familiar medieval, onde independente de classe social as crianças eram separadas de suas famílias ainda mais jovens do que foi AM para aprenderem a trabalhar com outra família e muitas vezes, a sua própria recebia em casa outra criança.

As crianças aprendiam pelo exemplo dos adultos, e achavam ser melhor que aprendessem com quem tinha tal função ou vivia de acordo com certos padrões que se queria para a criança. O autor destaca que isso nada teria relação com a questão da falta ou não de afeto para com os filhos, era uma tradição, adverte que não podemos ser anacrônicos olhando com olhos contemporâneos esse hábito. É desse costume que vem os pajens, aprendizes, as crianças trabalhadoras domésticas.

A escolarização vem trazendo a modernidade ou vice-versa, conseqüentemente à medida que ela avança e vai se tornando obrigatória, vai eliminando essa maneira de transmissão de conhecimento sobre as atividades que deveriam desenvolver, onde a aprendizagem ocorria pelo exemplo. Mas AM não teve sorte, além de explorado em sua força de trabalho, ensinavam-lhe inclusive a fazer pequenos furtos, e ele frisa que aos quase 80 anos ao lembrar disso sentia repugnância.

---

<sup>14</sup> Expressões utilizadas por AM ao se referir ao episódio de sua saída do catolicismo.



Iniciado no mundo do trabalho antes dos cinco anos, faz desse o centro de seu mundo, de suas expectativas e atenções. Em sua aldeia, ainda prevalecia a não separação entre trabalho, profissão e vida privada, uma se confundia com a outra. Trabalho é palavra que está em destaque constante permeando todo o discurso, seja para descrever a atividade que realiza ou para observar seu valor para um homem e sua família, o que aqui fica intrínseco o caráter moral que lhe é dado.

*“Que Deus abençoe os governos que defendem os operários da usura dos aproveitadores.” (p.65)*

*“Mas afinal, o AM não aceitava ser explorado” (p.287)“*

*“... em turmas onde trabalham muitos homens, tem os que trabalham por prazer de cumprir o dever, tem os desleixados, que tanto se incomodam que corra para um lado ou para outro, os que gostam que os companheiros trabalhem para aparecer o serviço sem que eles façam nada, tem outros que odeiam o que fazem.”(p.58)*

AM conviveu com muitas pessoas, fazendo então uma análise sobre os tipos de trabalhadores que podemos encontrar. Sempre muito preocupado em frisar que trabalhava muito e de maneira honesta, não se importando se o salário era muito ou pouco pois tinha o dever da responsabilidade. Chegou a ter chamada a sua atenção por um companheiro, pois estava prejudicando a todos por trabalhar demais, precisava aprender a “cozinhar frangos”.

Mas nosso personagem como citava constantemente, não estava acostumado a “comer dias e beber horas”. Não negava nenhuma tarefa, fácil ou difícil, perigosa ou não, mas não suportava sentir-se explorado ou ver que outros o eram. Também relacionou o trabalho com o patriotismo, pois considerava que o homem que cumpre seu dever honra sua pátria.

Usando reflexões trazidas de E. P. Thompson, afirmamos que “fez-se trabalhador”. Na lide cotidiana, foi o empírico que predominou em suas atividades, o que não sabia, aprendeu fazendo, e quando relaciona Deus e trabalho, evoca uma postura considerada conservadora e extremamente moralista, remetendo-nos a uma mensagem para pobres trabalhadores, citada no primeiro volume de *“A Formação da Classe Operária Inglesa”*, onde mostra o que se devia recomendar aos trabalhadores pobres: paciência, trabalho, sobriedade, frugalidade e religião, tudo o mais seria pura fraude. Sem possivelmente ter tido acesso a esta mensagem, são estes elementos que norteiam as experiências do nosso personagem. Estes elementos são parte de certo universo cultural popular, que no século XIX se alastraram pela Europa, e territórios por ela dominados: a valorização do trabalho, relacionado à dignidade e mesmo virilidade. Suar a camisa passa a ser sinal de honestidade e retidão de caráter, numa estratégia de escamotear conflitos de classe, ser trabalhador é ser patriota é acima de tudo ser também Cristão.

Durante todo seu texto, enquanto AM contava sobre sua história e sua família, mostrava sua luta, suas várias atividades. Escrevendo sobre religião também falou dos conflitos vividos no mundo do trabalho, seu esforço de pequeno produtor para dar vazão a sua

produção, os problemas que enfrentou, já estando em idade avançada e querendo continuar a trabalhar e sofrendo com uma série de impedimentos.

Fechamos um ciclo. Este homem que partiu de Aveiro, tornou-se um aldeão que leu o mundo a sua volta, e que buscava inspiração em tudo para desenvolver alguma atividade. Peculiar foi seu último emprego: jardineiro. Plantou várias sementes que esperemos dêem bons frutos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após longo processo de leituras e pesquisa, relembro questionamento que trouxe desde o início do projeto que agora se concretiza nesta dissertação. Esbocei-o na introdução e o retomo: teria eu condições de trabalhar com a autobiografia de meu avô materno, de forma a compreender sua visão de mundo, seu cotidiano, sua experiência e tudo através da análise de seu discurso? Acredito ter desenvolvido o máximo que minha capacidade e persistência dentro de apertado prazo, permitiram.

Chegar ao eu histórico de um sujeito social que de tão perto toca o pesquisador, parece-me necessitar de um esforço ainda maior, do que quando lidamos com o passado e pessoas distantes de nós quer seja temporal ou culturalmente.

Procuramos estabelecer um caminho para estarmos cada vez mais nos aprofundando em nosso tema sendo a princípio trilhado por questões objetivas, fazendo um levantamento de seus passos, nos lugares que viveu, e das atividades que desenvolveu buscando manter certa linearidade.

Os elementos que trouxemos, basicamente mostraram sua aldeia e vivências lá, os espaços paulistanos que ocupou e as atividades desenvolvidas para garantir sua sobrevivência. E por fim, a cidade que fincou raízes, Ribeirão Pires, que até hoje vivem muitos de seus descendentes.

Um recurso utilizado constantemente, até por ser sua autobiografia, concomitantemente fonte e objeto de nossa pesquisa, foram as citações da mesma, sendo a cada momento, usadas com intenção que variavam entre exemplificar, comparar, ilustrar

análises feitas. Assim também, com tal intuito utilizamos várias imagens no decorrer dos capítulos.

Manoel Olímpio da rocha Gonçalves, criou o Amigo Manoel, nos deixou AM, um homem austero, honestíssimo, firme, mas acima de tudo, um trabalhador, que não se deixava vencer pelas dificuldades da vida, e encontrou nas palavras válvula de escape para suas lembranças, tristezas, amarguras, poucas alegrias e aventuras. O que mais nos legou foi seu esforço ininterrupto para viver dignamente dos frutos de seu trabalho.

Sempre nos disseram que para trabalharmos bem em nossa pesquisa, precisaríamos nos apaixonar por nosso objeto. Neste ponto, certamente tive vantagem, espero que muitos queiram conhecê-lo, e assim teremos contribuído para os estudos historiográficos sobre o cotidiano e experiências de imigrantes em São Paulo.

ANEXO



PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PIRES

- LEI Nº 2.999, DE 08 DE DEZEMBRO DE 1.987 -

Altera denominações de vias públicas localizadas no Município.-

A Câmara Municipal de Ribeirão Pires aprova e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica o Executivo Municipal autorizado a alterar na forma abaixo a denominação das seguintes vias públicas:

I - JARDIM NOVO OURO FINO

<u>Nova Situação</u>	<u>Antiga Denominação</u>	<u>Localização</u>
Rua Massanore Miyake	Rua Condato	Começa na Estrada da Verginha e termina na Rua Ary Fortes.
Rua Leoneta Confiantine Carvalho	Rua Correntes	Começa na Rua Olavo Júlio Mendes e termina em propriedade particular.
Rua Olavo Júlio Mendes (Júlio Guardacheveiro)	Rua Maruin	Começa no Balão de Retorno na Divisa do Loteamento e termina em propriedade particular.
Rua Ary Fortes	Rua Saigado	Começa no Balão de Retorno na divisa do loteamento e termina na Rua Olavo Júlio Mendes.
Rua Shigero Nishikawa	Rua Timbui	Começa no Balão de Retorno na divisa do loteamento e termina em propriedade particular.

II - JARDIM ITAQUERA

Rua Silvio Nunes	Rua Cananeia	Começa na Estrada de Sapopemba e termina na Rua José Manoel Motça.
Rua Manoel Galhardo Vicente	Rua Igaratá	Começa na Rua José Manoel Motça e termina em propriedade particular.

III - JARDIM ALTEZA





## PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PIRES

LEI Nº 2.999/87 - Fls. 02

Rua Daniel Carpinelli	Rua Apiaí	Começa na Rua Julieta G. Carpinelli e termina na Rua Manoel Neves.
Rua Manoel Olímpio da Rocha Gonçalves	Rua Castelo	Começa da Rua Daniel Carpinelli e termina na Estrada Municipal.
Rua Julieta Gallo Carpinelli	Rua Caucaia	Começa na Estrada Municipal e termina na Rua Daniel Carpinelli.
Rua Francisco Boaretto	Rua Colatina	Começa na Rua Julieta G. Carpinelli e termina no Balão de Retorno.
Rua Antonio Boaretto	Rua Dallas	Começa na Rua Manoel O.R. Gonçalves e termina em propriedade particular.
Rua Pedro do Amaral Bueno	Rua Dobrado	Começa na rua Daniel Carpinelli e termina no Balão de Retorno.
Rua Kazuo Hamagushi	Rua Dormentes	Começa na Rua Julieta G. Carpinelli e termina em propriedade particular.
Rua José Maria Agostinho	Rua Duartina	Começa na Rua Arcangelo Mano e termina em propriedade particular.
Rua Arcangelo Mano	Rua Dumont	Começa na Rua José Maria Agostinho e termina no Balão de Retorno.
Rua Joaquina Carpinelli Fortes	Rua Patagônia	Começa na Rua Bálamo e termina em Balão de Retorno.
Rua Manoel Augusto Neves	Rua Loreto	Começa na Rua Julieta G. Carpinelli e termina na Rua Daniel Carpinelli.
Rua Oswaldo Thomaz	Rua Pancas	Começa na rua Alfredo Della Ricca e termina na Rua Manoel O.R. Gonçalves.
Rua Alfredo Della Ricca	Rua Sarandí	Começa na Rua Julieta G. Carpinelli e termina na Rua Manoel O.R. Gonçalves.



## PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PIRES

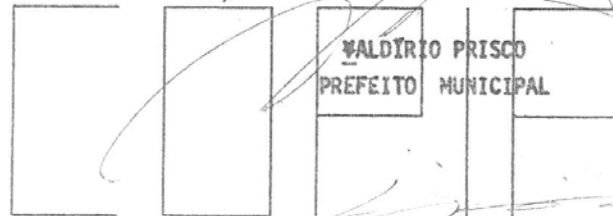
LEI Nº 2.999/87 - Fls. 03

Rua Henrique Turelli	Rua Virauna	Começa na rua Julieta G.Carpinelli e termina no Balão de Retorno.
Rua João de Paiva	Rua Umari	Começa na Rua Manoel O.R.Gonçalves e termina no Balão de Retorno.
Rua Abílio Batista da Silva	Rua Urai	Começa na Rua Julieta G.Carpinelli e termina na Rua Daniel Carpinelli.

Artigo 2º - Nas alterações autorizadas por esta lei é dispensada a exigência da Lei nº 2.964, de 15 de Setembro de 1.987.

Artigo 3º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

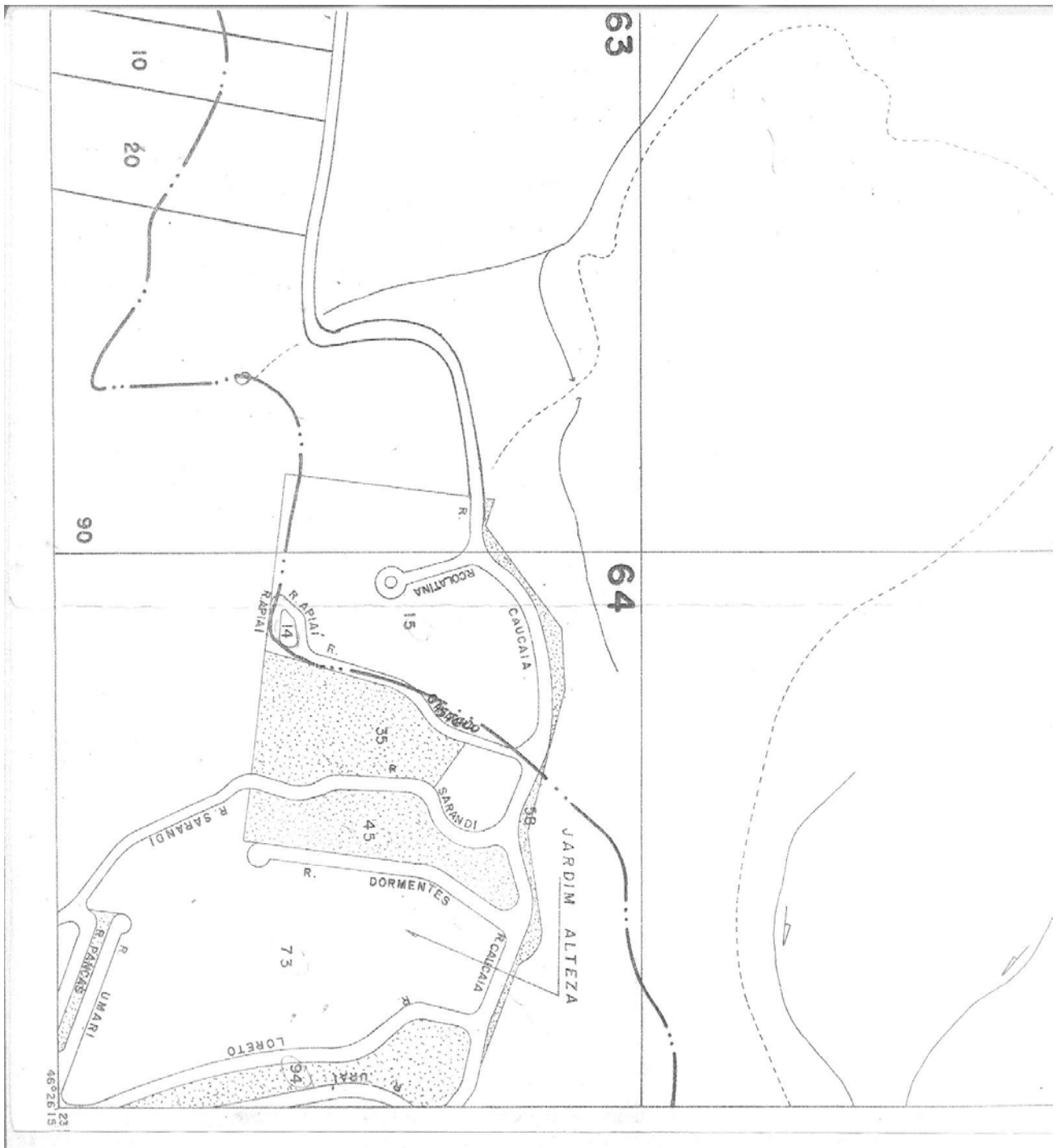
Prefeitura Municipal de Ribeirão Pires, em 08 de Dezembro de -  
1.987 - 273º Ano da Fundação e 33º da Instalação do Município.



VALDIRIO PRISCO  
PREFEITO MUNICIPAL

NEUSA APARECIDA DE FIGUEIREDO ORTIZ  
SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO

Publicada por afixação na portaria da Prefeitura Municipal e Registrada no Cartório de Registro Civil e Anexos.



Observar que linha mais escura com espaçamento e duas bolinhas, corresponde a divisa dos municípios Santo André e Ribeirão Pires e que o nome da rua foi alterado com caneta esferográfica neste mapa, entregue numa solenidade a família de cada um dos homenageados.

## BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

ALBERTI, Verena – *Literatura e autobiografia: a questão do sujeito da narrativa* – Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4 n.7 p.66-81, 1991.

ARIÈS, Philippe – *História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro , Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan S.A., 1981.*

AZZI, Riolando *Formação histórica do catolicismo popular brasileiro*. In: Santos, B.Beni dos. (coord) *A religião do povo – série teologia em diálogo*. São Paulo Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1978.

BAKHTIN, M e VOLÓSHINOV, V. – *Marxismo e Filosofia da Linguagem* – Hucitec São Paulo 1978.

BARTHES, Roland – *Crítica e Verdade* – Tradução de MOISÉS, Leila Perrone Coleção Debates Crítica 24 3ª Ed. São Paulo Perspectiva 1999.

BENJAMIM, Walter - *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Tradução por ROUANET, Sérgio Paulo. *Magia e Técnica Arte e política ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo. Editora Brasiliense Obras Escolhidas v.1.

BILAC, Elisabete *Famílias de trabalhadores: estratégias de sobrevivência*. São Paulo: Símbolo S.A. Indústrias Gráficas 1978.

BOSI, Ecléa – *Memória e Sociedade – lembrança de velhos*. 10ª edição. São Paulo Companhia das Letras – 2003.

BRANDÃO, Maria de Fátima S. *Terra, herança e família no noroeste de Portugal – O caso do Mosteiro no século XIX*. Porto. Edições Afrontamento. 1994.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de (org). – Católicos, Protestantes, espíritas. Petrópolis – Ed. Vozes, 1973

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo – *Domínios da História – Ensaios de Teoria e Metodologia* – Capítulos 11 e 17. Rio de Janeiro – Campus - 1997.

CATELLI, Nora – *El Espacio Autobiográfico*. Espanha. Editorial Lúmen, 1991.

COLLELO, Silvia de Mattos Gasparian – Linguagem escrita e escrita da linguagem – Emília ferreiro e Jean Lê Boulch: um confronto de teorias, 1990.(Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

COSTA, Jurandir Freire – Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro- Edições Graal. Biblioteca de filosofia e história das ciências,vol.5, 1999.

COSTA, Pe. Gelmino CS (org) *Centenário da presença dos missionários de São Carlos no ABC Paulista – novembro de 1904 a novembro de 2004*. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

DAVIS, Natalie Zemon - *O retorno de Martin Guerre* – trad. Denise, Bottman. Rio de Janeiro – Paz e Terra, 1987

DIAS, Maria Odila Silva. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*. Projeto História: Trabalhos da Memória nº 17, São Paulo, Educ 1998, ,p.223-258.

ESTEVES, Laura Leitão – *Entre duas pátrias –o mito do retorno – memória e imaginário de mulheres portuguesas em São Paulo* – Dissertação de Mestrado de Ciências sociais – PUC 2000.

FERNANDES, Rogério (org) – Atas do 1º Congresso Luso Brasileiro de História da Educação: Leitura e Escrita em Portugal e no Brasil 23 a 26 de janeiro de 1996 Vol. I e III – Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação; Porto 1998.

----- As Cortes Constituintes da Nação Portuguesa e a Educação Pública.  
In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (org) – Histórias e Memórias da Educação no Brasil Vol. II - Século XIX – Petrópolis RJ Vozes 2005. p. 19 a 33.

FREITAS, Sonia Maria de – *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas / FFLCH/ USP Imprensa Oficial do Estado 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie – *História e narração em Walter Benjamin* – São Paulo - Editora Perspectiva - 2000

GNERRE, Maurizio – *Linguagem, escrita e poder* – São Paulo. Livraria Martins fontes Ed. 3ª edição 1991

GINZBURG, Carlo – Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_  
*Mito emblemas e sinais: morfologia e história*. trad. Federico Carotti – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.p.143-180.

\_\_\_\_\_ – *O queijo e os vermes: O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição*. Cia. Das Letras 3ª Ed. – São Paulo – 1987.

GHIRARDELLO, Nilson. *À beira da linha: formações urbanas da Noroeste Paulista*. São Paulo. Editora UNESP, 2002.

KUNG, Hans religiões do mundo: em busca de pontos comuns . trad. Carlos Almeida Pereira. Campinas SP, Verus Editora, 2004.

LEJEUNE, Phillipe – *Le pacte autobiographique*. Poétique (revue de théorie et d'analyse littéraires) Seuil. Paris. nº 14 .1973.

----- - *Autobiography in the third person* (artigo em inglês sem referência)

LAMARCHE, Hughes (coord) – A agricultura familiar: comparação internacional – trad. Ângela Maria Naoko Tijuwa. Campinas SP; Ed. Unicamp, 1993.

LORSCHIEDER, Aloísio [et al]– *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus 2005 – (Coleção Comunidade e missão)

MALUF, Marina – *Ruídos da Memória* – São Paulo Editora Siciliano, 1999.

MENDES, Denise. *A ocupação da bacia do Guarapiranga: perspectiva histórico-urbanística* p.39 -67 in. Guarapiranga: recuperação urbana e ambiental no município de São Paulo. Coordenação de Elisabete França . São Paulo – M. Carrilho Arquitetos, 2000.

NÓBREGA, Melo. *História do rio Tietê*. Belo Horizonte Ed. Itatiaia. São Paulo – Ed. Da Universidade de São Paulo. 1981. Reconquista do Brasil v.44.

ORLANDI, Eni Pulcinelli – *Discurso e leitura*. 3ª Ed. Cortez Editora; Campinas 1996.

\_\_\_\_\_ - *O que é lingüística* - São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986 – col. Primeiros Passos 184.

PARK, Margareth Brandini – *Histórias e leituras de Almanques no Brasil* – Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo Fapesp, 1999. col. Histórias de leitura.

PINTO, Maria Inês Machado Borges – *Cotidiano e Sobrevivência: A vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo (1890 – 1914)* Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo 1994.

PENTEADO, Jacob – *Belenzinho, 1910: retrato de uma época*. São Paulo 2 ed. Carrenho Editorial / Narrativa Um, 2003.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (org) *Literatura Confessional - autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1997.

RICOEUR, Paul – *Tempo e narrativa* – Tomo II e Tomo III São Paulo - Editora Papirus, 1995.

RODRIGUES, Ondina Antonio – *Imigração Portuguesa No Brasil*. 3ª Ed. Série Resumos N° 5 Memorial do Imigrante São Paulo 2003.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. – *Nem Tudo Era Italiano – São Paulo e Pobreza (1890 – 1915)* – 1ª Ed. Annablume – São Paulo 1998.

SANTOS, Wanderley dos – *Antecedentes Históricos do ABC Paulista (1550 – 1892)* SECE São Bernardo do Campo 1992.

VALVERDE, Antonio José Romera. – *Pedagogia Libertária e autodidatismo* – Tese de Doutorado defendida pela Unicamp – Faculdade de Educação – Campinas SP [s.n.] 1996.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez – *Ritos de magia e sobrevivência – sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890-1940)*. (tese de Doutorado) FFLCH – julho de 1997.

PERIÓDICOS:

MENEZES, José Edinaldo Gemecê , *História das Histórias – Os anos da Pérola* – Edição especial janeiro de 1998.

O Estado de São Paulo de 28 de agosto de 2003.

Folha de São Paulo de 20 de agosto de 2004.

Sítios acessos realizados de maio de 2004 a março de 2006):

[www.bbc.brasil.com](http://www.bbc.brasil.com) – 26 de setembro de 2002 - texto de Paulo Cabral.



[www.riotiete.com.br](http://www.riotiete.com.br)

[www.citybrazil.com.br](http://www.citybrazil.com.br)

[www.cptm.com.br](http://www.cptm.com.br)

[www.cm-aveiro.pt](http://www.cm-aveiro.pt)

[www.noticiasdeaveiro.pt](http://www.noticiasdeaveiro.pt)

Documentos pessoais de Manoel Olímpio da Rocha Gonçalves, fornecidos por seu filho e representante.

Passaporte

Certidão de embarque

Lei Municipal nº 2999 de 08 de dezembro de 1987, (Ribeirão Pires)

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)